

CRISTIANISMO

Uma Jornada dos Fatos à Ficção

Alguns Outros Livros do Autor

Justiça Absoluta, Benevolência e Parentesco

Um Estudo Elementar do Islã

As Crises do Golfo e a Nova Ordem Mundial

Homeopatia: Cura pela Semelhança

Resposta do Islã às Questões Contemporâneas

Assassinato em Nome de Allah

Revelação, Racionalidade, Conhecimento e Verdade

CRISTIANISMO

Uma Jornada dos Fatos à Ficção

ISLAM INTERNATIONAL PUBLICATIONS LTD.

Cristianismo - uma Jornada dos Fatos à Ficção
por Mirza Tahir Ahmad

Christianity - a Journey from Facts to Fiction
by Mirza Tahir Ahmad

(Portuguese Translation)

Primeira tradução em Português publicada no Brasil em 2022

(Traduzido para o português por Nadeem Ahmad Tahir)

© Islam International Publications Ltd.

Publicada pela:

Islam International Publications Ltd.

Unit 3, Bourne Mill Business Park, Guildford Road,
Farnham, Surrey UK GU9 9PS

Associação Ahmadia do Islã no Brasil

Estrada da Saudade, 215, Petrópolis-RJ, Brasil

Tel: (24) 2242-1385, E-mail: info@ahmadia.org.br

Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios ou formas, eletrônica ou mecânica, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento, sem permissão prévia escrita por parte do Editor.

Para informações adicionais, visite:

Brasil: www.ahmadia.org.br

Internacional: www.alislam.org

ISBN:

CONTEÚDO

<i>Sobre o Autor</i>	<i>ix</i>
<i>Prefácio</i>	<i>xi</i>
<i>Notas do Editor</i>	<i>xvii</i>
<i>Introdução</i>	<i>1</i>

CAPÍTULO I

A FILIAÇÃO DE JESUS CRISTO	9
A Base Científica da Paternidade.....	10
Um Filho Literal de Deus é Possível?	12
Hermafroditismo	14
Partenogênese	14
O Que São Milagres	15
Jesus, o Filho de Deus?	18

CAPÍTULO II

PECADO E EXPIAÇÃO	25
A Expição da Humanidade	26
O Pecado de Adão e Eva.....	27
O Sofrimento Humano Continua.....	31

Pecado Herdado	34
A Transferência do Pecado	36
A Punição Continua Sendo Imposta	38
Justiça e Perdão	45
Não é Possível para Jesus ^{as} Expiar	50
Sacrifício Relutante	52
Quem foi Sacrificado?	56
O Dilema de Jesus ^{as}	58
Será que Deus Pai também Sofreu?	60
O Castigo do Fogo	61
Sacrifício e Contentamento Espiritual	63
Significado da Morte em Relação a Cristo ^{as}	64
Sufrimento Limitado por um Pecado Ilimitado	66
O que a Expição Mudou?	68

CAPÍTULO III

O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO	71
O Espírito Santo e a Criação	73
Mistério ou Paradoxo	76

CAPÍTULO IV

CRUCIFICAÇÃO	79
O sinal de Jonas ^{as}	82
A Promessa de Jesus ^{as} à Casa de Israel	84
Eventos da Crucificação	86

CAPÍTULO V

RENASCIMENTO OU RESSURREIÇÃO	99
Linguagem Vitriólica contra o Povo Sagrado	111
Ascensão	116
O que Aconteceu com o Corpo de Jesus ^{as} ?	117

O Ponto de Vista Ahmadi Muçulmano	121
Casos de Sobrevivência.....	123

CAPÍTULO VI

TRINDADE	127
Inter-Relação dentro da Trindade.....	129
Fases ou Aspectos Diferentes de uma Única Pessoa.....	130
Diferentes Pessoas Partilhando a Eternidade	131
Pessoas Diferente com Características Distintas e Diferentes	135
Pessoas Diferentes com Características Iguais e Idênticas	141

CAPÍTULO VII

A EVOLUÇÃO DO CRISTIANISMO	145
Os Primeiros Seguidores de Jesus ^{as}	146
O Papel de São Paulo.....	149
A Realidade de Jesus ^{as}	151
A Continuidade da Religião	153
O Ápice do Desenvolvimento Religioso	155

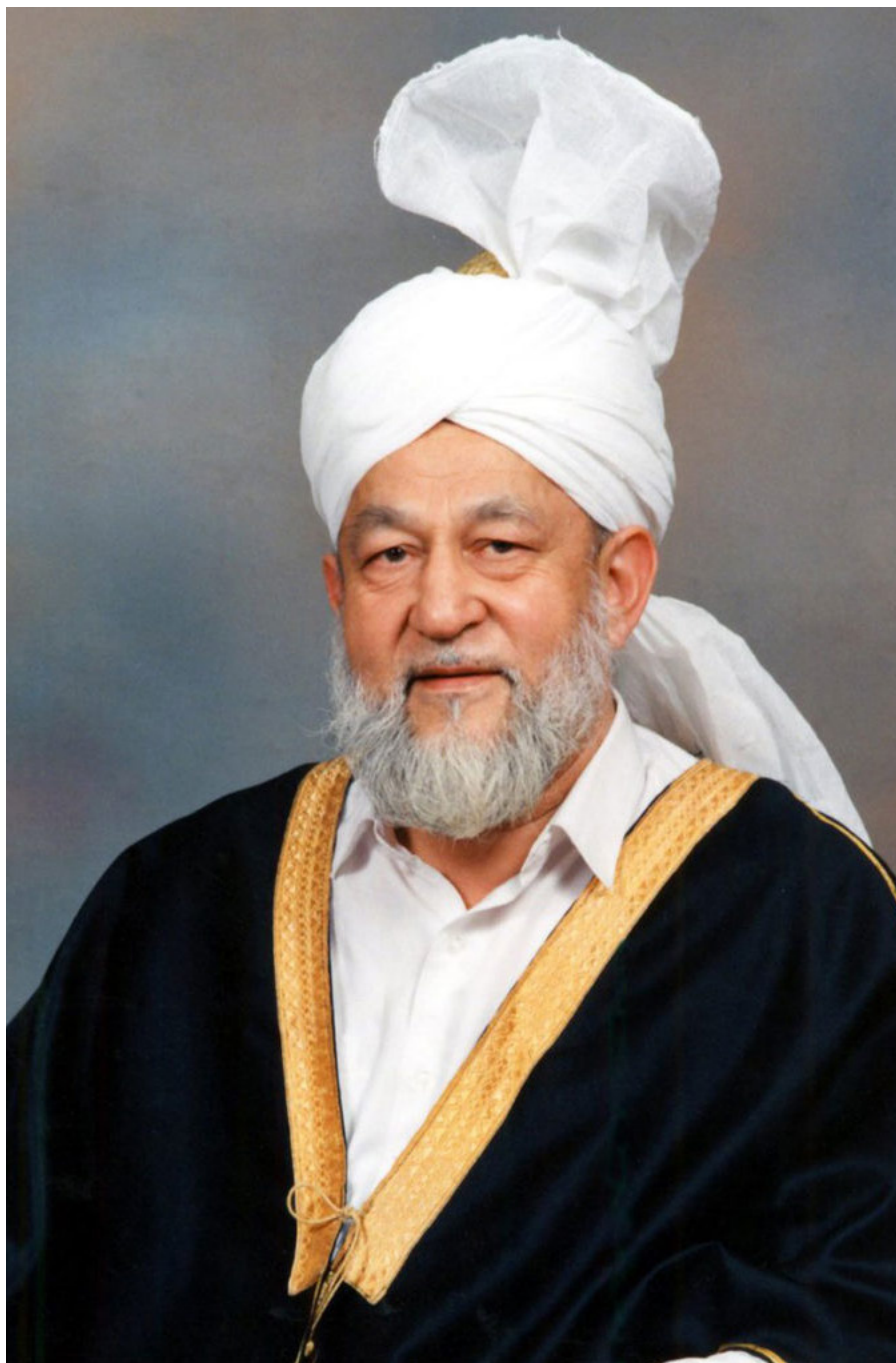
CAPÍTULO VIII

O CRISTIANISMO HOJE	159
Cristianismo e Colonialismo.....	160
O Readvento de Jesus Cristo ^{as}	164
O Messias Prometido	170

CAPÍTULO IX

CONCLUSÃO	181
------------------------	-----

<i>Apêndice I</i>	187
<i>Apêndice II</i>	191
<i>Índice</i>	195



Hadrat Mirza Tahir Ahmad
Khalifatul-Masih IV^{ra}

SOBRE O AUTOR

Ḥaḍrat Mirza Tahir Aḥmad^{ra} (1928-2003), um homem de Deus, voz expressiva da época, um grande orador, um sábio profundamente instruído e culto de inteligência fenomenal, um escritor prolífico e versátil, um estudioso perspicaz de religiões comparadas, era amado e devotamente seguido por seus mais de 10 milhões de seguidores ahmadi muçulmanos por todo o mundo como o seu Imã, líder espiritual, sendo o 4º sucessor de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as} (o Messias Prometido e Mahdi^{as}), à majestosa sucessão de quem ele foi eleito como Khalīfatul Masih em 1982.

Depois da promulgação da lei anti-ahmadia pelo General Zia-ul-Ḥaq em 26 de abril de 1984, ele teve de deixar o seu amado país, Paquistão, e migrou para a Inglaterra, de onde ele lançou a Televisão Ahmadi Muçulmana Internacional (MTA), que iria (e continua a) transmitir a sua programação 24 horas por dia para os quatro cantos do mundo.

Além de ser um líder religioso, ele era um médico homeopata de fama mundial, um poeta extremamente talentoso e um esportista.

Ele fez o seu ensino fundamental em Qadian, na Índia, e, depois, ingressou no Government College, Lahore, no Paquistão. Em seguida, depois de graduar-se com distinção pelo Jamia Ahmadiyya (faculdade de formação religiosa da Comunidade Muçulmana Ahmadia) de Rabwah, no Paquistão, ele obteve o seu diploma em árabe da Punjab University, Lahore. De 1955 a 1957, ele estudou na School of Oriental and African Studies, University of London.

Ele tinha um conhecimento Divinamente inspirado e profundo do Sagrado Corão, que ele traduziu para o Urdu. Ele também fez uma revisão parcial e uma adição de notas explanatórias na tradução do Sagrado Corão em Inglês feita por Ḥaḍrat Maulwi Sher Ali. “Revelation, Rationality, Knowledge and Truth” é a sua magnum opus.

Apesar de não ter tido uma educação formal em filosofia e em ciências, ele tinha uma mente inclinada à filosofia e tratou as mais difíceis e obscuras questões teológico-científicas com grande perspicácia, sendo sua abordagem sempre racional e científica. Para um leigo no assunto, ele tinha um conhecimento surpreendentemente profundo da ciência, especialmente nas ciências ligadas à vida. Ele também tinha um profundo conhecimento da psicologia humana. Sua mente era analítica e de grande inteligência – intelectual, cintilante e brilhante – capaz de resolver problemas complicados com facilidade, deixando os ouvintes e leitores fascinados.

PREFÁCIO

Cristianismo – Uma Jornada dos Fatos à Ficção, por Ḥaḍrat Mirza Tahir Aḥmad^{ra} (1928-2003), Khalifatul Masih IV, foi publicado pela primeira vez no Reino Unido em 1994 pela Islam International Publications Ltd. e está sendo reimpresso agora.

O livro é uma abordagem crítica dos dogmas fundamentais do Cristianismo ou, colocando em terminologia filosófica moderna – aqui usada livremente –, é a desconstrução do mito do Cristianismo. A crítica – ou a desconstrução – é baseada em argumentos lógicos fortes, perfeitos e impecáveis para dismantelar o mito de tal forma que toda a sua estrutura seja desvendada em cerca de duzentas páginas. Bem no início da sua introdução, o autor diz: “Eu escolhi tratar essa questão apenas do ponto de vista da lógica. Eu creio que essa é a única plataforma, comum a todos, que pode ser usada para um diálogo construtivo e frutífero. Do contrário, qualquer discussão baseada no que uma ou outra escritura individual apresenta, junto às suas várias interpretações, levaria a um campo de controvérsias do qual seria difícil sair.” Quando o autor usa evidências das escrituras ou evidências científicas ou históricas, ele as usa apenas para desenvolver seus argumentos lógicos, que são o seu foco. Lógica sendo o seu ponto forte, nenhum leitor imparcial, cristão ou não cristão, achar-se-á na capacidade de desafiar a sua argumentação lógica.

Contudo, quando o autor explode o mito do Cristianismo, ele – Deus perdoe – não pensa em ser desrespeitoso a Jesus Cristo^{as} ou em refutar o Cristianismo entendido como os verdadeiros ensinamentos e exemplos de Jesus Cristo^{as}. Ele diz: “Eu devo enfatizar, contudo, que não pretendo nem penso em, de forma alguma, ser desrespeitoso aos cristãos ou à pessoa de Jesus Cristo^{as}. Como muçulmano, é um artigo fundamental da minha fé acreditar na veracidade de Jesus^{as} e aceitá-lo como um mensageiro especial e honrado de Deus, tendo uma posição singular entre os profetas de Israel. Mas, quando a verdade demanda, com toda a justiça ao senso comum e ao raciocínio humano, não se pode abster de revisar algumas perspectivas do Cristianismo. Meu objetivo não é criar um distanciamento entre os cristãos e Cristo^{as}. Pelo contrário, eu desejo ajudar os cristãos a se aproximarem mais da realidade de Jesus Cristo^{as} e a se distanciarem do mito criado em torno dele.”

O mito Cristão, segundo o autor, levou à decadência moral dos cristãos e ajudou a promover o Imperialismo Ocidental. Além disso, ele também foi um obstáculo no progresso do conhecimento, especialmente do conhecimento científico, que somente foi possível quando o mito foi renunciado, com a infeliz consequência de transformar a maioria dos estudiosos, cientistas e outros intelectuais cristãos em ateus. De fato, o mito tornou a Europa em um campo de desenvolvimento e disseminação do ateísmo.

Colocando de lado o mito e voltando aos fatos, vemos que Jesus Cristo^{as} era um homem e não mais que um homem e um grande Profeta de Deus. “A aua verdadeira grandeza está no fato de ele ter transcendido e vencido as forças das trevas que haviam conspirado para derrotá-lo apesar de ter sido um ser humano e não mais do que isso. Essa vitória de Jesus^{as} é algo a ser compartilhado

com orgulho pelos filhos de Adão^{as}. Ele ensinou a humanidade pelo seu exemplo de perseverança em situação de extrema dor e sofrimento. Não se render e permanecer firme mesmo nos momentos de extrema dificuldade foi a conquista mais nobre de Jesus^{as}. Foi a sua vida de sofrimento e dor [e não a sua fictícia morte na cruz e seu sofrimento de três dias e noites no inferno] que redimi a humanidade.” Ele não, voluntariamente, aceitou a morte: ele venceu a morte.

Eu creio que esse livro tem que ser lido de ponta à ponta. O tema principal do livro – a abordagem crítica das doutrinas Cristãs como a Divindade de Cristo^{as}, sua “Ressurreição”, “Ascensão” e etc. – é coberto nos primeiros seis capítulos. O sétimo capítulo traça a história da evolução do Cristianismo. O último capítulo – Cristianismo Hoje – tem a sua própria importância e não deve ser pulado. Os seus dois principais temas são: (1) a relação do Cristianismo com o Ocidente e (2) a profecia referente à segunda vinda de Cristo^{as}, que foi cumprida com o advento do Messias Prometido, Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}. Analisando a relação do Cristianismo com o Ocidente, o autor faz uma observação muito importante e diz: “Pelo exposto acima, deve ficar evidente que o Cristianismo do qual estamos falando está bem distante do Cristianismo de Jesus Cristo^{as}. Conceber a cultura ocidental como o Cristianismo é um erro manifesto. Atribuir as formas atuais do Cristianismo, em suas diversas esferas, a Cristo^{as} é realmente um insulto para ele. Há exceções, é claro, em toda regra. Nenhuma afirmação é aplicável em sua absoluta totalidade a qualquer grupo de grandes números. Sem dúvida, existe um pequeno número de ilhas individuais de esperança e de vida no mundo cristão, onde sinceridade, amor e sacrifício cristãos são verdadeiramente

praticados. Essas são as ilhas de esperança em torno das quais há furiosos oceanos de imoralidade que estão corroendo-se de forma lenta e gradual e, finalmente, reivindicando mais bordas dessas ilhas. Se o mundo cristão não fosse adornado com esses brilhantes exemplos do Cristianismo praticado em acordo com o espírito de Jesus Cristo^{as} – por mais raros que sejam – uma escuridão total enveloparia o horizonte ocidental. Sem o Cristianismo, não há luz na civilização ocidental, mas, infelizmente, esta luz também está desvanecendo-se rapidamente. É essencial para o mundo cristão voltar à realidade de Cristo^{as} e se curar de sua *identidade dividida* e da *hipocrisia inerente*¹.”

Resumindo o tema da vinda do primeiro Messias – Jesus Cristo^{as} – e a sua segunda vinda na pessoa de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, o autor diz: “Esse é o caso do Messias que foi um fato histórico e não um produto da ficção, e esse, novamente, é o caso de um Messias cujo readvento foi tão realista como o foi a sua primeira aparição como líder Divino comissionado. Cabe inteiramente ao povo dessa época escolher entre viver permanentemente em um mundo de lendas e fantasias e manter-se eternamente à espera dos prometidos reformadores de suas religiões e credos, ou aceitar as sólidas realidades da vida.”

Como muçulmanos, acreditamos em Jesus Cristo^{as} e temos grande amor e honra por esse grande Profeta de Allah. E, como ahmadi muçulmanos, acreditamos na sua segunda vinda, que foi cumprida na pessoa de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, o Messias Prometido e Mahdi. Nós convidamos todo o mundo para Jesus Cristo^{as}, o Profeta de Allah. Nós convidamos todo o mundo para o

1 A formatação em itálico é minha.

Santo Profeta Muhammad^{sa}, o último e o maior Profeta de Allah, sobre cujo advento Jesus Cristo^{as} – assim como outros profetas – profetizou. E nós convidamos todo o mundo para Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, o Messias Prometido e Mahdi, que foi o verdadeiro servo do Santo Profeta Muhammad^{sa}, que foi erguido por Allah à semelhança de Jesus Cristo^{as} e que foi enviado por Allah para completar a missão do Santo Profeta^{sa} – a revivência do Islã e a sua vitória final sobre todas as outras crenças e credos.

Que Allah guie e abençoe todos nós.

Mirza Anas Aḥmad

M.A.M. Litt. (OXON)

Wakīlul Ishā'at

Rabwah

Paquistão

Nota do Editor

Temos o prazer de apresentar a primeira edição da tradução, no idioma Português, do livro “Christianity: A Journey from Facts to Fiction”, escrito originalmente em inglês pelo quarto Califa da Comunidade Muçulmana Ahmadia, Hazrat Mirza Tahir Ahmad^{ra} e publicado pela primeira vez em 1994. Esse livro constitui um importante texto na compreensão do Cristianismo em sua fase atual, apresentando a história do Cristianismo desde os seus momentos iniciais, baseando-se sempre na lógica e em fatos e eventos históricos e científicos autênticos.

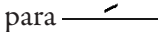
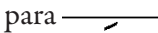
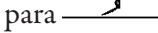
As seguintes abreviaturas foram usadas. Os leitores são incentivados a recitarem as saudações completas na leitura do livro:

- sa *ṣallallāhu ‘alaihi wa sallam*, que significa “que a paz e as bênçãos de Allah estejam com ele”, vem escrito após o nome do Santo Profeta Muhammad^{sa}.
- as *‘alaihis-salām*, que significa “que a paz esteja sobre ele”, vem escrito após o nome de todos os outros Profetas, tirando o Santo Profeta Muhammad^{sa}.
- ra *radīyallāhu ‘anhu/‘anhā/‘anhum*, que significa “que Allah esteja satisfeito com ele(s)/ela(s)”, vem escrito após os nomes dos Companheiros do Santo Profeta Muhammad^{sa} ou do Messias Prometido^{as}.

Na transliteração de palavras em árabe, foi seguido o sistema estabelecido pela Royal Asiatic Society.

- | no início da palavra, pronunciado como *a*, *i*, *u* precedidos por uma leve aspiração, como o *h* na palavra inglesa *honour*.
- ث *th*, pronunciado como *th* na palavra inglesa *thing*.
- ح *h*, uma aspiração gutural, mais forte que o *h*.
- خ *kh*, pronunciado como o *ch* escocês em *loch*.
- ذ *dh*, pronunciado como o *th* inglês em *that*.
- ص *ṣ*, um *s* fortemente articulado.
- ض *ḍ*, similar ao *th* inglês em *this*.
- ط *ṭ*, um *t* palatal fortemente articulado.
- ظ *ẓ*, um *z* fortemente articulado.
- ع ‘, um som gutural forte, cuja pronúncia deve ser aprendida por meio da audição.
- غ *gh*, um som muito próximo ao do *r* *grasseye* no francês e ao *r* no alemão. Requer o músculo da garganta na posição de ‘gargarejo’ em sua pronúncia.
- ق *q*, um som de *k* gutural profundo.
- ء ’, um tipo de captura na voz.

Vogais curtas são representadas por:

- a* para  (como *u* na palavra inglesa *bud*)
- i* para  (como *i* na palavra inglesa *bid*)
- u* para  (como *oo* na palavra inglesa *wood*)

Vogais longas são representadas por:

- ā* para —¹— ou ٱ (como *a* na palavra inglesa *father*);
ī para ى —¹— ou —¹— (como *ee* na palavra inglesa *deep*);
ū para و —¹— (como *oo* na palavra inglesa *root*);

Outras:

- ai* para ى —¹— (como *i* na palavra inglesa *site*);
au para و —¹— (como *ou* na palavra inglesa *sound*)

Note-se que, na transliteração de palavras, a letra 'e' tem a pronúncia similar àquela na palavra inglesa 'prey', que rima com a palavra inglesa 'day'; contudo, a pronúncia é plana, sem o elemento de ditongo inglês. Se o 'e' for prolongado um pouco mais em palavras de Urdu ou Persa, a pronúncia é transliterada como 'ei' para ser pronunciada como na palavra inglesa 'feign' sem o elemento de ditongo. Assim, a palavra 'ع' é transliterada como 'Kei'. Para o som nasal de 'n', utilizamos o símbolo ' '. Dessa forma, a palavra 'من' do Urdu é transliterada como 'mei'.

As consoantes não incluídas na lista acima têm o mesmo valor fonético que têm nos principais idiomas da Europa. Não transliteramos palavras árabes que se tornaram parte do idioma, e.g. Islã, Qur'an, Hadith, Mahdi, Jihad, Ramadan, Ummah, etc.

Note-se, também, que foram usados apóstrofes de dois tipos na transliteração: ' para ع e ' para ء, enquanto vírgulas e apóstrofes foram usados normalmente de forma regular.

O Editor

Introdução

A pessoa de Jesus Cristo^{as} é de vital importância para o mundo contemporâneo. A sua importância não está confinada apenas ao mundo cristão, mas também se estende a outras grandes religiões como o Judaísmo e o Islã, em particular. Se essas poderosas religiões se unissem num entendimento comum sobre a natureza da pessoa de Jesus Cristo^{as}, seu primeiro e seu prometido segundo advento, tal entendimento levaria à resolução de vários problemas que confrontam a humanidade hoje. Infelizmente, até mesmo os fatos mais básicos sobre a vida de Jesus^{as}, seu propósito, sua ideologia e sua pessoa são completamente mal entendidos. Em suas concepções sobre esses aspectos, essas religiões estão tão fortemente em discordância entre si que uma pequena rivalidade entre elas se torna inevitável.

Quando nós olhamos para os fatos da crucificação e consideramos o que aconteceu e por que, assim como a redenção e a filosofia a ela relacionada, nós encontramos respostas conflitantes das várias fontes antigas. Eu escolhi tratar essa questão apenas do ponto de vista da lógica. Eu creio que essa é a única plataforma, comum a todas, que pode ser usada para um diálogo construtivo e frutífero. Do contrário, qualquer discussão baseada no que uma ou outra escritura individual apresenta, junto às suas várias interpretações, levaria a um campo de controvérsias do qual seria difícil sair.

Dois mil anos já se passaram e, mesmo assim, nenhuma solução – baseada apenas nas escrituras – aceitável a todos foi atingida até hoje. O cerne do problema é que a confiabilidade de algumas declarações das escrituras é acompanhada ainda por suas divergentes explicações. Além disso, imensas complicações surgem do gradual aumento dos conflitantes entendimentos que giram em torno da pessoa de Cristo^{as}. A visão de uma perspectiva histórica tende, geralmente, a ser confundida e obscurecida. Por quaisquer padrões que sejam, a passagem de dois milênios não é um obstáculo simples na compreensão de eventos tão distantes quanto os da época de Jesus^{as}. A lógica e a razão humanas, adicionadas ao amanhecer do conhecimento científico, não têm credo, nem cor, nem religião. Elas são comuns a todas as pessoas e religiões igualmente. A lógica, e ela somente, pode fornecer-nos uma base para o consenso.

Eu tentarei examinar o problema sob diferentes pontos de vista. Primeiramente, deixem-me começar com o Cristianismo e a vê-lo como os cristãos o vêem e, então, analisá-lo criticamente sob a lente da razão. Eu devo enfatizar, contudo, que não pretendo nem penso em, de forma alguma, ser desrespeitoso aos cristãos ou à pessoa de Jesus Cristo^{as}. Como muçulmano, é um artigo fundamental da minha fé acreditar na veracidade de Jesus^{as} e aceitá-lo como um mensageiro especial e honrado de Deus, tendo uma posição singular entre os profetas de Israel. Mas, quando a verdade demanda, com toda a justiça ao censo comum e ao raciocínio humano, não se pode abster de revisar algumas perspectivas do Cristianismo. Meu objetivo não é criar um distanciamento entre os cristãos e Cristo^{as}. Pelo contrário, eu desejo ajudar os cristãos a

se aproximarem mais da realidade de Jesus Cristo^{as} e a se distanciar-rem do mito criado em torno dele.

O tempo consegue distorcer a realidade em mitos e lendas. A influência de tais lendas apenas serve para distanciar o homem das realidades da vida. Como consequência, a fé torna-se imaginária e irreal, enquanto a verdadeira fé tem raízes nas verdades e nos fatos históricos e é bem real e potente o suficiente para trazer significativas mudanças na sociedade humana.

Na tentativa de entender a verdadeira fé e os reais ensinamentos de Jesus^{as}, é essencial separar os fatos da ficção e a verdade dos mitos. A busca pela verdade é o objetivo principal desse trabalho. Eu espero que vocês acreditem em mim e entendam que eu não quero ofender as crenças ou os sentimentos de ninguém.

Um tratamento crítico às questões é essencial para salvar o mundo do Cristianismo de uma infeliz degradação moral – o curso da qual está parecendo muito difícil de ser revertido. De acordo com a minha análise, os jovens contemporâneos estão rapidamente perdendo sua fé em Deus. Houve um tempo em que os cientistas começaram a distanciar-se de Deus porque pensaram que o entendimento judaico-cristão da natureza, como apresentado no Antigo e no Novo Testamentos, não era real. O entendimento do mundo, dos corpos celestes e do que está mais além, como construído a partir do estudo da Bíblia, parece estar bem excluído das realidades dos descobrimentos científicos, trazidos à luz no início do Renascimento. A paralaxe entre eles continuou a crescer conforme a ciência progrediu e o entendimento humano da natureza passou por uma revolucionária mudança. Isso, além de outros fatores, iniciou, entre a parcela letrada da sociedade, uma tendência fatal para se distanciar de Deus. Depois, conforme a educação se

espalhou longínqua e amplamente, grandes universidades e cadeiras de aprendizagem tornaram-se campos de desenvolvimento e disseminação do ateísmo. O dilema do entendimento judaico-cristão do universo foi que nele prevaleceu uma contradição entre a palavra de Deus e o ato de Deus. O argumento contra a crença em Deus tomou o seguinte curso: se Deus é o Criador do universo e de tudo o que está nele, e se Ele é o Designador e Mantedor das leis da natureza, conforme descobertas e investigadas pelas mentes humanas, então, como poderia Ele mesmo estar tão completamente desinformado sobre tais realidades?

Quando uma pessoa estuda o conto Bíblico sobre como o Céu e a Terra foram criados e como o homem foi moldado do barro e Eva^{as} feita da costela de Adão^{as} (dois exemplos de todo um conjunto de surpreendentes discrepâncias entre a palavra e o ato de Deus), ela fica impressionada e fascinada com as contradições gritantes entre a origem da vida na Terra e o conto Bíblico apresentado em Gênesis.

Tais circunstâncias fizeram a Igreja tomar uma postura opressiva naqueles tempos em que tinha uma autoridade política inquestionável. Um exemplo famoso é o do conflito entre a Igreja e Galileu. Quando Galileu (1564-1642) publicou suas descobertas sobre o sistema solar, elas enfureceram a Igreja porque iam contra as percepções que ela tinha sobre o mesmo. Sob extrema pressão, ele foi forçado a renunciar suas descobertas científicas em público. Do contrário, ele seria morto torturadamente. Mesmo assim, ele foi aprisionado em sua casa pelo resto de sua vida. Somente em 1992 a Igreja decidiu reverter o julgamento passado contra Galileu, depois de prolongadas deliberações que duraram doze anos, por um comitê criado pelo Papa João Paulo II.

No início, o impacto dessas contradições não penetrou nem infiltrou nas camadas comuns da sociedade e, por algum tempo, ficou confinado a uma pequena parcela de intelectuais. Mas, com a propagação da luz do conhecimento secular, a dita “luz das crenças religiosas” diminuiu até uma comparativa escuridão. No período inicial do Renascimento (século XV), as atividades dos cientistas permaneceram confinadas dentro dos seus próprios círculos iluminados. Um amplo contato entre eles e o público em geral, como existe hoje, não havia sido estabelecido. Assim, o seu ateísmo não influenciou muito a sociedade em geral. Contudo, quando a educação universal ficou disponível para os jovens das nações avançadas, as coisas começaram a mudar rapidamente para um rumo complicado para a religião. Seguiu-se, então, uma época de filosofia e racionalidade. Juntamente com as ciências, novas filosofias sociais e psicológicas também começaram a proliferar-se rapidamente, especialmente nos séculos XIX e XX.

Conforme as novas filosofias materialistas se misturaram com o pensamento e o desenvolvimento seculares, elas causaram grandes danos à base fundamental da religião, ou seja, a crença em Deus. Moralidade é sempre governada e protegida pela crença em Deus. Se essa crença ficar fraca e deficiente, ou se houver algo de errado nela, então a moralidade é influenciada no mesmo grau. Se, por exemplo, a crença em Deus entrar em choque com o conhecimento secular da natureza e as regras do senso comum, então, lenta e progressivamente, a qualidade da crença em Deus das pessoas se corroe, havendo um correspondente efeito negativo em sua moral. Para todos os propósitos práticos, a sociedade transforma-se, então, numa sociedade ateísta, por mais pessoas quer que restem crentes em Deus. Não é difícil definir essa situação

e averiguar a qualidade da crença em Deus de uma sociedade. Quanto mais fraca ou deficiente for essa crença, mais frágil e delicado se torna o seu controle sobre a qualidade moral das pessoas. Sempre que os dois interesses se chocarem, a crença em Deus dará lugar a impulsos de imoralidade.

Aplicando esses critérios a qualquer sociedade religiosa em qualquer lugar do mundo, sempre podemos tirar conclusões corretas e confiáveis. Colocando em teste a dita crente sociedade cristã, pode-se, simplesmente, perguntar se os valores cristãos prevalecem em sua sociedade ou não. Eles tratam seus vizinhos da forma que os Dez Mandamentos o requerem ou não? Em situações de crises nacionais, guerras, etc., eles aplicam os princípios cristãos aos seus adversários ou não? As inocentes vítimas de agressões e assaltos oferecem a outra face quando batidos em uma face ou não? A questão é sobre o quanto a conduta da pessoa em sua vida reflete a imagem de sua crença. Se ela não reflete, isso é exatamente o que nós sugerimos ao dizer que a crença em Deus entra em choque com impulsos e requisitos humanos. Se, no entanto, a crença em Deus manter-se suprema e forem os desejos e impulsos humanos que se sacrificarem no altar daquela crença, então, pode-se dizer, verdadeiramente, que, qualquer que seja a natureza da crença, ao menos ela é genuína, sincera e forte.

Observar o mundo do Cristianismo como ele é hoje e aplicar esse teste para julgar a qualidade da crença em Deus tornam-se experiências depressivas e desilusórias. O que geralmente é visto é uma aberta rebelião contra a crença em Deus e, às vezes, uma revolta passiva que não é traduzida em negação clara. É a contradição entre a crença em Deus e as práticas dos indivíduos que dá a ilusão de haver uma sociedade religiosa de crentes, enquanto

a verdade é bem diferente. O mesmo se aplica, em larga escala, a todas as outras sociedades religiosas. Mas, em cada caso, não é sempre a mesma causa que produz um efeito similar. O caso de cada sociedade tem de ser tratado baseando-se nos méritos do correspondente caso. É por isso que uma análise genuína, imparcial, sincera e analítica da natureza das contradições entre as crenças das pessoas e as suas práticas adquire uma importância tão grande.

É importante observar que, às vezes, a crença em si é torta e artificial. Por exemplo, algumas partes dos ensinamentos do Talmud que dizem respeito aos Gentios e os ensinamentos hindus de *Manu Samarti*¹ a respeito dos Intocáveis são tais que se torna uma bênção para aquelas sociedades não os praticarem. Outras vezes, a crença em si é boa e será benéfica se praticada, mas as pessoas se tornam corruptas e a crença é abandonada como sendo muito difícil e demandante para ser levada a sério.

Voltando à questão do Cristianismo, nós propomos que as crenças cristãs, em seus fundamentos, colidem com as realidades da natureza e não obedecem as expectativas humanas baseadas na racionalidade e no senso comum. Por essa perspectiva, foi simplesmente natural os cristãos afastarem-se de levar as suas crenças a sério e permitirem que elas modelassem suas vidas.

1 Um livro escrito por Manu, um santo hindu. [Editores]

Capítulo I

A Filiação de Jesus Cristo

A relação “pai-filho” entre Deus e Jesus Cristo^{as} é central para o Cristianismo. Vamos, primeiro, tentar entender qual é o significado de ser um filho literal. Quando n A relação “pai-filho” entre Deus e Jesus Cristo^{as} é central para o Cristianismo. Vamos, primeiro, tentar entender qual é o significado de ser um filho literal. Quando nos concentramos sobre o significado de ser um filho literal de um pai literal, começam a aparecer coisas que nos obrigam a rever a nossa opinião sobre a “Filiação” de Jesus^{as}. O que é um filho? Durante o período em que a ciência não havia, ainda, desenvolvido e descoberto como uma criança nasce, essa questão só podia ser respondida vagamente. Pessoas da antiguidade pensavam que era bem possível para Deus ter um filho através do nascimento humano. Era uma crença predominante em quase todas as sociedades pagãs em diferentes partes do mundo. A mitologia grega está cheia de contos desse tipo e a mitologia hindu não fica

muito atrás também. A possibilidade de os chamados Deuses terem filhos e filhas, tantos quantos quisessem, de fato, nunca foi seriamente desafiada pela razão humana. Mas, agora, a ciência se desenvolveu até um tal estágio em que o processo de nascimento humano tem sido descrito com mais detalhes do que nunca. Esse assunto se tornou muito complicado e, aqueles que ainda acreditam que filhos e filhas literais podem nascer de Deus, têm problemas muito graves para resolver algumas questões muito difíceis de serem respondidas.

A Base Científica da Paternidade

Antes de tudo, deixem-me lembrá-los que a mãe e o pai participam igualmente na produção de uma criança. As células dos seres humanos contêm 46 cromossomos, que carregam os genes, ou seja, os filamentos carregadores das características da vida. O óvulo de uma mãe humana possui apenas 23 dos 46 cromossomos, que é metade do número encontrado em cada homem e em cada mulher. Quando o óvulo da mãe está pronto e disponível para a inseminação, a outra metade dos cromossomos que lhe falta é fornecida pelo esperma masculino, que, então, entra no mesmo e o fecunda. Esse é o desígnio de Deus. Caso contrário, o número de cromossomos começaria a duplicar em cada geração seguinte. Como resultado, a segunda geração teria 92 cromossomos. Desta forma, os seres humanos, em breve, seriam transformados em gigantes, e todo o processo de crescimento correria loucamente. Deus planejou e projetou o fenômeno da sobrevivência das espécies de maneira tão bela que, em níveis de produção de células

regenerativas, cromossomos são reduzidos à metade em número. O óvulo da mãe contém 23 cromossomos, assim como o esperma do pai. Sendo assim, pode-se esperar, razoavelmente, que metade dos genes da criança sejam fornecidos pelo sexo feminino e metade pelo parceiro masculino. Esse é o significado de um filho literal. Não há outra definição de um filho literal que possa ser atribuída a qualquer nascimento humano. Existem variações quanto à maneira do andamento do processo, mas não há exceções às regras e aos princípios explicados.

Focalizando a nossa atenção sobre o nascimento de Jesus^{as}, vamos construir um cenário que possa ter ocorrido em seu caso. A primeira possibilidade que pode ser considerada, cientificamente, é que o óvulo infertilizado de Maria providenciou os 23 cromossomos como parte da mãe na formação do embrião. Assim sendo, surgiria a questão a respeito de como o óvulo foi fertilizado e donde os restantes 23 cromossomos essenciais teriam vindo? É impossível sugerir que as células de Jesus^{as} tivessem apenas 23 cromossomos. Nenhuma criança humana pode nascer viva mesmo com 45 cromossomos. Mesmo que um ser humano fosse privado de um único cromossomo dos 46 necessários, o resultado seria algo caótico. Isso, é claro, supondo que houvesse algum resultado. Cientificamente, Maria não poderia fornecer os 46 cromossomos sozinha; 23 cromossomos teriam que ter vindo de outro lugar.

Se Deus for o pai, surgem várias opções. Primeiro: Deus também tem os mesmos cromossomos que os seres humanos, e esses foram, de alguma forma, transferidos para o útero de Maria. Isso é inacreditável e inaceitável e, se Deus tem os cromossomos de seres humanos, significa que ele já não é Deus. Dessa forma, como

consequência da crença em Jesus^{as} como o “Filho” literal de Deus, até a divindade do Pai fica em perigo.

A segunda possibilidade é que Deus criou os cromossomos extras por um fenômeno sobrenatural de criação. Em outras palavras, eles não pertencem à pessoa de Deus, mas foram criados milagrosamente. Isso automaticamente nos levaria a rejeitar a relação de Jesus^{as} com Deus como uma relação entre uma criança e seu pai e resultaria na relação de todas as coisas do Universo com Deus, isto é, a relação de todos os seres criados com o seu Criador.

Um Filho Literal de Deus é Possível?

Evidentemente, portanto, a filiação literal de Deus é impossível, pois um filho literal deve ter metade dos cromossomos do seu pai e metade dos cromossomos da sua mãe. Assim, outro problema também surgiria: o filho seria metade homem e metade Deus. Mas, aqueles que acreditam na filiação literal, clamam e insistem que Cristo^{as} era tanto um homem perfeito quanto um Deus perfeito.

Se os cromossomos eram a metade do número necessário, nós não ficamos com nenhum problema, já que nenhuma criança nasceria de qualquer forma. Suponha que foi isso o que aconteceu: essa criança seria apenas metade de um homem. Não é preciso mencionar a falta de vinte e três cromossomos completos, pois mesmo um único gene defeituoso dentro de um cromossomo pode destruir uma criança que nasceu com tal defeito congênito. Ela pode ser cega, sem membros, surda, muda. Enfim, os perigos

de um erro desses são ilimitados. É preciso ser realista: é impossível conceber Deus possuindo quaisquer cromossomos, sejam humanos ou não.

Portanto, com a contribuição pessoal física de Deus excluída da história, se um filho nasceu de Maria apenas com os genes do caráter humano possuídos por seu óvulo, seja qual fosse o resultado, esse certamente não seria o “Filho” de Deus. Na melhor das hipóteses, poderíamos descrever uma aberração da natureza dessas como sendo metade de um homem e nada mais. Se os órgãos reprodutivos de Maria eram como os de qualquer outra mulher e, ainda assim, o óvulo foi capaz de fertilizar-se de alguma forma por si só, o máximo que se pode esperar é a criação de algo com apenas metade das características humanas. É abominável chamar alguma coisa assim de o “Filho” de Deus.

Então, como foi que Cristo^{as} nasceu? Entendemos que a investigação sobre o tema do nascimento com uma mãe solteira, sem a participação de um macho está sendo realizada em muitos países avançados do mundo. Mas, até o momento, o conhecimento humano está numa fase em que a investigação científica ainda não avançou a um tal nível em que provas positivas irrefutáveis de nascimentos virgens em seres humanos possam ser produzidas. No entanto, todos os tipos de possibilidades continuam em aberto.

Em níveis inferiores de vida, dois fenômenos são cientificamente bem conhecidos: partenogênese e hermafroditismo. Dessa forma, o nascimento miraculoso de Jesus^{as} a Maria^{as} pode ser entendido como pertencente a algum fenômeno natural semelhante, mas muito raro, cujas periferias ainda não estão plenamente compreendidas pelo homem.

Seguem-se breves descrições dos fenômenos da partenogênese e do hermafroditismo. Os leitores interessados em um tratamento mais científico do assunto, com base na compreensão atual, podem consultar o Anexo II.

Hermafroditismo

Esse termo se aplica quando os órgãos de ambos os sexos estão presentes dentro de uma única fêmea e os cromossomos apresentam ambos os caracteres masculinos e femininos alinhados lado a lado. Exames laboratoriais revelaram casos como o de um coelho hermafrodito que, em uma etapa, serviu várias fêmeas e gerou mais de 250 jovens de ambos os sexos, enquanto na outra etapa, ficou grávido em isolamento e deu à luz sete indivíduos jovens saudáveis de ambos os sexos. Quando autopsiado, na condição de grávido, mostrou dois ovários funcionais e dois testículos inférteis. Estudos recentes sugerem que tal fenômeno é possível, embora raramente, também entre os seres humanos.

Partenogênese

Esse é o processo de desenvolvimento assexuado de um óvulo feminino em um indivíduo, sem a ajuda de um agente do sexo masculino. Esse fenômeno é observado em vários níveis inferiores de vida, tais como pulgões e peixes. Há também evidências de que a partenogênese pode ser uma estratégia bem sucedida entre os lagartos que vivem em condições de baixa e imprevisível pluviosidade.

Em condições de laboratório, embriões de ratos e coelhos foram desenvolvidos partenogeneticamente até um estágio equivalente à metade do caminho da gravidez, mas depois foram abortados. Em estudos recentes, os embriões humanos podem ser ativados ocasionalmente por partenogênese usando ionóforo de cálcio como catalisador. Essa pesquisa levanta a possibilidade de que algumas perdas de gravidez precoce humana podem ter envolvido a ativação partenogenética do embrião.

De acordo com as pesquisas mais recentes, contudo, a possibilidade do nascimento virgem foi mostrada ser cientificamente possível. Um relatório na *Nature Genetics* de outubro de 1995 discute o notável caso de um menino de três anos cujo corpo é derivado, em parte, de um ovo não fertilizado. Os pesquisadores examinaram sequências de DNA dos cromossomos X da pele e do sangue do menino e descobriram que os cromossomos X em todas as suas células eram idênticos uns aos outros e haviam derivado inteiramente de sua mãe. De forma similar, ambos os membros de cada um dos 22 outros pares de cromossomos em seu sangue eram idênticos e derivados inteiramente de sua mãe.

O Que são Milagres?

Com a possibilidade de nascimentos virgens em aberto, o assunto não fica tão impossível e artificial. Para que a necessidade de procurar uma explicação sobrenatural para o nascimento de Jesus^{as}, ou mesmo, ir mais além ao ponto extremo de acreditar no nascimento de um "Filho" literal de Deus através de um nascimento humano? Quando tudo isso é observado como um fato da natureza, por

que é tão difícil acreditar que o nascimento de Jesus Cristo^{as} foi um fenômeno natural oculto, ocorrido por um plano especial de Deus? Algo aconteceu em Maria, que deu a essa criança um nascimento milagroso, sem um homem ter tocado nela. A crença da Comunidade Muçulmana Ahmadia é que foi exatamente isso o que aconteceu. Nosso ponto de vista é inabalável, pois nenhum cientista pode negá-lo referindo-se a isso como um absurdo ou como contrário às leis conhecidas da natureza.

Milagres não são vistos no Islã como ocorrências não naturais, mas como fenômenos naturais que são, ou podem estar, ocultos do conhecimento humano na época em que ocorrem. Caso contrário, seriam levantadas muitas questões contra a sabedoria de Deus. Se Deus mesmo criou as leis da natureza, Ele deve tê-las feito de forma que, sem quebrá-las, pudesse trazer a solução desejada a um dado problema.

Nem todas as leis são conhecidas pelo homem. Há diversas categorias de leis trabalhando em diferentes camadas e planos. Às vezes, elas são conhecidas pelo homem apenas em um plano e a visão do homem não é capaz de penetrar mais além. Conforme o tempo passa, o conhecimento do homem aumenta, assim como a penetração da observação humana e a sua capacidade de observar leis que, até então, permaneciam despercebidas. Conforme a ciência progride, novas descobertas lançam mais luz sobre essas leis, que parecem trabalhar em conjunto. Assim, não apenas a sua função é mais bem compreendida, mas também a sua interação com as outras leis.

Aquelas coisas que pareciam milagres nos tempos antigos já não o são considerados assim. Milagres são “milagres” apenas em relação ao conhecimento do homem em um período de tempo

específico. Quando um exercício especial do poder de Deus é apresentado, uma lei é, aparentemente, quebrada. Mas não é, de fato, isso o que acontece. É uma lei oculta que já estava lá e entrou em operação através do comando de Deus. O povo daquele tempo não podia entender tal lei nem tinha qualquer controle sobre ela. Por exemplo, a força do magnetismo não era conhecida pelo homem há alguns milhares de anos. Se alguém tivesse, acidentalmente, descoberto essa força e tivesse feito um dispositivo pelo qual ele conseguia levitar coisas sem nenhuma causa aparente perceptível a olho nu, então ele poderia exclamar, para o espanto de todos: “Um milagre aconteceu!”. Hoje, esses truques são considerados comuns e triviais.

O conhecimento do homem é limitado ao passo que o de Deus é ilimitado. Se uma lei que está além do alcance do conhecimento do homem entra em operação, parece um milagre. Mas, em tais casos, olhando retrospectivamente após entender a natureza deles por meio dos conhecimentos adquiridos, podemos descartar todas essas chamadas “violações das leis da natureza” e percebê-las como fenômenos meramente naturais que não foram totalmente compreendidos pelo homem daquela época. É por isso que eu disse que tinha que haver um fenômeno natural responsável pelo nascimento de Jesus Cristo^{as}, a partir somente de sua mãe, que era desconhecido pelo homem daquela época e, mesmo o homem de hoje, ainda não o entende completamente. Mas a ciência está avançando nessa direção e muito mais está sendo compreendido. Um tempo, portanto, pode vir, quando ninguém será capaz de afirmar que o nascimento de Jesus^{as} não foi natural. Eles terão que concordar que foi uma ocorrência natural, mas rara; tão rara que pouquíssimas vezes ocorreu na experiência humana.

Jesus^{as}, o *Filho de Deus*?

Existem muitos outros problemas na compreensão cristã sobre Jesus^{as}, sua natureza e sua relação com Deus. De um estudo crítico e analítico da doutrina cristã, o que emerge é que há um “Filho de Deus”, que possui as características tanto de um homem perfeito como também de um Deus perfeito. No entanto, lembre-se que, mesmo de acordo com a doutrina cristã, o Pai não é exatamente como o “Filho”. O Deus Pai, é um Deus perfeito, mas não um homem perfeito, enquanto o “Filho” é tanto um homem perfeito, como também um Deus perfeito. Nesse caso, essas duas são personalidades distintas com características diferentes.

É preciso ter consciência de que essas características não são transferíveis. Existem caracteres em certas substâncias que são transferíveis. Por exemplo, a água pode virar neve ou vapor sem causar qualquer alteração na substância ou na composição da água. Mas as diferenças nas características de Deus e de Cristo^{as}, onde determinadas características são adicionadas a um deles, são inconciliáveis. Não é possível, para qualquer um deles, passar por essa transformação e continuar sendo indistinguível do outro. Isso, novamente, é um problema e um problema grave na questão sobre se Jesus Cristo^{as} era um Deus perfeito e também um homem perfeito.

Se ele possuiu ambas as características simultaneamente, então, ele era certamente diferente do Pai, que nunca foi um homem perfeito e nem, sequer, um homem imperfeito. Que tipo de relacionamento era esse? Era o “Filho” maior do que o “Pai”? E se essa característica adicional não fez o “Filho” maior, então deve

ter sido algum defeito. Nesse caso, um “Filho de Deus” defeituoso não é apenas contra as reivindicações do cristianismo, mas, também, é contra o entendimento universal a respeito de Deus. Como, portanto, alguém poderia compreender o princípio paradoxal do cristianismo, que nos quer fazer crer que “Um em Três” e “Três em Um” são a mesma coisa, sem diferença alguma. Isso só pode acontecer quando a própria fundação de uma crença não é erguida sobre uma base fatural, mas meramente sobre um mito.

Há, ainda, outro problema a ser resolvido: se Jesus^{as} tornou-se o “Filho de Deus” por consequência de seu nascimento do ventre de Maria, então qual era a sua posição antes disso? Se ele era eternamente o “Filho”, mesmo antes de ter nascido de Maria, por que era necessário dar nascimento a ele em uma forma humana? Se isso era necessário, então a qualidade de “Filho” não era eterna, mas só se tornou uma característica acrescentada depois que lhe foi dada a luz e desapareceu quando ele deixou o corpo e voltou para o céu. Sendo assim, há muitas complexidades brotando de uma crença que o senso comum rejeita. Convido-o, novamente, a aceitar um cenário muito mais respeitável e realista: o de acreditar que o nascimento de Jesus Cristo^{as} foi uma criação especial interposta por Deus, que ativou algumas leis ocultas da natureza. Jesus^{as} era o filho metafórico de Deus, amado por Ele de modo especial, mas um ser humano, sem qualquer diferença nesse aspecto. Seu status de “Filho” foi anexado à sua pessoa cerca de trezentos anos depois para permitir que a sua lenda continuasse viva – isso será discutido mais tarde.

Sobre a questão da natureza da relação nupcial entre Deus Pai e Maria, esse é um assunto que uma pessoa detestaria discutir descaradamente. No entanto, na tentativa de compreender o papel

de Maria na intermediação entre o “Pai” e o “Filho”, esse é um mal inevitável. Talvez seja a mesma pergunta que incomodou tanto a Nietzsche que ele, enfim, deu vazão à sua reprimida insatisfação sobre essa questão com as seguintes palavras:

“Pouco depois de se livrar do encantador, Zaratustra viu outra pessoa sentada à beira do caminho que ele seguia; um homem alto e escuro, de semblante pálido e afilado; este contrariou-se extraordinariamente. ‘Mal vai!’ – disse consigo. – ‘Vejo aflição mascarada, que parece coisa de sacerdotes. Que querem estes no meu reino?’... ‘Quem quer que sejas’ – disse –, ‘viajante errante, auxilia um extraviado a quem poderia suceder alguma desgraça!’

‘Isto aqui é para mim um mundo estranho e longínquo; também ouvi rugidos de feras; e quem poderia dar-me guarida já não existe.’

‘Procurei o último homem piedoso, um santo e um ermitão, único que no seu bosque ainda não ouvira dizer o que toda a gente hoje sabe.’

‘Que é que toda a gente sabe hoje?’ – perguntou Zaratustra. – ‘Talvez já não esteja vivo o Deus antigo, o Deus em quem dantes acreditava toda a gente?’

‘Assim o dizes’ – respondeu tristemente o velho. – ‘E eu servi esse Deus antigo até à sua última hora. Agora, porém, estou

fora de serviço; encontro-me sem amo e, apesar disso, não sou livre; por isso só me comprazo nas minhas recordações.'

'Por isso subi a estas montanhas, para tornar a celebrar aqui uma festa, como convém a um antigo Papa e padre da Igreja, – porque fica sabendo que sou o último Papa! – uma festa de piedosas lembranças e culto a Deus.'

'Mas agora morreu o mais piedoso dos homens, esse santo do bosque que continuamente louvava Deus com cantos e preces.'

'Já o não encontrei quando descobri a choça; mas vi lá dois lobos que uivavam por causa da sua morte – porque todos os animais o amavam. – Ao ver aqui fugi. Vim debalde a estes bosques e a estas montanhas! Por consequência, o meu coração decidiu procurar outro, o mais piedoso de todos os que não acreditam em Deus: Zaratustra!'

Assim falou o velho, e fixou um olhar penetrante no que estava de pé diante dele. Zaratustra pegou na mão do antigo Papa e contemplou-a largo tempo com admiração.

'Olha, então, venerando' – disse-Ihe logo –, 'que mão estendida tão bela! É a mão de quem deu sempre a bênção. Agora, porém, estreita aquela a que tu procuras, a mim, Zaratustra. Eu sou Zaratustra, o ímpio que diz: "Quem há mais ímpio do que eu, para me regozijar com o seu ensinamento?"'

Assim falou Zaratustra, penetrando com o seu olhar nos pensamentos mais íntimos do velho Papa. Por fim, este principiou a dizer: 'Aquele que mais o amava e o possuía foi também o que mais o perdeu. Olha: creio que agora o mais ímpio de nós sou eu. Mas quem se poderia regozijar disso?' 'Serviste-o até o fim?' – perguntou Zaratustra pensativo, depois de longo e profundo silêncio. 'Sabes como morreu? É certo o que se diz, que o asfixiou a compaixão? O ver o homem suspenso da cruz e não poder suportar que o amor pelos homens viesse a ser seu inferno e afinal a sua morte?' O antigo Papa não respondeu, mas olhou de soslaio com espanto e expressão dolorosa e sombria.

'Deixa-o ir' – acrescentou Zaratustra depois de longa reflexão, cravando sempre os seus olhos nos do velho. 'Deixa-o ir' – findou. 'E embora te honre dizer só bem desse morto, tu sabes como eu quem ele era, e que seguia caminhos singulares.' 'Aqui, de três olhos' – disse tranquilizado o Papa, que de um olho era cego – 'estou mais ao corrente das coisas de Deus que o próprio Zaratustra, e pode muito bem ser assim.'

'Longos anos o serviu o meu amor, a minha vontade seguia a sua por toda parte. Um bom servidor, porém, sabe tudo e até certas coisas que o seu senhor oculta a si mesmo.'

'Era um Deus oculto, cheio de mistérios. Nem sequer alcançou um filho, senão por caminhos escusados. Às portas da sua crença encontra-se o adultério. O que o louva como Deus do amor não forma juízo bastante elevado do amor em si.'

Esse Deus não queria ser juiz também? Pois o que ama, ama acima do castigo e da recompensa. Quando ele era jovem, este Deus do oriente, ele era forte e vingativo e criou para Si um inferno para o deleite de seus favoritos. Mas, com o passar do tempo, ele ficou velho e calmo e maduro e compassivo, mais parecido com um avô do que com um pai – mais como uma velha avó. Então ele sentou-se, murcho – sentado ao calor do lume – preocupado com a fraqueza das pernas, cansado do mundo, cansado de querer, e um dia acabou por se afogar em excessiva piedade.¹”

I Assim Falava Zaratustra, por Friedrich Nietzsche, tradução por José Mendes de Souza.

Capítulo II

Pecado e Expição

Agora, nos voltamos para o segundo muito importante artigo da fé cristã. Devo esclarecer, porém, que todos os cristãos não acreditam exatamente no que se segue. Até mesmo alguns líderes da Igreja se desviaram da dura atitude dogmática da mesma. Mesmo assim, a filosofia de “Pecado e Expição” é um princípio fundamental da fé cristã ortodoxa.

O primeiro componente da compreensão cristã de “Pecado e Expição” é que Deus é justo e exerce justiça natural. Ele não perdoa pecados sem exigir retribuição, pois seria contra os ditames da justiça absoluta. É esse atributo especial de Deus que torna necessária a versão cristã da expiação.

O segundo componente é a de que o homem é pecador porque Adão^{as} e Eva^{as} pecaram. Como resultado, seus descendentes começaram a herdar o pecado, como se esse tivesse sido infundido

em seus genes e, desde então, todos os filhos de Adão^{as} nascemos pecadores congênitos.

O terceiro componente do dogma é que uma pessoa pecaminosa não pode expiar os pecados de outra pessoa, mas apenas uma pessoa sem pecado pode fazê-lo. Com base nisso, torna-se evidente que, de acordo com o entendimento cristão, nenhum profeta de Deus, por mais bondoso ou perto da perfeição que ele possa ter sido, poderia limpar a humanidade do pecado e, nem mesmo, seria capaz de livrá-la do mesmo e de suas consequências, já que, sendo um filho de Adão^{as}, ele não poderia ter escapado do elemento do pecado congênito com o qual nasceu.

Esse é um simples esboço de toda a doutrina. Aqui está a solução promovida por teólogos cristãos.

A Expição da Humanidade

Para resolver esse problema aparentemente insolúvel, Deus concebeu um plano engenhoso. Não está claro se ele consultou o Seu “Filho”, ou se ambos conceberam o plano simultaneamente, ou mesmo, se a idéia foi totalmente do “Filho” e, em seguida, aceite por Deus Pai. As características desse plano desdobraram-se na época de Cristo^{as}, conforme se segue. Dois mil anos atrás, o “Filho de Deus”, que literalmente compartilhava a eternidade com Ele, nasceu de uma mãe humana. Sendo o “Filho de Deus”, ele combinou dentro de si os traços perfeitos de um ser humano, bem como aqueles de Deus Pai. Em seguida nos é dito que uma mulher piedosa e casta, com o nome de Maria^{as}, foi escolhida para ser a mãe do “Filho de Deus”. Ela concebeu Jesus^{as} em parceria com Deus.

A esse respeito, sendo um “Filho” literal de Deus, Jesus^{as} nasceu sem pecado, mas, mesmo assim, ele manteve seu caráter e entidade humanos. Assim, ele se ofereceu para suportar a carga de todo o pecado da humanidade, daqueles que acreditaram nele e aceitaram-no como seu salvador. Por esse dispositivo inteligente, alega-se, Deus não precisa comprometer seu atributo eterno de justiça absoluta.

Lembre-se que, de acordo com esse modo de procedimento, o homem não fica impune, uma vez que ele era pecaminoso. Deus ainda poderia exigir retribuição do pecador sem comprometer o seu senso de justiça. A única diferença entre esta versão e a anterior, que foi responsável por essa mudança radical, é o fato de que Jesus^{as} é que seria punido e não os pecadores filhos e filhas de Adão^{as}. Acabaria por ser o sacrifício de Jesus^{as} a forma fundamental para expiar os pecados dos filhos de Adão^{as}.

Por mais estranha e bizarra que essa lógica possa parecer, isso é exatamente o que é dito ter acontecido. Jesus^{as} ofereceu a si mesmo e foi, consequentemente, punido pelos pecados que ele nunca havia cometido.

O Pecado de Adão^{as} e Eva^{as}

Vamos rever a história de Adão^{as} desde o início. Nem um único passo da doutrina acima pode ser aceito pela consciência ou pela lógica humanas.

Primeiramente, temos a idéia de que, como Adão^{as} e Eva^{as} pecaram, seus descendentes tornaram-se geneticamente e eternamente poluídos com o pecado. Em contraste a isso, a ciência da genética revela que os pensamentos e ações humanas, sejam eles

bons ou ruins, mesmo se persistentemente respeitados durante toda a vida de uma pessoa, não podem ser transferidos para, e codificados no, sistema genético da reprodução humana. A vida é demasiadamente curta para desempenhar qualquer papel em provocar mudanças tão profundas. Mesmo os vícios de um povo, geração após geração, ou as boas ações, para esse assunto, não podem ser transferidos para a prole como caracteres genéticos. Talvez milhões de anos sejam necessários para a gravação de genes humanos com novas características.

Não só isso. Mesmo que, pela mais absurda e inaceitável extensão da imaginação, alguém aceite que isso possa ocorrer como um acontecimento bizarro, o contrário terá de ser aceite pela mesma lógica. Isso significa que, se uma pessoa pecadora se arrepende e fica limpa no final do dia, então esse ato também deve ser registrado no sistema genético, anulando efetivamente o efeito do pecado anterior. Cientificamente, isso não pode acontecer, mas certamente há uma lógica muito maior neste retrato equilibrado do que imaginar que é apenas a propensão ao pecado que pode ser geneticamente codificada e não a disposição de fazer o bem.

Em segundo lugar, tentando resolver o problema de Adão^{as}, propondo que o pecado é geneticamente transferido para as futuras gerações de Adão^{as}, tudo o que é alcançado é a demolição total da própria fundação sobre a qual a doutrina cristã de “Pecado e Expição” é baseada. Se Deus é absolutamente justo, aonde está o senso de justiça em condenar eternamente toda a descendência de Adão^{as} e Eva^{as} pelo pecado temporário que eles cometeram e pelo qual depois ainda se arrependeram? Um pecado pelo qual eles próprios foram fortemente punidos e expulsos do céu com tamanha desgraça. Que tipo de justiça é essa da parte de Deus que,

mesmo depois de ter mais do que punido Adão^{as} e Eva^{as} por seus pecados pessoais, não teve sua ira reduzida até condenar toda a raça humana a uma degradação desamparada de nascerem como pecadores congênitos? Que chance tiveram os filhos de Adão^{as} de escaparem do pecado? Se os pais cometerem um erro, porque os seus filhos inocentes devem sofrer eternamente pelo erro deles?

Sendo assim, mais uma vez, que tipo de senso de justiça Deus clama possuir e seguir que faz punir um povo em cujo próprio destino foi colocado agir pecaminosamente, por mais que Ele abomine o pecado? O pecado é feito parte integrante do seu mecanismo. Não há nenhuma chance para um filho de Adão ficar inocente. Se o pecado era um crime, a lógica faz com que fosse um crime do Criador e não da criação. Nesse caso, que justiça poderia requerer a punição do inocente pelos crimes do perpetrador?

Quão diferente do entendimento cristão sobre o pecado e suas consequências é a proclamação do Sagrado Corão, que diz:

وَلَا تَزِرُ وَازِرَةٌ وِزْرَ أُخْرَىٰ ---

“Ninguém pode suportar a carga do outro...”

(Sagrado Alcorão 35:19)

لَا يَكْلِفُ اللَّهُ نَفْسًا الْاَوْسَعَهَا ---

“Deus não exige de qualquer um o que está além da sua capacidade.”

(Sagrado Alcorão 2:287)

Comparadas com o conceito cristão de pecado e expiação, essas declarações do Alcorão Sagrado são pura música para a alma.

Passemos agora ao relato bíblico do que realmente aconteceu no momento do pecado de Adão^{as} e Eva^{as} e as consequências que se seguiram com a punição. Segundo Gênesis, Deus aceitou o seu pedido de desculpas apenas parcialmente, e uma punição eterna foi posta a eles, prescrita como se segue:

“E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida.

Espinhas, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo.

No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.”

(Gênesis 3:16-19)

A humanidade já existia muito antes de Adão^{as} e Eva^{as} virem a nascer. Os cientistas ocidentais descobriram restos de vários homens pré-históricos e rotularam eles sob diferentes títulos. O Homem de Neandertal seja, talvez, o mais conhecido deles. Eles viveram entre 100.000 a 35.000 anos atrás, principalmente nas regiões da Europa, Oriente Médio e Ásia Central. A carcaça de um ser humano totalmente desenvolvido foi descoberta, quem vagou pela terra cerca de 29.000 anos antes de Adão^{as} e Eva^{as} terem iniciado a sua curta estada no paraíso. Naquele tempo, os seres humanos eram fisicamente iguais a nós e viveram na Europa, África e Ásia, e mais tarde, durante a era do gelo, também se espalharam para as Américas. Mais uma vez, na Austrália, a autêntica história cultural dos aborígenes é rastreável até 40.000 anos atrás.

Comparado a esses tempos relativamente recentes, um esqueleto de uma fêmea de Hedar, na Etiópia, foi descoberto, que é de 2,9 milhões de anos. Agora, de acordo com a cronologia bíblica, Adão^{as} e Eva^{as} viveram em torno de seis mil anos atrás. Qualquer um pode olhar para trás e surpreender-se com a história relatada de seres humanos, ou Homo Sapiens, como são chamados no jargão científico.

O Sofrimento Humano Continua

Depois de ler o relato bíblico de como Adão^{as} e Eva^{as} foram punidos, não podemos deixar de saber se a dor e a agonia de trabalho à mulher eram desconhecidos até o início da época de Adão^{as} e Eva^{as}. Vai ser difícil encontrar um cientista por aqui que acredite em tais fantasias. Novamente, temos muitas provas irrefutáveis

de que o homem, muito antes de Adão^{as} e Eva^{as}, já havia ocupado todos os continentes do mundo, mesmo remotas ilhas do Pacífico, e que sempre trabalhou duro para sobreviver. Portanto, dizer que Adão^{as} e Eva^{as} foram os primeiros a cometerem um pecado e, por isso, o parto doloroso foi ordenado como punição, é comprovadamente errado pelo estudo da vida. Mesmo os animais, que são bem inferiores na ordem da vida, dão à luz com dor. Quando uma vaca parir um bezerro, o sofrimento parecerá semelhante à dor de uma fêmea humana. Muitos desses animais, como sabemos, habitaram a Terra por milhões e milhões de anos antes de Adão^{as} e Eva^{as}.

Ganhar os meios de subsistência com o trabalho é comum ao homem, mas não distinto ao todo. As mulheres também trabalham para terem os seus rendimentos e meios de subsistência. Antes mesmo disso, cada espécie de vida ganha seu sustento através do trabalho. Esse fato é o motivador fundamental na evolução da vida. A luta pela existência seja, talvez, a primeira marca distinta da vida que a separa do mundo inanimado. É um fenômeno natural, que não tem nada a ver com o pecado.

Novamente, se for esse o castigo prescrito como uma consequência do pecado de Adão^{as} e Eva^{as}, então, alguém poderia perguntar o que aconteceria depois da Expição? Se Jesus Cristo^{as} expiou os pecados dos seres humanos pecadores, a punição prescrita para o pecado também foi abolida após a crucificação? Será que aquelas que acreditaram em Jesus Cristo^{as} como o “Filho de Deus” deixaram de ter o parto doloroso? Será que os homens que acreditaram começaram a ganhar seu sustento sem exercer o trabalho manual? Será que a propensão para o pecado deixou de passar para as gerações futuras e crianças inocentes começaram a nascer? Se a resposta de todas essas questões fosse “sim”, então, é claro que

haveria alguma justificativa para ponderarmos seriamente sobre a filosofia cristã de “Pecado e Expição”. Mas, infelizmente, a resposta a todas essas questões é “não”, “não” e “não”. Se nada parecer ter mudado desde a crucificação, tanto no mundo cristão como no não-cristão, então qual seria o significado da Expição?

Mesmo depois de Jesus Cristo^{as}, o senso da justiça comum continua a ditar os seres humanos em todo o mundo. Ou seja, se qualquer pessoa comete um pecado, o castigo do pecado tem que ser dado a essa pessoa somente e a ninguém mais. Cada homem e cada mulher devem sofrer as consequências de seus pecados por si mesmos. As crianças sempre nascem inocentes. Se isso não fosse verdade, então, o atributo de justiça de Deus seria lançado ao mar.

Nós, como muçulmanos, acreditamos que todos os livros divinos são baseados em verdades eternas e ninguém pode fazer quaisquer afirmações contrárias a isso. Quando nos deparamos com as incoerências e contradições em qualquer livro dito divinamente revelado, a nossa atitude não é a negação total ou rejeição, mas sim, uma análise cuidadosa e simpática. A maioria das declarações do Antigo Testamento e do Novo Testamento que encontramos em desacordo com a verdade da natureza, ou tentamos conciliar as coisas lendo possíveis mensagens subjacentes crípticas ou metafóricas, ou rejeitamos parte do texto como sendo obra de mãos humanas e não de Deus. Enquanto o cristianismo fosse verdadeiro, ele não poderia conter as eventuais distorções, fatos inaceitáveis ou crenças que dão uma mentira à natureza. É por isso que não começamos com a análise textual, mas com os fundamentos por si mesmos, que através de séculos de consenso tornaram-se componentes indiscutíveis da filosofia cristã. Rudimentarmente, entre eles está a compreensão cristã de “Pecado e Expição”. Eu

prefiro muito mais acreditar que alguém, em algum lugar durante a história do cristianismo, entendeu mal as coisas e tentou interpretá-las à luz do seu próprio conhecimento e desviou as gerações seguintes por causa disso.

Pecado Herdado

Vamos supor que Adão^{as} e Eva^{as} pecaram literalmente, como descrito no Antigo Testamento, e foram devidamente punidos. Como diz a história, a punição foi distribuída não só para eles, mas para toda a sua descendência. Uma vez que a punição foi prescrita e entregue, por que houve a necessidade de qualquer outra punição? Uma vez que um pecado é punido, está feito com ele. Uma vez que a decisão tenha sido aprovada, ninguém tem o direito de adicionar continuamente mais e mais punições. No caso de Adão^{as} e Eva^{as}, não só eles foram severamente repreendidos e, se nada mais, castigados pelo pecado que haviam cometido, mas, também, a natureza da pena que foi estendida aos seus descendentes, por si só, é altamente questionável. Sobre isso já falamos o suficiente. O que estamos tentando apontar é uma violação muito mais hedionda da justiça absoluta. Ser punido continuamente pelos pecados de nossos antepassados é uma coisa, mas ser obrigado a continuar pecando como consequência de um erro do antepassado é simplesmente abominável.

Vamos descer para as duras realidades da experiência humana e tentar compreender a filosofia cristã da criminalidade e da punição em relação à nossa experiência cotidiana. Vamos supor que uma sentença é proferida contra um criminoso, que é muito

grave e dura na proporção do crime cometido. Isso poderia, naturalmente, levar à condenação grande e grave de tal pena desproporcionada e bruta por qualquer homem sensato. Em vista disso, achamos muito difícil acreditar que a pena imposta pelo pecado de Adão^{as} veio de um Deus justo. Não é apenas o caso de uma pena desproporcionada. É um castigo que, segundo o entendimento cristão de conduta de Deus, ultrapassou a vida de Adão^{as} e Eva^{as} e foi estendido, geração após geração, a seus descendentes. Para os descendentes, sofrer pela punição de seus pais é, na verdade, uma extensão da violação da justiça além de seus limites. Mas não estamos nem falando sobre isso. Se nós tivermos a infelicidade de observar uma sentença proferida por qualquer juiz contemporâneo tornando compulsório para os filhos, netos e bisnetos, etc., de um criminoso serem forçados pela lei a continuarem pecando e cometendo crimes e serem punidos em conformidade até a eternidade, então, qual seria a reação da sociedade contemporânea, que adquiriu um senso universal de justiça através da civilização?

No século V, Agostinho, o Bispo de Hipona, foi envolvido em um confronto com o movimento Pelagiano¹, sobre a controvérsia da natureza da queda de Adão^{as} e Eva^{as}. Ele proclamou o movimento Pelagiano como sendo herético porque ele pregava que o pecado de Adão^{as} afetou somente a ele mesmo e não à raça humana como um todo e que cada pessoa nasce livre do pecado e

1 O Movimento dos Pelagianos, 360-420 D.C. – Pelágio foi um teólogo inglês. Ele ensinava que toda pessoa possui livre arbítrio (e, portanto, possibilidade de salvação), negando as doutrinas de predestinação e pecado original de Agostinho. Inocentado da heresia por um sínodo de Jerusalém (415), ele foi, mais tarde, condenado pelo Papa e pelo Imperador. [Editores]

é capaz, com sua própria vontade, de viver uma vida sem pecados e que já havia até pessoas que tinham conseguido fazê-lo.

Os corretos foram rotulados de hereges. O dia foi chamado de noite e a noite foi chamada de dia. A heresia é a verdade e a verdade é a heresia.

A Transferência do Pecado

Vamos, agora, voltar a examinar o tema que Deus não perdoa o pecado sem puni-lo, por isso ser contra o seu senso de justiça. Fica-se horrorizado ao perceber que, século após século, os cristãos acreditam em algo que é certamente muito além do alcance do intelecto humano e contrário à consciência humana. Como pode Deus perdoar um pecador na Terra, ou nos Céus, apenas por uma pessoa inocente ter se oferecido para receber o castigo como alternativa? No momento em que Deus faz isso, ele viola os próprios princípios fundamentais de justiça. Uma pessoa pecadora deve sofrer por seus pecados. Em suma, um grande número de complexos problemas poderia surgir se a punição pudesse ser transferida para outras pessoas.

É argumentado pelos teólogos cristãos que essa transferência de punição não viola qualquer princípio de justiça, por causa da aceitação voluntária do castigo da outra pessoa por parte da pessoa inocente. O que você diria no caso de um devedor, eles perguntam, que está sobrecarregado com dívidas além de sua capacidade de pagamento e algum filantropo temente a Deus decide aliviá-lo de seus encargos, pagando as dívidas inteiras em seu nome?

Nossa resposta seria que, realmente, gostaríamos muito e aplaudiríamos tal ato de generosidade, bondade e sacrifício. Mas, qual seria a reação da pessoa que nos confronta com uma questão dessa natureza, se a dívida a ser paga girasse em torno de trilhões de libras esterlinas e, há passos em frente, um filantropo tira um centavo do bolso, exigindo que tudo o que é devido pelo devedor seja anulado com o tostão que gentilmente oferece como um substituto para essa dívida. O que nós temos, no caso de Jesus Cristo^{as} oferecendo-se para ser punido pelos pecados de toda a humanidade, é muito mais grotescamente desproporcionado. Novamente, não é apenas um devedor ou todos os devedores de uma única geração, mas estamos falando de bilhões de nascidos e nascituros inadimplentes, uma corrente que se estende até o Dia do Juízo.

Mas isso não é tudo. Conceber o crime apenas com o exemplo de um devedor que deve dinheiro a alguém é a definição mais ingênua do pecado que eu já vi. Esse cenário que foi apresentado merece ocupar um pouco a nossa atenção antes de nos voltarmos para alguns outros aspectos do crime e do castigo.

Vamos considerar o caso de um devedor, chamado A, devedor de cem mil libras para a pessoa B. Se um rico filantropo, em pleno comando de seus sentidos, séria e verdadeiramente quer aliviar o devedor do peso da sua carga, a lei comum exige-lo-ia a pagar a B tudo o que a pessoa A lhe devia. Mas, suponha que o filantropo hipotético siga em frente com o fundamento de que a pessoa A deve ser absolvida de sua responsabilidade de pagamento à pessoa B e, em troca, ele deve ser espancado um pouco ou preso por três dias e três noites, no máximo, em seu lugar. Se isso realmente acontecesse na vida real seria um deleite ver os rostos horrorizados dos juízes surpreendidos e o pobre confuso credor B. Mas o filantropo

ainda tem que completar o seu pedido de clemência. Ele ainda estipula: “Ó meu senhor, isso não é tudo o que eu quero em troca de meu sacrifício. Eu exijo, também, que todos os devedores de todo o reino hoje vivos, ou ainda por nascerem até o fim dos tempos, sejam absolvidos de suas dívidas em troca do meu sofrimento de três dias e três noites”. Nesse ponto, a mente de qualquer um espantar-se-ia.

Como alguém pode desejar propor a Deus, ao Deus justo, que aqueles que foram roubados dos frutos dos seus trabalhos, ou da poupança das suas vidas, deveriam, ao menos de alguma forma, ser compensados. Mas o Deus cristão, ao que parece, é muito mais gentil e clemente para com o criminoso do que para com os inocentes que sofrem nas mãos do criminoso. Uma sensação estranha de justiça, de fato, que resulta na remissão dos ladrões, usurpadores, abusadores de crianças, torturadores de inocentes e autores de todos os tipos de crimes brutais contra a humanidade, desde que eles acreditem em Jesus Cristo^{as} em seus momentos finais. O que ocorre com a dívida incalculável que eles devem às suas atormentadas vítimas? Alguns momentos de Jesus^{as} no inferno parecem ser o suficiente para livrá-los de suas longas vidas de hediondas e impunes culpas, geração após geração.

A Punição Continua Sendo Imposta

Consideremos, agora, uma outra mais grave categoria de crime, as consequências da qual a natureza humana simplesmente não pode aceitar que possam ser transferidas. Por exemplo, alguém impiedosamente abusa de uma criança e até estupra e assassina a mesma.

A sensibilidade humana, sem dúvida, será violada a um grau insuportável. Suponha que uma pessoa continua a causar semelhantes e maiores sofrimentos à sua volta, sem nunca ser apanhado e levado à justiça. Tendo vivido sua vida repleta de crimes e ficando impune das mãos humanas, a morte chega a ele, mas ele decide evitar até o maior castigo do Dia do Juízo e, de repente, decide ter fé em Jesus Cristo^{as} como seu salvador. Será que todos os seus pecados, de repente, derreter-se-ão em nada e será permitido que ela vá para o outro mundo livre do pecado como um bebê recém-nascido? Talvez uma pessoa que adia a sua crença em Jesus^{as} até o momento da morte revele-se, dessa forma, muito mais sábio do que aquele que o fizer mais cedo na vida. Há sempre um perigo de cometer pecados depois da crença e sucumbir aos projetos e insinuações do mal. Por que não esperar até que a morte esteja próxima a você, dando pouca chance e pouco tempo ao diabo para tirá-lo de sua fé em Jesus^{as}? Uma vida livre de crime e prazerosa aqui na Terra e um renascimento em um estado eterno de redenção não soa nenhuma barganha, de fato.

É essa a sabedoria de justiça que os cristãos atribuem a Deus? Esse sentimento de justiça, ou mesmo um Deus desse tipo, é totalmente inaceitável à consciência humana, que Ele mesmo criou, sem, infelizmente, ser capaz de discriminar o certo do errado.

Olhando para a mesma questão à luz da experiência e do conhecimento humano, a pessoa tem todo o direito de denunciar essa filosofia como sendo sem sentido e sem fundamento. Ela não tem realidade nem substância. A experiência humana nos ensina que perdoar ou não perdoar é sempre uma prerrogativa dos que sofrem nas mãos dos outros. Às vezes, os governos, para comemorar um dia de gozijo nacional, ou por outros motivos, podem declarar

uma anistia para os criminosos sem discriminação. Mas, isso não justifica, por si só, o ato de perdoar àqueles que têm feito danos irreparáveis e causado sofrimento perpétuo aos seus companheiros, cidadãos inocentes. Deve ser lembrado que, se o ato de perdão indiscriminado nas mãos de um governo pode, por qualquer medida, ser justificado e, se isso não é considerado pelos teólogos cristãos como uma violação do senso de justiça, então, porque eles não estendem a mesma cortesia para Deus e concedem a Ele o direito de perdoar como e quando Ele desejar? Afinal, Ele é o Soberano Supremo, o Mestre e o Criador de tudo. Se Ele perdoa alguém por qualquer crime que possa ter sido cometido contra outros seres humanos, o Mestre Supremo tem, também, o poder ilimitado para compensar o lesado tão generosamente a ponto de fazê-lo ficar perfeitamente satisfeito com Sua decisão. Assim sendo, onde está a necessidade do sacrifício do seu inocente “Filho”? Isso, em si, constitui uma paródia da justiça. Nascemos em sintonia com os atributos de Deus. Ele, assim, declara na Bíblia Sagrada:

“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança;”

(Gênesis 1:26)

Sobre o mesmo assunto, no Alcorão Sagrado, Ele diz:

---فَطَرَتِ اللَّهُ الَّتِي فَطَرَ النَّاسَ عَلَيْهَا---

“E siga a natureza feita por Deus, a natureza em que Ele criou a humanidade.”

(Sagrado Alcorão 30:31)

Esse princípio, comum a ambos os cristãos e os muçulmanos, exige que a consciência humana seja o melhor espelho refletivo da conduta de Deus em uma determinada situação. É uma questão que experimentamos quase todos os dias: muitas vezes nós perdoamos sem, sequer, ter violado o senso da justiça. Se formos injustiçados pessoalmente, então, em relação ao crime cometido contra nós próprios, podemos ir a toda a profundidade no perdão. Se uma criança fere seus pais por ser desobediente ou por causar danos a alguns artigos domésticos preciosos ou por chamar-lhes por um nome ruim, ela pecou contra eles. Seus pais podem perdoá-la sem a sua consciência culpá-los ou ficar pesada por terem violado algum senso de justiça. Mas, se a criança destrói a propriedade de seu vizinho ou fere o filho de outra pessoa, como eles podem decidir perdoar a criança por causar sofrimento aos outros? Seria considerado um ato de injustiça, mesmo de acordo com suas próprias consciências, se assim o fizerem.

Crime e castigo têm a mesma relação de causa e efeito e têm que ser proporcionais a algum grau. Esse aspecto da relação entre crime e castigo já foi discutido com algum pormenor no que diz respeito à má conduta financeira de um homem contra outro. O mesmo argumento se aplica com maior gravidade a outros crimes como ferir, mutilar ou matar cidadãos inocentes, violando a sua honra de qualquer forma que seja. Quanto maior a enormidade do crime, mais grave é de se esperar que seja a pena. Se Deus pode perdoar tudo e todos, como eu acredito que Ele – e somente Ele – pode, então a questão da Expição, em troca de punir uma pessoa inocente nem, sequer, entra em jogo. Se, no entanto, for uma

questão de transferência da punição de um criminoso para outra pessoa inocente que tenha optado por tal medida, então, a justiça demandaria, certamente, que a punição fosse transferida na íntegra para a outra pessoa, sem diminuí-la ou diluí-la em qualquer grau. Mais uma vez, já dissemos o suficiente sobre isso.

Será que os cristãos acreditam que esse ditame da justiça foi aplicado no caso de Jesus^{as}, o “Filho”, por Deus, o “Pai”? Se assim for, significa que toda a punição devida para todos os criminosos do mundo cristão nascidos da época de Cristo^{as} até o Dia do Juízo foi acumulada, concentrada e levada a uma intensidade infernal de tal grau que o sofrimento de Jesus Cristo^{as} por apenas três dias e noites igualou-se a tortura de todos os castigos que os pecadores acima mencionados haviam acumulado ou que acumulariam até o último dia. Se assim for, nenhum cristão jamais deveria ser punido na Terra por qualquer governo cristão. Caso contrário, isso equivaleria a um ato de injustiça. Tudo o que os tribunais de justiça deveriam fazer, depois de alcançar o veredicto do culpado, seria pedir ao criminoso cristão para orar a Jesus^{as}, o “Filho”, para salvá-lo. E o assunto deveria ser largado e encerrado ali mesmo. Seria, simplesmente, o caso da transferência do livro do criminoso para a conta de Jesus Cristo^{as}.

Para fins de ilustração vamos trazer os Estados Unidos da América à luz dos holofotes com um zoom sobre o estado da criminalidade lá. Os crimes de assalto e assassinato são tão comuns que é difícil manter uma contagem dos mesmos. Lembro-me de uma vez, em Nova Iorque, quando eu sintonizara em uma estação de rádio que era inteiramente dedicada à transmissão de crimes capitais. Foi uma experiência terrível. Era tão doloroso que meia hora era o máximo que eu conseguia escutá-la, e não mais.

Quase a cada cinco minutos um novo assassinato era cometido na América e era relatado, por vezes, com cobertura horrenda por repórteres que estavam realmente testemunhando o assassinato em progresso. Não é nossa intenção apresentar um quadro detalhado da criminalidade na América, mas é uma questão de conhecimento comum que hoje a América está entre os primeiros na lista dos países onde todos os tipos de crime são galopantes, particularmente nas cidades maiores, como Chicago, Nova York e Washington. Em Nova York, assalto parece ser lugar comum, juntamente com a mutilação de civis inocentes que ousam resistir a ele. Essa ocorrência diária cria a imagem mais desagradável de mutilação e assassinato por ganhos irrisórios.

Deixando de lado, por enquanto, a tendência do crescimento da criminalidade em todo o mundo, no caso da América, apenas, é difícil não se surpreender com a relação entre o conceito cristão de pecado e expiação com os crimes cometidos diariamente. Por mais longe quer que eles estejam do valor cristão em sua prática, pelo menos isso vai a seu crédito que eles acreditam na doutrina cristã do pecado e da redenção e também em Cristo^{as} como seu Salvador, mas, infelizmente, com que benefício? A maioria dos criminosos na América, é claro, são pessoas que se dizem cristãos. Apesar de os muçulmanos e os outros não serem exceção. Só porque todos esses criminosos que pertencem ao cristianismo creem no assim relatado sacrifício voluntário de Jesus Cristo^{as} para o bem dos crentes pecadores, todos eles serão perdoados por Deus? Em caso afirmativo, de que forma? Em última análise, uma percentagem significativa dentre eles pode ficar presa e ser punida pela lei da Terra, mas, ainda assim, um grande número, certamente, permanecerá livre,

ou só será punido por uma parte dos crimes que tenha cometido durante muitos anos.

O que o cristianismo oferece para aqueles que são punidos por lei e qual seria a promessa àqueles que permanecem livres aqui na Terra? Ambos serão punidos em graus variados, ou eles vão ser punidos de forma indiscriminada?

Outro dilema relativo ao resgate de um criminoso por causa de sua crença em Jesus Cristo^{as} nasce de uma situação menos clara e indefinida. Se, por exemplo, um cristão comete um crime contra uma vítima inocente não-cristã, ele seria perdoado, naturalmente, por causa das bênçãos de sua fé em Jesus^{as}. O castigo de seu crime será, então, transferido para a conta de Jesus^{as}. Mas quais seriam os ganhos e perdas da pobre inocente vítima não cristã. Pobre Jesus^{as} e pobre vítima, ambos sendo punidos por um crime que não cometeram.

As faculdades da pessoa se perdem ao tentar imaginar a imensidão de todos os crimes já cometidos pela humanidade desde os primórdios do cristianismo até o momento em que o sol da existência se pôr sobre a vida humana. Todos esses crimes foram transferidos para a conta de Jesus Cristo^{as}, a paz e as bênçãos de Allah estejam com ele? Foram todos esses pecados contabilizados no pequeno espaço de três dias e três noites em que Jesus^{as} supostamente sofreu? A pessoa fica imaginando como pode o vasto mar de criminosos tão intensamente amargurado pelo veneno mortal do crime ser adoçado e totalmente limpado dos efeitos dos seus crimes pelo simples ato de sua crença em Jesus^{as}. Novamente, os pensamentos são transportados de volta para o passado remoto, quando os pobres Adão^{as} e Eva^{as} inocentemente cometeram seu

primeiro delito, apenas porque ficaram muito engenhosamente enganados e enredados por Satanás. Por que não foi o seu pecado também lavado? Será que eles não têm fé em Deus? Seria um ato de pouca bondade ter fé em Deus, o “Pai”? E, de qualquer forma, foi culpa deles que nunca lhes foi dito sobre o “Filho” vivendo eternamente com Deus, o “Pai”? Por que não o “Divino Filho” tem pena deles e roga a Deus, o “Pai”, para puni-lo por seus crimes também? Quem dera isso tivesse acontecido! Teria sido muito mais fácil ser punido apenas por aquele único momento vacilante por parte de Adão^{as} e Eva. A história inteira da humanidade certamente teria sido reescrita no livro do destino. A Terra celeste teria sido criada em vez disso e Adão^{as} e Eva^{as} não teriam sido banidos eternamente do céu juntamente com o número incontável de seus infelizes descendentes. Jesus^{as}, apenas, teria sido banido do céu e apenas por três dias e três noites e só. Infelizmente, nem Deus, o “Pai”, nem Jesus^{as}, tiveram essa idéia. Veja como a realidade sagrada e amável de Jesus^{as} é, infelizmente, transformada em um mito bizarro e inacreditável.

Justiça e Perdão

A filosofia cristã de Crime e Castigo é não só absolutamente confusa para o simples intelecto humano sem preconceitos, mas, também, levanta muitas outras questões relevantes que não são menos perplexas. A relação entre justiça e perdão, conforme sustentado pela filosofia cristã da Expição, tenta explicar por que Deus, por Si mesmo, não poderia perdoar. Ela é totalmente dependente de um conceito errôneo e arbitrário de justiça, que tem

como certo que a justiça e o perdão não podem nunca caminhar de mãos dadas. Sendo assim, por que o Novo Testamento dá tanta ênfase no perdão quando a questão das relações humanas é discutida. Eu nunca li em qualquer escritura sagrada de qualquer religião do mundo um ensinamento que se inclina tão unilateralmente e tão demasiadamente realça o papel do perdão quanto o Novo Testamento. Que contraste fantástico com a ênfase sobre a justiça tradicional encontrado nos ensinamentos judaicos! Olho por olho, dente por dente. Isso é justiça, pura, simples e sem atenuação. Que mudança dramática ocorre desse ensinamento para o ensinamento cristão de oferecer a outra face quando for batido em uma. Quem deu o último ensinamento, que é contrário aos ensinamentos anteriores da Torá? Foi o primeiro ensinamento da Torá – alguém pode se perguntar – um ensinamento dado por Deus, o “Pai”, tão contrário ao ensinamento diametralmente oposto do Novo Testamento, um ensinamento dado por Cristo^{as}, o “Divino Filho”? Se assim for, por que o “Divino Filho” difere de forma tão drástica de seu Pai? Tal conflito deve ser tomado como um defeito genético, ou uma mudança evolutiva, ou essa atitude cristã de perdão absoluto, tão diametralmente oposta à ênfase judaica na vingança, foi um exemplo de mudança na própria natureza de Deus Pai. Ele parece ter ficado muito arrependido do que ensinou a Moisés^{as} e ao povo do Livro e quisito muito corrigir seu próprio erro.

Como muçulmanos, observamos essa fundamental mudança de ênfase e não vemos qualquer contradição, pois acreditamos em um Deus que combina em Si ambos os atributos de justiça e perdão, sem que haja qualquer conflito interno entre os dois atributos. Entendemos a transferência dos ensinamentos judaicos

para os de Jesus Cristo^{as}, não como uma medida de correção desses ensinamentos, mas de sua má aplicação pelos judeus. De acordo conosco, Deus não é apenas Justo, mas também é Indulgente, Misericordioso e Clemente. Se ele assim o desejar, Ele não precisa de nenhuma ajuda externa para perdoar o pecador. Mas, do ponto de vista cristão, o problema adquire proporções gigantescas. Parece que o Deus da Torá era um Deus que conhecia apenas a justiça e não tinha nenhum sentimento de compaixão ou misericórdia. Aparentemente, ele foi incapaz de perdoar, por mais que ele tivesse desejado fazê-lo. Eis que, então, veio em seu auxílio o “Deus Filho” e livrou-o de seu dilema infernal. Parece que o “Filho” foi “Completa-Compaixão” em contradição com a “Completa-Vingança” de seu Pai. Não é só o absurdo aparente dessa visão do “Filho” que perturba a consciência humana, mas, também, levanta a questão, mais uma vez, da contradição em seus atributos. Jesus^{as} não parece ser um verdadeiro filho de seu Pai. Talvez, novamente, um erro genético.

Outra área importante a se investigar é a atitude das outras religiões do mundo para o pecado e suas consequências. O cristianismo não é, evidentemente, a única religião revelada. Numericamente, os não cristãos ultrapassam largamente os cristãos. Milhares de anos da história conhecida do homem, antes de Jesus Cristo^{as}, mostram muitas religiões nascendo e se enraizando em diferentes solos humanos em diversas partes do mundo. Será que essas religiões alguma vez mencionaram alguma filosofia de perdão relacionada, ainda que remotamente, com o dogma cristão da Expição? Qual é o conceito delas sobre Deus, ou Deuses, se os seus seguidores agora já começaram a acreditar em vários?

Qual é o seu conceito de atitude de Deus para com a humanidade pecadora?

Entre a gama das religiões, a mais próxima do cristianismo nesse assunto seja, talvez, o hinduísmo, mas apenas parcialmente. Os hindus também acreditam em um Deus absolutamente justo, cujo senso de justiça exige que Ele tem que punir, de alguma forma, a cada autor do pecado. Contudo, a semelhança termina aí. Nenhuma menção sobre um “Filho Divino” arcando com as consequências de todo o mundo dos pecadores sobre os seus ombros é indicada, mesmo que remotamente. Pelo contrário, somos informados sobre uma interminável cadeia de crimes e penas em um número infindável de reencarnações da alma na carne animal. A expiação só se torna acessível depois que a alma muitas vezes reencarnada tenha incorrido punição exatamente de acordo com a soma total dos crimes que cometeu durante todas as suas experiências fatídicas de reencarnação. Para alguns, pode parecer estranho e bizarro, de fato, mas há, sem dúvida, alguma justiça inerente nessa filosofia. Um equilíbrio e uma simetria que está em perfeita harmonia com o conceito de justiça absoluta.

Deixando o Hinduísmo e as outras religiões que também acreditam na filosofia da reencarnação com todas as suas complexidades de causa e efeito à parte, qual é o papel do perdão pela parte de Deus de acordo com as outras religiões, maiores ou menores, do mundo? Todas essas religiões e mais de um bilhão de adeptos de religiões como o hinduísmo parecem ser totalmente ignorantes e desinformados do mito da Expiação. Isso, de fato, é muito desconcertante. Quem estava em comunhão com a humanidade no resto da história das religiões? Se não era Deus Pai, como na doutrina cristã, toda a liderança religiosa do mundo, exceto a de

Jesus Cristo^{as}, era discente do próprio Diabo? E onde estava Deus Pai? Por que Ele não veio para o resgate quando o resto da humanidade estava sendo desviada pelo Diabo em Seu nome? Ou eles – o resto da humanidade – eram criação de outro ser além do chamado Deus Pai. Caso contrário, por que foram eles tratados de maneira tão diferente e abandonados ao poder cruel do Diabo?

Vamos, agora, voltar nossa atenção para essa questão com referência à experiência humana comum. Pode-se mostrar que o perdão e a justiça são equilibrados e podem coexistir e nem sempre se contradizem. Às vezes, a justiça exige que o perdão deva ser alargado e, por vezes, exige que o perdão seja retido. Se uma criança é perdoada e é incentivada a cometer mais crimes, então, o perdão fica, por si mesmo, beirando ao crime e é contra o senso de justiça. Se um criminoso é perdoado apenas para praticar mais atos de criminalidade e provoca sofrimento ao redor dele por ter sido perdoado e encorajado, isso também é contra os ditames da justiça e é equivalente a um ato de crueldade para com os outros cidadãos inocentes. Existem inúmeros criminosos desse tipo que são cobertos pela expiação de Jesus^{as}. Isso, por si só, é contrário à justiça. Mas, se uma criança se arrepende, por exemplo, e a mãe está convencida de que o mesmo crime não se repetirá, então, punir a criança seria contrário ao senso de justiça. Quando uma pessoa arrependida sofre, isso, em si só, é uma punição que pode, em alguns casos, exceder uma punição imposta por fora. Pessoas com uma consciência viva sempre sofrem depois de cometer um pecado. Como consequência, o efeito cumulativo das repetidas dores de consciência chega a um ponto em que pode resultar em Deus ter pena de um servo tão fraco, frequentemente vacilante e muitas vezes arrependido Dele. Essa é a lição na relação da justiça

com o perdão que as pessoas de alto intelecto, ou até mesmo pessoas de entendimento comum, elaboram a partir de uma experiência humana universal. Já é tempo de os cristãos acordarem de seu estado dormente de aceitar o dogma cristão sem jamais questionar a sua sabedoria.

Se eles reexaminarem a doutrina cristã à luz do senso comum e do raciocínio, eles poderão continuar a serem bons e praticantes cristãos, mas de um tipo diferente e mais realista. Eles, então, acreditarão ainda mais, e com maior amor e dedicação, na realidade humana de Cristo^{as}, em comparação com o Cristo^{as} que é fruto de sua imaginação e não mais real do que a ficção. A grandeza de Jesus^{as} não está na sua lenda, mas no supremo sacrifício de Jesus^{as}, o homem e o mensageiro. Um sacrifício que comove o coração muito mais poderosa e profundamente do que o mito de sua morte na cruz e sua ressurreição dos mortos, após passar algumas horas medonhas no inferno.

Não é Possível para Jesus^{as} Expiar

Por último, mas não menos importante, como poderia Jesus^{as} ter nascido inocente quando ele teve uma mãe humana? Se o pecado de Adão^{as} e Eva^{as} tivesse poluído toda a descendência desse infeliz casal, então, como consequência natural, todas as crianças do sexo masculino e feminino devem herdar a mesma propensão genética para o pecado. Para as fêmeas, talvez, isso seja mais provável ainda, porque era a Eva^{as} que, como instrumento de Satanás, seduziu Adão^{as}. Portanto, a responsabilidade do pecado cai sobre os ombros de Eva^{as} e não de Adão^{as}. No caso do nascimento de

Cristo^{as}, obviamente, foi uma filha de Eva^{as} que contribuiu com a maior parte. A questão que muito poderosamente se levanta é se Jesus^{as} teve qualquer cromossomo portador de genes herdado de sua mãe humana ou não. Se ele o teve, então, seria impossível para ele escapar do inevitável pecado herdado. Se ele não herdou qualquer cromossomo de sua mãe, então, certamente, o seu nascimento foi duplamente milagroso. Só um milagre poderia produzir um filho que não pertence a seu pai nem a sua mãe. O que permanece incompreensível é porque aqueles cromossomos fornecidos por Eva^{as} não levaram a tendência inata para o pecado ao menino Jesus^{as}. Suponha que isso aconteceu de alguma forma, e Jesus^{as} teve a inocência necessária para carregar os pecados da humanidade, desde que acreditassem nele, e não de outra forma. Outro problema surgiria: o que aconteceu à descendência de Adão^{as} e Eva^{as} que morreu antes do alvorecer do Cristianismo? Como muitos bilhares deles devem ter ficado dispersos por todo o mundo, nos cinco continentes, geração após geração! Eles devem ter vivido e morrido sem esperança, ou mesmo a possibilidade de alguma vez ouvir falar de Cristo^{as}, seu Salvador que ainda não havia nascido. De fato, toda a humanidade entre Adão^{as} e Cristo^{as} parece ter sido condenada para sempre. Por que a eles nunca foi dada uma chance, ainda que remota, de serem perdoados? Seriam perdoados retrospectivamente, por Jesus Cristo^{as}? Se sim, por quê?

E em outras partes do mundo, muito maiores em comparação à pequena terra da Judéia, onde as pessoas nunca haviam ouvido falar do Cristianismo, mesmo durante o tempo da vida de Jesus Cristo^{as}, o que acontece com eles? Eles nunca acreditaram, nem nunca poderiam ter acreditado na "filiação" de Jesus Cristo^{as}. Será que seus pecados ficarão impunes ou eles vão ser punidos? Se eles

ficam impunes, por que razão? Se forem punidos, novamente, com que lógica? De qualquer maneira, que chance eles têm? Eles estavam totalmente indefesos. Que sentido distorcido de uma justiça absoluta!

Sacrifício Relutante

Agora vamos voltar para o ato da crucificação em si. Aqui somos confrontados com um dilema insolúvel. Jesus^{as}, como nos é tão insistentemente dito, ofereceu-se voluntariamente a Deus Pai e foi feito de “bode expiatório” para os pecados de toda a humanidade, desde que, obviamente, eles acreditassem nele. Mas, quando o tempo de aceitação de seu desejo se aproxima e o último lampejo de esperança para a humanidade pecadora está começando a aparecer como a aurora de um novo dia, quando nos voltamos para Jesus^{as}, esperando ver sua alegria, sua felicidade e seu êxtase num momento tão memorável da história humana, como ficamos profundamente decepcionados e desiludidos. Em vez de encontrar um Jesus^{as} impacientemente à espera da hora de júbilo, o que vemos é um Jesus^{as} gritando e chorando, rezando e implorando a Deus Pai para tirar dele o amargo cálice da morte. Ele repreendeu severamente um dos seus discípulos ao pegá-lo cochilando depois de passar um dia tão fatídico e longo e de sofrer através de uma noite escura e triste que trouxe calamidade e aflição para ele e seu santo mestre. O relato bíblico desse incidente é o seguinte:

“Então chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani,

e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar.

E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito.

Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui, e velai comigo.

E, indo um pouco mais adiante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, tire de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres.

E, voltando para os seus discípulos, achou-os adormecidos; e disse a Pedro: Então nem uma hora pudeste velar comigo?

Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.

E, indo segunda vez, orou, dizendo: Pai meu, se este cálice não pode tirar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade.

E, voltando, achou-os outra vez adormecidos; porque os seus olhos estavam pesados.

E, deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras.”

(Mateus 26:36-44)

Veja como a história cristã se revela. Nem as orações de súplica de Jesus^{as}, nem as de seus discípulos foram aceitas por Deus Pai, e, quer queira, quer não, apesar de seus fortes protestos, ele foi, enfim, crucificado. Era ele a mesma pessoa, o príncipe da inocência e o modelo de sacrifício que tão corajosamente ofereceu-se para tomar o fardo de todos os pecados da humanidade sobre seus ombros, ou era uma pessoa diferente? Sua conduta, tanto na hora da crucificação, quanto durante a crucificação em si, fortemente lança sombras de dúvida, seja sobre a identidade de Jesus Cristo^{as} ou sobre a veracidade do mito girado em torno de sua pessoa. Porém, sobre isso falemos mais tarde. Voltemos, agora, à nossa análise crítica de onde a deixamos.

Algumas outras questões que surgem a partir do último grito de agonia de Jesus Cristo^{as} são as seguintes: quem proferiu essas palavras profundamente tocantes e comoventes? Foi Jesus^{as}, o homem, ou foi Jesus^{as}, o “Filho”?

Se foi Jesus^{as}, o homem, então, abandonado por quem? E por quê? Se aceitarmos essa opção, também teria de ser aceite, ao menos, que Jesus^{as}, o homem, manteve uma identidade única e independente, que podia sentir e pensar livre e individualmente. Morreu ele no momento da separação da alma do Jesus^{as}, o “Filho de Deus”, do corpo do homem que ele havia ocupado? Se sim, porquê e como? Se foi assim, e foi o corpo do homem que morreu após a alma de Deus tê-lo deixado, então surgiria a questão sobre quem reviveu dos mortos quando a alma de Deus revisitou o mesmo corpo depois?

Novamente, essa opção nos levaria a crer que não era Jesus^{as}, o “Filho”, quem estava sofrendo, mas a pessoa de Jesus^{as}, o homem, quem gritou em agonia e ele foi o único que sofreu, enquanto

Jesus^{as}, o “Filho”, apenas observou em um estado de total indiferença e apatia. Então, como ele pode justificar a alegação de que foi ele, o “Filho”, quem sofreu para o bem da humanidade e não o homem nele?

A outra opção é que nós presumamos que foi Jesus^{as}, o “Filho”, quem gritou, enquanto o homem, em si, talvez na esperança de começar uma nova vida para si mesmo, assistia em expectativa incerta da constatação de que, juntamente com o sacrifício de Jesus^{as}, o “Filho”, ele, Jesus^{as}, o homem, querendo ou não, também seria sacrificado no altar de seu inocente coabitante. Que senso de justiça levou Deus a matar dois pássaros com a mesma pedra seja, talvez, um outro mistério.

Se foi Jesus^{as} o “Filho”, e, segundo o consenso geral das igrejas cristãs foi ele mesmo, então, a segunda pergunta, decorrente da resposta da primeira, seria sobre a identidade do segundo partido envolvido nesse monólogo de Jesus^{as} (Mateus 26:39-42). Temos duas opções em aberto para nós:

Uma delas é que o “Filho” estava dirigindo-se ao Pai, queixando-se que ele foi abandonado na hora da necessidade. Isso, inevitavelmente, nos leva a crer que eles são duas pessoas diferentes, que não coexistem em uma única personalidade mutuamente mesclada partilhando, também, todos os atributos e colocando-os em ação simultaneamente de maneira igual. Um parece ser o árbitro supremo, o todo-poderoso dono da faculdade final da tomada de decisões. O outro, o pobre “Filho”, parece ser inteiramente privado ou, talvez, temporariamente despojado de todas as características dominadoras que seu Pai possui. O ponto central que deve ser mantido em destaque é o fato de que suas vontades e desejos opostos em nenhum lugar parecem estar em tanto desacordo e

contradição uns com os outros do que durante o último ato do drama da crucificação.

A segunda pergunta é: será que essas duas pessoas distintas, com pensamentos individuais, valores individuais e capacidades individuais, sentem dor e agonia como se fossem “dois em um” e “um em dois”? Então, outra questão exigiria um longo diálogo entre muitos teólogos a respeito da possibilidade de Deus ser capaz de sofrer dor e castigo. Mesmo assim, apenas metade de Deus sofreria enquanto a outra metade seria incapaz de fazê-lo pelo projeto ou pela compulsão de sua natureza. À medida que avançamos mais no mundo sombrio dessa destorcida filosofia, a luz começa a ficar mais e mais apagada e encontramos uma confusão sobre outra.

Outro problema é sobre a quem Cristo^{as} estava se dirigindo se ele fosse o próprio Deus? Quando se dirigiu a seu “Pai”, ele era uma parte inseparável do Pai, assim nos é dito. Então, o que ele estava dizendo e para quem? Essa questão deve ser respondida com uma consciência livre, sem recorrer ao dogma. Algo torna-se um dogma somente quando não pode ser explicado em termos humanos. De acordo com a afirmação bíblica, quando Jesus^{as} estava prestes a deixar a alma, ele chorou se dirigindo a Deus Pai: “Por que me abandonaste?” Quem abandonou quem? Deus havia abandonado a Deus?

Quem foi Sacrificado?

O outro problema de que temos de tomar conhecimento é que o homem em Jesus^{as} não foi punido, nem por qualquer lógica ele

deveria ter sido punido, porque ele nunca havia optado por levar a carga dos pecados da humanidade. Esse novo elemento entrando no debate, nos leva a uma situação muito peculiar que não temos considerado antes. Uma pessoa fica obrigada a se perguntar sobre o relacionamento do homem em Jesus^{as} com a herdada propensão de cometer o pecado, comum a todos os descendentes de Adão^{as} e Eva^{as}. Na melhor das hipóteses alguém pode fazer-se acreditar que na dualidade do “Divino Filho” e do homem ocupando o mesmo corpo, era apenas o “Filho Divino” que era inocente. Mas, e quanto ao homem vivendo junto com ele. Ele também nasceu de genes e de caracteres fornecidos por Deus? Se assim for, então, ele deve se comportar como a Divindade em Jesus^{as} e nenhuma desculpa seria aceitável se ele ficasse remisso nisso ou naquilo com a desculpa de que ele só fez tal ato porque ele era um homem. Se não havia nada de Deus nele, isso é, no homem em Jesus^{as}, então, temos de admitir que ele era simplesmente um ser humano comum, ou, talvez, metade de um ser humano. Sendo assim, a pessoa humana amalgamada com Jesus^{as}, teria que ser homem o suficiente para herdar a disposição para o pecado. Se não, por quê?

Obviamente, não existe ganho em dizer que, sendo um homem distintamente separado de seu parceiro Divino, ele deve ter pecado independentemente, com a inteira responsabilidade do pecado sobre os ombros humanos. Esse cenário não se completa sem apresentar Jesus^{as}, o “Filho de Deus”, morrendo, não tão egoísta afinal, para o bem da humanidade, mas sua principal preocupação poderia ter sido para o seu meio-irmão, o homem nele.

Tudo isso é extremamente difícil, senão impossível, de ser aceito intelectualmente. Mas, do nosso ponto de vista, não há problema. Era a pessoa inocente de Jesus^{as}, o homem, sem que

houvesse dualidade nele, quem proferiu esse grito de espanto e de agonia.

O Dilema de Jesus^{as}

Permitam-me, mais uma vez, deixar claro que eu não descreio em Jesus^{as}, mas, pelo contrário, tenho profundo respeito por ele como mensageiro de Deus com sacrifícios excepcionais em seu crédito. Eu entendo Jesus^{as} como um homem santo, que passou por um período de grandes tribulações. Mas, à medida que a narração do ato da crucificação começa a se desenrolar e chegar ao fim, não nos resta outra opção senão acreditar que Jesus^{as} não ofereceu a si mesmo para a morte na cruz. Na noite anterior ao dia em que seus inimigos tentaram matá-lo por crucificação, ouvimo-lo rezando a noite toda, juntamente com seus discípulos, pois a veracidade de suas declarações estava em jogo. É dito no Antigo Testamento que um impostor que atribui a Deus coisas que Ele nunca disse, seria pendurado na cruz e morreria nela uma morte maldita.

“Porém o profeta que tiver a presunção de falar alguma palavra em meu nome, que eu não lhe tenha mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta morrerá.”

(Deuteronômio 18:20)

“Quando também em alguém houver pecado, digno do juízo de morte, e for morto, e o pendurares num madeiro,

O seu cadáver não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia; porquanto o pendurado é maldito de Deus; assim não contaminarás a tua terra, que o SENHOR teu Deus te dá em herança.”

(Deuteronômio 21:22-23)

Jesus^{as} sabia que, se isso acontecesse, os judeus comemorariam com êxtase e proclamá-lo-iam um impostor, cuja falsidade finalmente teria sido provada, sem sombra de dúvida, pela autoridade das Escrituras divinas. Essa era a razão pela qual ele estava tão preocupado em escapar do cálice amargo da morte; não por covardia, mas pelo medo de que seu povo pudesse enganar-se e falhar em reconhecer a sua veracidade, caso ele morresse na cruz. Toda a noite ele orou tão comovente e desamparadamente que ler o relato de sua agonia e sofrimento é de rasgar o coração. Mas, à medida que esse drama da vida real aproxima-se do desfecho, o clímax de seu sofrimento emocional, desânimo e desesperança é totalmente visível em seu último grito: “Eli, Eli, lamá sabactâni?”, o que significa: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mateus: 27:46).

Deve-se notar que não foi apenas a agonia que foi expressa naquele grito, mas, obviamente, havia misturado com ela um elemento de surpresa, na fronteira com o terror. Após ter sido trazido de volta à consciência, com a ajuda de alguns de seus dedicados discípulos que aplicaram a seus ferimentos uma pomada que já haviam preparado antes mesmo da crucificação e que continha todos os ingredientes necessários para atenuar a sua dor e curar os seus ferimentos, ele deve ter ficado tão maravilhosamente e

alegremente surpreso e sua fé em um verdadeiro Deus de amor deve ter sido reintegrada e revitalizada de uma forma raramente experimentada pelo homem em sua intensidade e amplitude.

O fato de a pomada ter sido preparada antecipadamente constitui uma forte prova de que os discípulos de Jesus^{as} realmente estavam esperando ele ser trazido da cruz vivo, com ampla necessidade de tratamento medicamentoso.

Do acima exposto, torna-se confortavelmente claro que a noção de pecado herdado e da Crucificação são baseadas apenas em conjecturas e idéias de teólogos cristãos de uma data posterior. É bastante provável que isso tenha nascido de mitos pré-cristãos de natureza semelhante que, quando aplicados às circunstâncias de Jesus Cristo^{as}, os tentaram a ler as semelhanças entre os dois e criar um mito semelhante. No entanto, seja qual for o mistério ou o paradoxo, como nós vemos, não há evidência alguma de que a filosofia cristã do Pecado e Expição seja baseada em alguma coisa que Jesus^{as} pudesse ter dito, ou feito, ou ensinado. Ele nunca poderia ter pregado algo tão contrário e tão diametralmente oposto ao intelecto humano.

Será que Deus Pai também sofreu?

Chegando à natureza do “Filho”, não podemos acreditar que ele foi jogado no fogo do inferno, porque isso significaria uma contradição interna consigo mesmo. Voltando ao conceito básico do cristianismo, diz-se que Deus e o “Filho” são duas pessoas, mas da mesma natureza e substância. É impossível que um passe por uma experiência, enquanto o outro não participa dela. Como podemos

acreditar que um pedaço de Deus, o “Filho”, estava sendo atormentado, enquanto Deus, o “Pai”, permaneceu incólume. Se Ele não sofreu, seria o mesmo que quebrar a Unidade de Deus. Três pessoas em um se torna ainda mais inconcebível, pois as experiências de cada componente da Trindade acabaram por se mostrar tão diferentes e distantes entre si que parece impossível para um Deus estar no fogo ardente do inferno e, ao mesmo tempo, o outro permanecer perfeitamente indiferente e intocado. Não há outra opção para os cristãos de hoje senão ou sacrificar a Unidade de Deus e crer em três Deuses diferentes, como os pagãos do pré-cristianismo, como os romanos e os gregos, ou permanecerem fiéis a si mesmos e acreditar que Deus é um só e, como tal, dois aspectos de Deus não podem sofrer estados contraditórios. Quando uma criança sofre, é impossível para a mãe manter a calma e ficar em paz. Ela sofre da mesma forma, às vezes até mais do que a criança. O que estava acontecendo com Deus Pai quando deixou o “Filho” sofrer a agonia de três dias no inferno? O que estava acontecendo com o Deus “Filho”? Deus foi dividido em duas pessoas, com duas formas e substâncias? Uma forma sofrendo no inferno e a outra completamente fora, não sofrendo nada? Se Deus, o “Pai”, estava sofrendo, então qual era a necessidade de criar o “Filho”, quando Ele mesmo poderia ter sofrido. Portanto, essa é uma pergunta bastante direta. Por que Ele não sofreu por si próprio? Por que inventar um plano tão complicado para resolver o problema do perdão?

O Castigo do Fogo

Aqui, a questão do inferno em que, de acordo com a doutrina

cristã, Jesus^{as} foi confinado, deve ser examinada mais de perto. Que tipo de inferno era aquele? Era esse o mesmo inferno que lemos no Novo Testamento, que diz:

“Mandarà o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade.

E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes.”

(Mateus 13:41-42)

Antes de prosseguirmos, deve ser claramente entendido o que o Novo Testamento quer dizer com o castigo do fogo ou a punição do inferno. É um fogo que queima a alma ou é um fogo carnal que consome o corpo e, conseqüentemente, tortura também a alma? Será que os cristãos acreditam que após a morte vamos voltar ao mesmo corpo que a alma deixou para trás para desintegrar-se à terra e às cinzas, ou haverá um novo corpo criado para cada alma e a pessoa ressuscitada experimentará uma espécie de reencarnação?

Se o fogo é carnal e um castigo corporal, então, deve-se alargar a imaginação ao limite das suas amarras para entender o que pode ter acontecido no caso de Jesus Cristo^{as}. Antes de ser submetida ao fogo, a sua alma foi aprisionada novamente no corpo do homem que ela havia habitado durante toda a sua vida na Terra, ou, de alguma forma, ela foi relegada a um corpo astral? Se o último caso for o correto, aquele corpo astral estaria fora do alcance do fogo carnal do inferno para ser queimado, punido ou destruído. Por

outro lado, se aceitarmos o cenário em que o corpo do homem que ele havia ocupado seria reconstruído para Jesus^{as} como uma espécie de meio através do qual ele poderia sofrer o inferno, então, não se pode deixar de notar outro dano feito ao princípio da justiça Divina. Pobre homem! Em primeiro lugar ele foi praticamente sequestrado por toda a sua vida por uma alma estranha, e, depois, como recompensa pela hospitalidade imposta a ele, ele iria queimar no inferno por nenhum crime da própria conta e com o crédito do seu sacrifício sendo totalmente monopolizado pelo ocupante estrangeiro dentro dele. Novamente, o que aconteceu com a alma daquele homem, ou, talvez, ele não tivesse uma alma própria. Do contrário, o homem em Jesus^{as} e o Deus em Jesus^{as} tem que ser uma mesma pessoa e o fundamento de que Jesus^{as} agiu, às vezes, por seus impulsos humanos e, às vezes, por vontade Divina, é reduzido à mera falação. A única fórmula aceitável para qualquer intelecto é que “uma alma e um corpo é igual a uma pessoa”. “Duas almas e um corpo” é uma idéia bizarra que só pode ser admitida por aqueles que acreditam em pessoas sendo assombradas por fantasmas ou coisas semelhantes.

Sacrifício e Contentamento Espiritual

Se a segunda opção for mais aceitável para os teólogos cristãos, ou seja, assumir que apenas a alma de Jesus^{as} entrou no inferno e que o inferno é um inferno espiritual, parece não haver nenhuma razão pela qual devemos rejeitar essa proposta como sendo absurda. No entanto, o inferno espiritual só é criado por dores de consciência e um sentimento de culpa. No caso de Jesus Cristo^{as}, não seria

aplicável. Quando você aceita a pena do crime de outra pessoa, mesmo sendo inocente, não são dores de consciência que são geradas, mas muito pelo contrário. A alma de tal pessoa deveria vibrar com um sentimento de nobreza e de auto sacrifício. O que equivaleria ao Céu espiritual, e não ao inferno.

Agora, voltamos à questão do corpo que foi ocupado por Jesus^{as} e o significado da morte em relação àquele corpo e, também, o significado do renascimento no mesmo contexto. De acordo com o nosso conhecimento, o corpo de Jesus Cristo^{as} deveria ser uma parte integrante da “Filiação” de Jesus^{as}. Caso contrário, ele não teria ponto de encontro comum deixado para a sua divindade e a sua humanidade se mesclarem e desempenharem papéis tão diferentes em determinadas condições. Às vezes, deveríamos ver o homem tomando conta de determinados assuntos – já que ele tinha uma alma separada própria – e, por vezes, deveríamos observar a Divindade afirmando-se e controlando as faculdades da cabeça e do coração do homem. Mais uma vez, enfatizamos que isso só poderia acontecer se houvessem duas personalidades distintas trancadas em um único ser.

Significado da Morte em Relação a Cristo^{as}

Tendo compreendido claramente as diferentes opções sobre os papéis relativos que a Divindade e o homem em Jesus^{as} poderiam ter tido, tentamos compreender a aplicação da palavra “morte” e o seu pleno significado em relação a ele.

Se ele morreu por três dias e noites, a morte tem que ser entendida em termos da alma tendo sido separada do corpo, e a alma

tendo partido. O que significa que a alma deve sair do corpo e romper seu relacionamento de forma tão completa que apenas um cadáver completamente morto é deixado para trás. Até aqui tudo bem. Jesus^{as} foi finalmente libertado da sua prisão do corpo carnal de um homem. No entanto, a libertação dessa prisão não deve, de forma alguma, ser considerada uma punição. O retorno da alma divina do “Filho” para o mesmo estado sublime da existência não pode ser tratado, de nenhuma maneira, como uma morte humana comum. A morte humana não é temível porque a alma deixa o corpo e rompe os laços ganhando uma nova consciência, mas os horrores da morte são principalmente por conta de uma ruptura de laços permanente com muitos entes queridos deixados aqui na Terra e por deixar para trás diferentes propriedades e objetos de amor. Muitas vezes acontece que um homem que não tem nada por que viver prefere morrer em vez de viver uma vida vazia.

No caso de Jesus^{as}, o sentimento de remorso não poderia estar presente. Para ele, a janela da morte foi aberta somente em um sentido: o de ganho e não de perda. Por que a sua saída do corpo deve ser considerada uma experiência extremamente lamentável ou angustiante? Novamente, se ele morreu de uma vez, literalmente, e não metaforicamente “entregou o espírito”, como os cristãos gostariam de nos fazer acreditar, então, retornar para o mesmo corpo é o passo mais imprudente que lhe é atribuído. Será que ele nasceu quando retornou ao corpo que ele havia abandonado na hora da morte? Se esse processo é apenas descrito como o renascimento ou a ressurreição de Jesus^{as}, então, o corpo também deveria ter sido eternizado. Mas, o que lemos na Bíblia é uma história completamente diferente. De acordo com essa história, Jesus^{as} ressuscitou dentre os mortos entrando no mesmo corpo no qual ele tinha sido

crucificado, e isso é o que foi chamado de sua volta à vida. Sendo assim, qual seria o significado do ato de abandonar o seu corpo mais uma vez? Não seria isso equivalente a uma segunda morte?

Se a primeira partida do corpo foi a morte, então certamente na segunda vez em que é considerado que ele abandonou o corpo humano, ele deve ser declarado morto eternamente. Quando a alma abandona o corpo pela primeira vez, você chama isso de morte; quando ela retorna ao mesmo corpo, você chama isso de vida após a morte. Mas do que você chamaria o fato da alma deixar o mesmo corpo novamente para nunca mais voltar – isso será chamado de morte eterna ou de vida eterna, de acordo com o jargão cristão? Tem que ser a morte eterna, não há outra opção. Contradição sobre contradição. Uma experiência muito estonteante, de fato.

Se for sugerido que o corpo não foi abandonado na segunda vez, temos o estranho cenário em que Deus Pai existe como um ser espiritual incorpóreo e infinito, enquanto o “Filho” permanece preso aos restritos limites da existência mortal.

Sofrimento Limitado por um Pecado Ilimitado

Pode ser sugerido que nem sempre são os pesares de consciência, que criam um estado miserável da mente e do coração naqueles que são sensíveis às suas culpas. Por outro lado, a simpatia intensa pelo sofrimento dos outros também pode criar uma vida de agonia para alguém que é totalmente, ou parcialmente, inocente do crime, mas tem aquela qualidade espiritual sublime de sofrer para o bem dos outros. Isso também criaria uma semelhança com

o inferno. Mães sofrem por seus filhos doentes. A experiência humana é testemunha do fato de que, às vezes, no caso de uma criança permanentemente deficiente, toda a vida da mãe é transformada em um inferno. Então, por que não podemos conceder a Jesus^{as} a nobre qualidade de ser capaz de sofrer por causa dos outros? Por que não? É claro que podemos. Mas por que apenas por três dias e três noites? Por que não por toda a sua estada na Terra e até mesmo antes e depois dela? Pessoas nobres não sofrem apenas temporariamente, por um período tão limitado de horas ou dias. Seus corações não descansam em paz enquanto não veem a miséria atenuada ou aliviada completamente. O inferno que estamos considerando, não é prerrogativa apenas de uma pessoa Divina inocente, mas sim, uma qualidade nobre, presente, em certo grau, até mesmo em feras da selva em relação a seus entes mais próximos.

Com mais algumas observações, eu irei encerrar esse assunto. Mas eu tenho outra questão importante para abordar brevemente. A punição prescrita por Deus para Jesus Cristo^{as} só durou três dias e três noites, enquanto os pecadores pelos quais ele foi punido cometeram pecados tão horríveis e por um tempo tão longo que, segundo a Bíblia, o castigo para eles deveria ser o sofrimento eterno no inferno. Então, que tipo de Deus justo é esse que quando se trata da punição daqueles criados por Ele, as pessoas que não eram seus filhos ou filhas, a punição é eterna, mas quando se trata da punição de seu próprio “Filho” pelos pecados que ele mesmo tomou sobre si, voluntariamente, de repente, a punição é reduzida. Apenas três dias e três noites! Não há comparação entre as duas situações. Se for isso o que é justiça, melhor que não haja justiça! Como é que Deus veria o comportamento

dos seres humanos, que Ele mesmo criou com Sua mão direita, se eles adotassem a justiça assim como aprendida com Ele dessa forma, aplicando medidas diferentes para os seus próprios filhos e outras, bem diferentes, para os outros. Irá Deus Pai assistir essa fiel imitação com êxtase ou horror? É, realmente, muito difícil de responder.

O Que a Expição Mudou?

Quanto ao efeito da crucificação de Jesus Cristo^{as} em relação ao castigo do pecado, já deixamos claro que a fé em Jesus Cristo^{as} em nada reduziu a punição do pecado prescrita por Deus para Adão^{as} e Eva^{as} e sua progênie. Todas as mães humanas ainda geram seus filhos com as dores do parto e é, ainda, com trabalho que o homem ganha o seu pão. Façamos, por outro ângulo, uma ampla comparação entre o mundo cristão e o não cristão desde a época de Jesus Cristo^{as}. Nenhum dos seguidores de Cristo^{as} pode mostrar qualquer notável mudança, seja em qualquer época da história, em relação ao fato de suas mulheres gerarem seus filhos sem dor ou os seus homens ganharem seu pão sem trabalho. Não vemos qualquer diferença em relação a isso entre o mundo cristão e o não cristão.

Quanto à disposição de cometer pecados, o mundo dos crentes em Cristo^{as}, em comparação com o mundo dos não crentes nele, não registra qualquer prova de que a propulsão em cometer o pecado foi totalmente eliminada da categoria dos crentes em Cristo^{as}. Além disso, pode-se perguntar por que ter fé em Deus é considerado tão menos importante do que ter fé em seu “Filho”.

Isso é especialmente relevante para o tempo antes desse bem guardado antigo segredo – que Deus tinha um “Filho” – ser divulgado à humanidade. Claro que havia pessoas que tinham fé em Deus e Sua Unidade. Também inúmeras pessoas nasceram depois de Cristo^{as}, em todas as religiões e regiões da Terra, que acreditavam em Deus e Sua unicidade. Por que não a fé em Deus tem qualquer influência sobre o crime e o castigo humanos? Novamente, por que Deus Pai não pôde mostrar a nobreza de sofrer para o bem dos pecadores que Seu nobre “Filho” mostrou? Certamente, o Filho parece possuir valores morais mais elevados (que Deus perdoe!) que seu menos civilizado Pai. “Está a divindade em evolução e ainda a caminho de alcançar a perfeição?”, é a pergunta que pode ser levantada.

Capítulo III

O Papel do

Até agora, discutimos a questão de Jesus^{as} ser o chamado “Filho” e de Deus ser, literalmente, o suposto “Pai” de Jesus^{as}. No entanto, há uma terceira pessoa com o nome de “O Espírito Santo” que, segundo o dogma cristão, apesar de ter uma personalidade distinta individual está amalgamado e tão completa e eternamente fusionado com o “Pai” e o “Filho” que essa fusão cria uma singularidade em três. Agora, voltamos nossa atenção para essa questão, indagando se o Espírito Santo tem um ego separado de Deus ou Jesus^{as} ou se eles compartilham um único ego? Ego pode ser descrito como o cerne da consciência que, em última análise, é indivisível e específico de cada indivíduo. O mesmo fato da consciência de uma pessoa ser tão distinta dos outros dá à luz a “eu” e “meu”, em contrapartida de “ele” e “dele” e “você” e “seu”.

Trazendo em foco as três partes da Divindade, temos de decidir se as três têm seus egos distintos de cada um ou não. Se eles não

têm egos distintos e separados, então, atribuir-lhes personagens seria inconcebível. Cada pessoa, por mais próxima que ela possa estar da outra, desfruta, obrigatoriamente, de uma consciência individual própria do seu ser.

A posição oficial da maioria das igrejas é bem clara e definida. Afirmam-se que cada uma das três entidades do personagem de Deus tinha um personagem próprio nitidamente separado. Assim, não é apenas “Três em Um”, mas três pessoas em uma pessoa. O encontro amargo de Jesus^{as} com a morte e todas as suas consequências fatídicas devem ter sido, então, igualmente compartilhados com o Espírito Santo. Assim, ele também deveria ter sido incluído no sacrifício juntamente com Jesus^{as}. Novamente, ele também deve ter sofrido o inferno na companhia de Jesus^{as} e de Deus Pai. Caso contrário, não se pode escapar de chegar à inevitável conclusão de que eles eram não somente três pessoas distintas e diferentes, mas também suas emoções e faculdades relacionadas à cabeça e ao coração devem ter sido diferentes, separadas e isoladas.

Na tentativa de ampliar nossa visão sobre a Trindade devemos tentar visualizar o fato de três pessoas mesclando-se, ou existindo mescladas eternamente como uma só. Até o momento, não conseguimos ver como eles poderiam ter se mesclado em relação às suas emoções e aos seus pensamentos.

A única opção que resta, portanto, é uma fusão corporal. Isso nos lembra, numa escala diferente, de um monstro hidra, mencionado na mitologia grega, que possuía várias cabeças que brotavam novamente quando cortadas. É óbvio que o homem não consegue compreender a verdadeira natureza de Deus e como Seus atributos funcionam, mas é bem simples e fácil acreditar em uma entidade única, sem áreas específicas às quais determinadas funções

são atribuídas e confinadas, como cabeça, coração, rins e etc. Mas o cenário de pensamentos e sentimentos individuais e separados está, certamente, em contradição com o já mencionado cenário de uma entidade única. Isso cria uma imagem de Deus que é muito difícil de ser imaginada ou acreditada pelos seres humanos, muitos dos quais viveram muito tempo com o dogma cristão sem questioná-lo e, de alguma forma, fecharam os olhos para tais violações claras do intelecto humano, supostamente criado pelo próprio Deus.

O Espírito Santo e a Criação

Nós não observamos qualquer papel desempenhado pelo Espírito Santo ou por Jesus Cristo^{as} no plano Divino da criação:

“No princípio, Deus criou os céus e a Terra.”

(Gênesis 1:1).

Obviamente é Deus, o “Pai”, a quem se refere o Antigo Testamento, sem qualquer indício de referência a Cristo^{as} ou ao Espírito Santo. Em toda a era pré-cristã, entre todos os judeus que acreditavam no Antigo Testamento e devem ter ouvido esse versículo centenas de milhares de vezes, não havia ninguém que pudesse ler o nome de Cristo^{as} ou do Espírito Santo na criação do Universo. No seu Evangelho, São João sugere “Verbo” para representar Jesus^{as} (João

1:1)¹. É estranho que um assunto tão importante foi comentado pelo autor de um único Evangelho, por alguém que nem sequer era um discípulo de Jesus^{as}. Mesmo que se aceite que a sua palavra é a palavra de Deus, ainda assim, isso só pode ser entendido como significando “a vontade de Deus”: um conceito que é comum a muitas religiões em referência à Criação.

Surpreendentemente, o segredo da participação de Cristo^{as} e do Espírito Santo na Criação permaneceu um segredo inclusive para o próprio Jesus^{as}. Nós não lemos sequer uma única declaração de Jesus Cristo^{as} em que ele afirme ser o “Verbo”. Sendo assim nem Jesus^{as}, nem o Espírito Santo tiveram qualquer papel desempenhado na modelagem ou no ato da criação. Novamente, somos informados que foi Deus, o “Pai”, sozinho quem modelou o homem do barro com suas próprias mãos. Eu nunca li em nenhum lugar, em nenhuma escritura cristã, que essas duas mãos pertenciam a Jesus^{as} ou ao Espírito Santo. Sendo assim, Deus criou tudo sem a menor ajuda de, ou a participação de Jesus^{as} ou do Espírito Santo. Foram eles observadores passivos que estavam, em geral, de acordo com o que Deus estava fazendo ou eles realmente participaram? Se o último caso for mais aceitável para os teólogos cristãos, logo surge a questão de saber se cada um deles individualmente era capaz de criar, sem a ajuda dos outros, ou eles só o eram capazes de fazê-lo em sua totalidade. E, novamente, se todos os três eram essencialmente necessários para colocar as suas funções em conjunto para criar, então a participação de cada um deles foi igualitária, ou algum deles teve uma parcela maior de trabalho colocada no

1 “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (João 1:1)

processo da criação? Eles eram três pessoas com poderes diferentes tanto em intensidade, quanto ao tipo, ou eles compartilhavam esses poderes igualmente e da mesma forma? Qualquer das duas sendo tomada como a resposta, não há alternativa senão admitir que cada um dos componentes da Santíssima Trindade se torna incapaz de criar qualquer coisa por si próprio.

Se o mesmo argumento for estendido para outras funções Divinas, a mesma pergunta continuará a molestar os teólogos cristãos. No final das contas, o cristianismo terá de admitir que não acredita em uma simples entidade de Deus com três aspectos e expressões de um poder central único e majestoso, mas sim, que acredita em três componentes complementares de Deus que são três segmentos do corpo de Deus. A questão de ser igual ou desigual, então, seria de relativamente menor importância.

Tomemos, por exemplo, o atributo de justiça e perdão. O “Filho” parece ser mais compassivo comparado com Deus, o “Pai”, que parece ser menos justo até do que o Espírito Santo, que não teve fração na injustiça por parte de Deus Pai.

A segunda possibilidade que nós mencionamos foi a de Jesus^{as} e o Espírito Santo terem desempenhado um papel inerte nos processos de criação e de governo das leis da natureza. Se assim for, muitas outras questões se levantam. Em primeiro lugar, qual é o papel atribuído aos dois parceiros de Deus no cumprimento de suas funções Divinas? Se eles são passivos observadores silenciosos, como parceiros dorminhocos, eles são, então, automaticamente relegados a um plano secundário, inferior, onde eles convivem com Deus, mas sem, na prática, compartilharem de seus poderes. Esse conceito de Deus, tendo dois apêndices não funcionais é, no mínimo, muito bizarro. Eu me pergunto: “a consciência de quem

esse conceito pode satisfazer”. Racionalmente, esse conceito é, claramente, inaceitável e não se harmoniza com o conceito cristão de “Três em Um” e “Um em Três”. A unidade em três não pode ser alcançada e nem mesmo remotamente concebida sem que haja uma fusão total da vontade, do poder e de qualquer experiência de vida que possa ser atribuída a uma única entidade vivente.

No caso do Espírito Santo ser uma pessoa separada, a menos que essa pessoa se funde completamente e de forma irrevogável, perdendo toda a sua identidade nas outras duas, não resta nenhuma esperança futura para o surgimento de um Deus de cabeças de hidra com pensamento único, desejo único e corpo único.

Mistério ou Paradoxo

É aceitável uma pessoa acreditar em alguma coisa não totalmente compreensível para ela em função de alguma prova irrefutável em favor dessa coisa. Por exemplo, muitas pessoas não compreendem os fenômenos que em conjunto permitem a criação e a transmissão de sinais de rádio e sua recepção, ou, por exemplo, a transmissão de impulsos elétricos de áudio e vídeo que são convertidos em imagens e sons televisivos. No entanto, mesmo a pessoa mais analfabeta tem que acreditar na realidade do rádio e da televisão. Da mesma forma, a maioria de nós não entende como funcionam os computadores, mas muito poucos nesta era contemporânea se atreveriam a negar a existência de computadores simplesmente por esse motivo. Tais casos podem ser classificados como mistérios, mas não há nenhuma razão de negar sua existência ou

ridicularizar aqueles que acreditam neles, já que, obviamente, eles são totalmente acompanhados e apoiados por provas irrefutáveis.

Também aceitamos que uma atitude muito mais tolerante pode ser – e é – exercida em relação a muitos mistérios que existem sob a forma de dogmas religiosos. Um número muito grande de seres humanos acredita em tais dogmas sem ser capaz de compreendê-los ou explicá-los. Eles parecem herdar tais doutrinas através das gerações e adquirir uma atitude de "dado e aceitado" para com elas. Mas quando os elementos de contradição e paradoxo adentram dogmas religiosos, não há desculpa em seu favor que possa ser aceite no fundamento que a crença em mistérios intrigantes também justifica acreditar em paradoxos. É aqui que o problema se torna complicado. Eu posso acreditar em algo que eu não entendo, mas eu não posso acreditar em alguma coisa que é contraditória em si mesma, nem o pode, espero eu, qualquer outra pessoa em seu completo juízo. Por exemplo, se eu não consigo entender como um relógio foi feito, tudo bem, mas eu não tenho o direito de acreditar que um relógio é, ao mesmo tempo, um cachorro vivo e ativo latindo. Isso não é um dogma misterioso, mas simplesmente uma gritante contradição.

Quando há qualquer contradição entre dois ou mais atributos de Deus ou quando há contradições entre a palavra de Deus e o ato de Deus, então os limites do mistério são transgredidos, com boa margem, e nos encontramos saindo da esfera do mistério e entrando no mundo da fantasia. Provado isso, é natural esperar que os crentes em contradições façam reparações nas suas crenças e, assim, façam uma reforma em sua fé. Infelizmente, porém, em nossos diálogos com alguns ministros cristãos, encontramos-os tenazmente firme na visão de que a crença em Jesus^{as}

simultaneamente como um Deus e como um homem não é contraditória. Nem parece contraditório para eles que uma pessoa possa ser três pessoas ao mesmo tempo sem que haja a menor diferença em seu caráter. Eles insistem que acreditar em um Deus e também em uma divindade de três frentes – Deus Pai, o Espírito Santo e o Filho – não é um paradoxo, mas simplesmente um mistério. Eles fecham os olhos para as contradições em suas afirmações de que Deus continua sendo uma entidade única, apesar do fato de que a pessoa de Deus, o “Pai”, é distinta da pessoa de Jesus^{as}, “O Filho”, e do Espírito Santo. Quando, surpresos, dizemos para eles que estamos falando de três pessoas, e não de diferentes aspectos, formas e atributos de uma única pessoa, e que Deus ser “Um em Três” e “Três em Um” certamente não é um mistério, mas uma enorme contradição, eles balançam a cabeça em solidariedade conosco e, educadamente, pedem-nos para encontrar contradições que operam em outra área de discussão. Eles exigem que primeiro acreditemos no inacreditável e, então, progridamos e desenvolvamos uma fé em contradições, ou mistérios, como eles preferem chamá-los. Um não-cristão, contudo, não consegue entender as contradições dos dogmas cristãos e que para entender algo em que ele não consegue acreditar, ele tem que acreditar sem entender. Esse é o mundo da fantasia cristã em que nós, não cristãos, somos aconselhados a entrar. Porém, esse tapete voador mágico da fantasia se recusa a tomar voo quando um não cristão tenta subir nele.

Capítulo IV

Crucificação

Antes de deslocar o olhar para os fatos bíblicos relativos a Cristo^{as} e sua crucificação, seja, talvez, adequado abordar aqui, rapidamente, o entendimento da Comunidade Ahmadia Muçulmana em respeito a o que aconteceu durante e depois da crucificação de Jesus Cristo^{as}. Esse assunto será abordado brevemente aqui e uma discussão mais detalhada terá lugar mais adiante.

Acreditamos que a crucificação de Jesus^{as} foi um atentado contra a sua vida, como qualquer tentativa de homicídio. A crucificação foi apenas a arma utilizada nessa tentativa de assassinato. No entanto, a tentativa de crucificá-lo falhou em dar-lhe a morte. Isso equivale a dizer que eles não conseguiram crucificá-lo. Quando dizemos isso, nós nos expressamos exatamente como seria em qualquer outro caso de tentativa de homicídio. Se um atentado for feito contra a vida de alguém e tal atentado falhar, não se pode dizer que a vítima foi morta. Por exemplo, se um tal

atentado for feito para enforcar alguém, mas o atentado falhar, não se pode dizer que a vítima foi enforcada¹. Portanto, nós, como Ahmadi Muçulmanos, acreditamos que somente uma tentativa de assassinar Jesus^{as} foi feita, sendo a crucificação o instrumento da tentativa de homicídio. Depois de algumas horas de intenso sofrimento na cruz, antes que a morte pudesse alcançá-lo, ele foi tirado da cruz num estado de coma profundo, do qual ele foi revivido mais tarde. Como nenhum Estado pode permitir cobertura jurídica ou proteção à vida para uma pessoa que foi condenada à morte, caso, de alguma forma, ela escape da execução, também sob a lei romana nenhuma imunidade poderia ser estendida a Jesus^{as} após o fato da crucificação. Isso deu a Jesus^{as} motivos suficientes para sair do território romano e seguir para outra área de liberdade. Mas ele também tinha que realizar uma missão e cumprir uma profecia. Havia aquelas ovelhas perdidas de Israel que, depois de seu êxodo durante a invasão babilônica e romana, acabaram espalhadas em terras do leste e estavam aguardando a sua liderança.

Essa foi a outra grande razão para Jesus^{as} ter imigrado da terra da Judéia às terras estrangeiras, aonde os judeus haviam se estabelecido ao longo de um período de vários séculos. Isso deve ser o suficiente para o momento.

Eu quero deixar uma coisa bem clara para aqueles que exigem de nós uma prova da morte natural de Jesus Cristo^{as} depois de ele ter sido salvo da cruz. Eles estão transferindo o fardo de fornecer a prova sobre nós sem justificativa. Há fenômenos naturais que

1 O exemplo mencionado no texto original em inglês foi modificado na presente tradução – sem alteração do sentido – visando o melhor compreensão do tema no idioma português.

o homem conhece que são entendidos universalmente. Sabemos que o tempo de vida do homem na Terra não ultrapassa de uns cento e cinquenta anos, mais ou menos. Certamente, não se estende por mil anos ou mais. Essa é uma experiência comum relativa à duração da vida humana na Terra. Se alguém acha que algo contrário a essa regra aconteceu, então, o fardo de fornecer a prova disso recai sobre os ombros dessa pessoa, e não sob os ombros de alguém que acredita na regra comum e não na exceção. Isso deve ser aplicado, também, à situação que envolve a vida e a morte de Jesus Cristo^{as}. Aqueles que acreditam que ele não morreu é que devem fornecer a prova. Mas, aqueles que afirmam que ele certamente morreu não tem a obrigação de mostrar qualquer prova, pois isso é consequência direta das leis da natureza. Caso contrário, qualquer um poderia dizer que o seu tatata... ravô não morreu. Se tal declamante andar por aí desafiando todo mundo para provar o contrário, qual será a reação das pessoas? Como pode um pobre ouvinte cumprir tal desafio? Ele só pode assinalar que as leis da natureza operam sobre cada ser humano, sem poupar ninguém. Então, se alguém está fazendo declamações contra as leis da natureza, o ônus da prova cabe a ele. Essa é a primeira resposta. Mas, agora, vou fazer outra humilde tentativa para tentar tornar as coisas mais claras a partir de outro ponto de vista.

Seja qual for sua relação com Deus, era Jesus Cristo^{as} imune à morte? Os próprios cristãos acreditam que ele morreu. Se morrer fosse contra a sua natureza, isso não poderia ter acontecido nem na primeira vez. No entanto, todos nós concordamos que ele morreu pelo menos uma vez. A parte restante da investigação seria a respeito de quando ele morreu? Se foi na cruz ou depois da crucificação.

O Sinal de Jonas^{as}

Podemos provar a partir da Bíblia que Deus não o abandonou, mas o salvou da morte ignóbil na cruz. Isso pode ser estudado à luz dos fatos relativos ao período anterior à crucificação, bem como dos fatos da crucificação em si e depois dela, conforme relatado no Novo Testamento.

Muito antes do incidente da crucificação, Jesus^{as} prometeu que nenhum sinal seria mostrado ao povo senão o sinal de Jonas^{as}.

“Então alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal.

Mas ele lhes respondeu, e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o do profeta Jonas;

Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.

Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é mais do que Jonas.”

(Mateus 12:38-41)

Sendo assim, antes de determinar o que aconteceu com Jesus^{as},

devemos entender o que aconteceu com Jonas^{as}, pois Jesus^{as} afirmou que o mesmo milagre se repetiria. Qual era o sinal de Jonas^{as}? Morreu ele na barriga da baleia e foi, mais tarde, revivido da morte? Há unanimidade entre todos os estudiosos cristãos, judeus e muçulmanos que Jonas^{as} não morreu na barriga da baleia. Ele ficou, precariamente, entre a vida e a morte e foi milagrosamente salvo daquela situação, enquanto outra pessoa em seu lugar teria morrido. No entanto, algumas sutis leis da natureza, sob o comando Divino, devem ter conspirado para salvá-lo da morte. Lembre-se que não estamos debatendo a questão do ser ou não possível. Estamos apenas mostrando que Jesus^{as}, quando apontou que o mesmo que aconteceu a Jonas^{as} também aconteceria a ele, só poderia ter querido dizer que o que todos entenderam ter ocorrido no caso de Jonas^{as} ocorreria também no caso dele. Ninguém em todo o mundo do judaísmo, seja da terra da Judéia ou de qualquer outro lugar onde os judeus se dispersaram e se estabeleceram, teria recebido uma mensagem diferente dessa afirmação de Jesus^{as}. Todos acreditavam que Jonas^{as}, milagrosamente ou não, sobreviveu por três dias e três noites no ventre da baleia e, durante esse período, não morreu sequer por um único instante. É claro que nós temos nosso próprio entendimento em relação a esse assunto. A história de Jonas^{as}, como contada para nós no Alcorão, não menciona em qualquer lugar que foi por três dias e noites que Jonas^{as} sofreu provações na barriga da baleia. No entanto, voltamos ao caso em questão e tentamos trazer à luz as semelhanças reais que foram preditas por Jesus Cristo^{as} entre Jonas^{as} e ele próprio. Essas semelhanças falaram claramente sobre passar três dias e noites em condições extremamente precárias e de uma revivência milagrosa

de perto da morte, e não sobre voltar dos mortos para a vida. O mesmo – Jesus^{as} afirmou – aconteceria no caso dele.

A Promessa de Jesus^{as} à Casa de Israel

A segunda parte importante da evidência é que Jesus^{as} disse ao seu povo que as ovelhas da casa de Israel que habitavam na Judéia e em torno dela não eram as únicas ovelhas e que ele foi enviado por Deus não só para eles, mas também para as outras ovelhas pertencentes ao mesmo bando. Assim como ele viera para corrigi-los, ele iria corrigir os outros também.

“Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar essas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor.”

(João 10:16)

Agora, de acordo com o conhecimento comum, desde o momento da sua promessa até a crucificação, ele nunca deixou a terra da Judéia para qualquer outro lugar. A questão é: se Jesus^{as} subiu ao céu eternamente, também, em seguida, as ovelhas perdidas de Israel subiram para lá? Os cristãos acreditam que depois de ter sido tirado da cruz morto, a alma de Jesus^{as} retornou ao seu corpo depois de três dias, mais ou menos, e, depois, ele foi visto subindo pelas nuvens e desaparecendo nos recantos desconhecidos do céu, para, então, finalmente, alcançar o trono de seu Pai e se sentar à sua direita eternamente a partir de então. Se isso for verdade,

estaremos diante de um dilema muito grave mesmo. Vamos ter de escolher entre as duas posições. Uma tomada pelo próprio Jesus^{as} e a outra por seus seguidores. As duas posições são tão intransigentes que aceitar uma certamente requer a negação da outra. Se Jesus^{as} estava certo, como acreditamos que ele estava, antes de subir ao céu ele deveria ter lembrado sua própria promessa e pedido mais algum tempo a “Deus Pai” para ficar um pouco mais na Terra, a fim de poder ir aos países para onde muitas das tribos de Israel haviam ido e se estabelecido antes dele. Ele não poderia ter ascendido ao céu sem quebrar a sua promessa e a sua confiança, manchando e danificando irremediavelmente seu Deus perfeito, imagem do homem perfeito. Se, por outro lado, os teólogos cristãos forem considerados corretos e aceitarmos que Jesus^{as} realmente esqueceu seu compromisso com a casa de Israel e foi direto para o céu, teremos de concluir, com pesar no coração, que os teólogos cristãos de fato estão corretos, mas, nesse caso, infelizmente, o cristianismo torna-se falso, pois se Jesus^{as} for provado falso, não há como o cristianismo ser verdadeiro.

Nós acreditamos que ele era um verdadeiro profeta de Deus e não poderia ter feito uma promessa falsa. O que ele quis dizer com as ovelhas perdidas foram as dez tribos de Israel, que já haviam migrado da Judéia e tinham ido para remotas terras orientais. Sua promessa, portanto, foi que ele não iria ser morto na cruz, mas teria uma longa vida para continuar a sua missão e que ele era um profeta não só para as duas tribos israelenses que viviam ao seu redor, mas para todos os israelitas. Juntas, essas duas evidências supracitadas fornecem as indicações positivas do que estava para acontecer com Jesus Cristo^{as} após a crucificação.

Eventos da Crucificação

Outro ponto relevante nessa questão diz respeito à fixação, por Pilatos, da data e do horário para a realização da crucificação. Antes mesmo de ele fixar a data e o horário, lemos sobre outras coisas que – não se deve ficar surpreso ao acreditar – podem ter desempenhado um papel importante para a tomada da sua decisão final. Antes de tudo, pelo que sabemos do Novo Testamento, a esposa de Pilatos foi fortemente contrária a seu marido dar o julgamento contra Jesus^{as}, devido a influência de um sonho que tivera na noite antes do julgamento dele (Mateus 27:19).

Ela ficou tão apavorada com o efeito do sonho, que fez ela acreditar que Jesus^{as} era absolutamente inocente, que considerou indispensável perturbar o processo judicial para transmitir a mensagem do sonho ao seu marido. Talvez tenha sido esse protesto urgente por conta de sua esposa que levou Pilatos a fazer grande alarde para isentar-se da responsabilidade de sua condenação a Jesus^{as}.

“Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso.”

(Mateus 27:24)

Isso equivalia a uma confissão de sua parte que Jesus^{as} era de fato inocente e que o duro julgamento passado por ele contra Jesus^{as}

foi apenas devido à pressão. É bastante evidente, pelo Novo Testamento, que a poderosa comunidade judaica tinha conspirado contra Jesus^{as} e estava determinada a tê-lo punido. Assim, qualquer decisão de Pilatos contrária aos desejos dos judeus poderia ter resultado em uma situação agravante da lei e da ordem. Essa foi a compulsão de Pilatos – o que o deixou indefeso – que foi mostrada no seu ato de lavar as mãos.

Pilatos também fez outra tentativa para salvar Jesus^{as}. Ele deu à multidão enfurecida duas opções: salvar a vida de Jesus^{as} ou a de um notório criminoso chamado Barrabás. Isso nos fornece um indício importante sobre o estado da mente de Pilatos naquele momento. Ele estava, obviamente, contra a idéia da sentença contra Jesus^{as}. Foi nesse estado psicológico que ele fixou sexta-feira à tarde para ser o dia e a hora da execução. O que realmente aconteceu, somos levados a crer, foi uma clara indicação de que ele fez isso de propósito, pois o Sabbath (sábado) estava bem próximo da sexta-feira à tarde e ele, como o guardião da lei, sabia melhor do que ninguém que antes do sábado começar com o pôr do sol, o corpo de Jesus^{as} teria que ser retirado; e foi exatamente isso o que aconteceu. O que normalmente levava três dias e noites, aproximadamente, para finalmente provocar uma morte torturante num homem condenado, foi submetido a Jesus^{as} somente por algumas horas no máximo. Dificilmente suficiente, somos levados a crer, para realmente matar um homem com a compleição de Jesus^{as}, que tinha uma vida austera (em plena juventude) e um corpo fisicamente forte.

Não poderia ser esse incidente a chave para o enigma de Jonas? Como era uma prática comum uma pessoa condenada ficar pendurada na cruz por três dias e noites, isso, de fato, soa um

sino na mente sobre a semelhança entre Jesus^{as} e Jonasas, como mencionado anteriormente. Ele também é suposto ter ficado dentro do corpo da baleia por três dias e três noites. Talvez ele também tenha saído vivo pelo desígnio de Deus dentro de três horas ao invés de três dias. Então, o que aconteceu no caso de Jesus^{as} torna-se um espelho que reflete e repete o drama trágico de Jonasas.

Agora, voltemos aos eventos durante a crucificação. Mesmo até o último momento, Jesus^{as} manteve-se firme aos seus protestos: “Eli, Eli, lamá sabactâni?”. Quão profundamente trágica, quão dolorosa expressão de sua desilusão. Quão sutilmente aponta para alguma promessa anterior e garantia que Deus, o “Pai”, deve ter dado a ele. Caso contrário, nenhum sentido pode ser lido dessa exclamação. É uma negação tanto do seu desejo e vontade de tomar, por vontade própria, o peso do pecado de outras pessoas, quanto da opinião de que ele estava ansioso para a chegada da hora da morte. Porque esse grito de angústia profunda, se a punição foi por ele mesmo requerida? Por que, sendo assim, ele reclamaria a Deus, ou mesmo, oraria por libertação? Isso deve ser lido no contexto do que aconteceu antes. Ele estava orando a Deus, continuamente, para tirar o cálice amargo (da morte) dele.

Nós, como Ahmadi Muçulmanos, acreditamos que, pela pessoa submissa e santa que Jesus^{as} foi, é impossível que Deus não tenha aceitado suas orações. Ele deve ter sido informado de que a oração foi aceite. Eu não acredito que ele entregou o espírito na cruz. Para mim não há contradição e tudo é consistente. Sua morte foi apenas a impressão de um observador que não era nem um médico e nem teve qualquer oportunidade de examiná-lo clinicamente. Um espectador, assistindo com angústia e preocupação,

temendo que a morte supere seu amado mestre. Alguém que se limitou a observar a queda da cabeça cansada com o queixo apoiando-se no peito de Jesus^{as}. E, “veja”, ele exclamou: “Ele entregou o espírito”. Mas, como já explicamos anteriormente, esse não é um tratado para discutir os méritos e a autenticidade do relato bíblico do ponto de vista da genuinidade, ou disputar qualquer interpretação que lhe é atribuída. Estamos aqui apenas para examinar, criticamente, a própria lógica e o bom senso da filosofia e do dogma cristãos.

O ponto que está estabelecido conclusivamente, portanto, é que – tenha ele desmaiado ou morrido – a sua dolorosa surpresa sobre o que estava prestes a acontecer fortemente prova que ele esperava algo diferente. Se era a morte que ele almejava, então a surpresa que ele mostrou não tem justificativa. Nossa interpretação, como Ahmadi Muçulmanos, é que Jesus^{as} apenas ficou surpreso porque ele tinha uma promessa de libertação da cruz dada por Deus durante as suas súplicas da noite anterior. Contudo, Deus tinha outros planos: Ele fez Jesus^{as} desmaiar apenas para que as sentinelas de guarda pudessem enganar-se e acreditar que ele havia morrido e, sendo assim, liberar o corpo para José de para que pudesse ser entregue a seus amigos e parentes. A surpresa que notamos nas últimas palavras de Jesus Cristo^{as} também foi compartilhada pelo próprio Pilatos: “já morto”, foi o que ele exclamou quando o incidente da morte foi relatado a ele (Marcos 15:44). Ele deve ter tido uma longa experiência com a crucificação durante o seu mandato como governador da Judéia e não poderia ter expressado essa surpresa a menos que ele estivesse convencido de que é incomum uma pessoa crucificada morrer no curto período de apenas algumas horas. No entanto, ele teve que aceitar a alegação

para liberar o corpo sob circunstâncias misteriosas. É por isso que ele é sempre acusado de conspiração. Alega-se que, sob a influência da esposa, ele fez com que a execução de Jesus^{as} tivesse lugar em uma hora muito próxima da hora do Sabbath (sábado). Em segundo lugar, ele aceitou o pedido de liberação do corpo, apesar dos relatos duvidosos sobre a morte de Jesus^{as}. Essa decisão de Pilatos causou grande preocupação entre os judeus, que peticionaram a ele e expressaram suas dúvidas e suspeitas sobre a morte de Jesus^{as} (Mateus 27:62-66).

Observamos, também, a partir da Bíblia, que, quando o seu corpo foi retirado, suas pernas não foram quebradas, enquanto as pernas dos dois ladrões, pendurados junto com ele, foram quebradas para garantir que eles morressem (João 19:21-32). Esse ato de poupar Jesus^{as} certamente ajudaria na sua recuperação do coma. Não se pode excluir completamente a hipótese de que as sentinelas haviam sido instruídas por alguns emissários de Pilatos para não quebrar as pernas de Jesus Cristo^{as}. Talvez, como um sinal de respeito a ele e à inocente comunidade cristã.

Ainda de acordo com a Bíblia, quando o seu lado foi perfurado, sangue e água jorraram de repente.

“Mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas.

Contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.”

(João 19:33-34)

Se ele estivesse morto e seu coração tivesse parado de bater, tal sangramento intenso, fazendo o sangue correr e jorrar, seria impossível. No máximo, sangue coagulado e plasma teriam, passivamente, escorridos para fora. Porém, essa não é a imagem que o Novo Testamento apresenta. Ele diz que sangue e água jorraram. Quanto à questão da menção de água, não é de surpreender que Jesus^{as} tenha desenvolvido pleurisia durante as horas extremamente difíceis e rigorosas que ele passou na cruz. Além disso, o estresse da crucificação pode ter resultado em exsudados da pleura juntarem-se formando bolsinhas de água, o que é medicamento denominado de pleurisia molhada. Essa condição, que normalmente é dolorosa e perigosa, parece ter se transformado em uma vantagem para Jesus^{as}, pois, quando o seu lado foi perfurado, a pleura inchada pode facilmente ter desempenhado o papel de uma almofada para proteger os órgãos do tórax de serem penetrados diretamente pela lança. Enfim, água misturada com sangue certamente jorrou em função de um coração ativo.

Outra prova é a seguinte. De acordo com o relato bíblico, após o corpo ser entregue a José de Arimatéia, ele, imediatamente, foi movido para um lugar secreto de enterro, um sepulcro com espaço suficiente não só para Jesus^{as}, mas também para dois assistentes seus sentarem-se e tomarem conta dele.

“Tornaram, pois, os discípulos para casa.

E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro.

E viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.”

(João 20:10-12)

Isso não é tudo! Somos informados pelo Novo Testamento que uma pomada, que foi antecipadamente preparada, foi aplicada às feridas de Jesus^{as} (João 19:31,32). Essa pomada, preparada pelos discípulos de Jesus^{as}, continham ingredientes que possuem propriedades de curar feridas, amenizar dores e etc. Por que houve, afinal, todo esse alarde e o laborioso trabalho de recolher doze raros ingredientes para preparar uma pomada? A receita utilizada é registrada em muitos livros clássicos, como o famoso livro de medicina Al-Qanun de Abu Ali Sina (veja o apêndice para uma lista de livros do tipo). Então, qual era a necessidade de aplicar a pomada em um corpo morto? Isso só faria sentido se os discípulos tivessem fortes razões para crer que Jesus^{as} seria entregue da cruz vivo e não morto. São João é o único apóstolo que se arriscou a oferecer uma explicação que justifique o ato de preparar e aplicar uma pomada para o corpo de Jesus^{as}. Isso corrobora o fato de que o ato de aplicar a pomada em um corpo morto foi considerado um comportamento extremamente estranho e inexplicável para aqueles que acreditavam que Jesus^{as} estava morto quando a pomada foi aplicada. É por essa razão que São João teve que oferecer uma explicação. Ele sugere que isso foi feito apenas porque era uma prática judaica aplicar algum tipo de pomada ou bálsamo nos corpos dos seus mortos. Agora, é um fato muito importante para ser notado que todos os modernos estudiosos que pesquisaram sobre isso concordam que São João não era de origem judia, e ele provou

isso com essa declaração. É conhecido com toda a certeza que os judeus ou os filhos de Israel nunca aplicavam qualquer pomada que seja para os corpos dos seus mortos. Como tal, os estudiosos afirmam que João certamente deve ter sido de origem não judaica, caso contrário, ele não poderia ter sido tão ignorante em relação aos costumes judaicos. Então, tem que haver outra razão para isso.

A pomada foi aplicada para salvar Jesus^{as} de uma morte próxima. A única explicação está no fato de que nem os discípulos esperavam que Jesus^{as} morresse, nem ele realmente morreu na cruz. O corpo que foi tirado da cruz deve ter mostrado sinais positivos de vida antes da aplicação da pomada, caso contrário, acaba sendo um exercício extremamente estúpido, injustificável e inútil por parte de quem participou dele. É pouco provável que aqueles que prepararam essa pomada previamente tivessem feito isso sem uma forte indicação de que Jesus^{as} não iria morrer na cruz, mas seria retirado vivo, gravemente ferido, em grande necessidade de um agente de cura poderoso.

Deve-se ter em mente, também, que a localização do sepulcro onde Jesus^{as} estava foi mantida em segredo, conhecida apenas por alguns de seus discípulos. Obviamente, porque ele ainda estava vivo e ainda não estava fora de perigo.

Quanto ao que aconteceu no sepulcro, isso é discutível em vários aspectos. Não se pode apresentar qualquer examinação crítica, ou prova, de que a pessoa que saiu de lá realmente havia morrido e depois ressuscitado. A única evidência que temos é a crença dos cristãos que o Jesus^{as} que saiu do sepulcro possuía o mesmo corpo que foi crucificado, tendo as mesmas marcas e feridas. Se ele foi visto andando com o mesmo corpo, então, a única conclusão lógica que pode ser tirada é que ele nunca havia morrido.

Outra evidência apontando para a continuidade da vida de Jesus^{as} é a seguinte. Depois de três dias e três noites, ele é visto não pelo público, mas apenas por seus discípulos. Em outras palavras, por pessoas em quem ele confiava. Ele evita a luz do dia e só os encontra sob o manto da escuridão noturna. Pode-se inferir, com segurança, a partir do relato bíblico, que ele parece estar se movendo para longe da fonte de perigo, com um senso de urgência e sigilo. A questão é: se a ele tivesse sido dada uma nova e eterna vida após a sua primeira morte, e ele não estava vulnerável a outra morte, por que ele estava escondendo-se dos olhos de seus inimigos, ou seja, das agências do governo e do público? Ele deveria ter aparecido para os judeus e para os representantes do Império Romano e dito: “Aqui estou eu, com uma vida eterna. Tentem me matar novamente, se vocês podem. Vocês jamais conseguirão”. Mas ele preferiu permanecer oculto. Não que a idéia de aparecer em público não lhe fora sugerida, mas, pelo contrário, foi especificamente sugerido-lhe que se revelasse ao mundo, mas ele recusou e continuou a distanciar-se da Judéia, para que ninguém pudesse persegui-lo.

“Disse-lhe Judas: Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo?”

(João 14:22)

“E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe.

E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles.”

(Lucas 24:28-29)

Isso apresenta, muito fortemente, o caso de um mortal que não está fora do alcance da morte ou da lesão à sua pessoa. Isso significa apenas que Jesus^{as} não morreu no sentido de ter sido libertado do elemento humano nele, mas permaneceu exatamente o mesmo em sua natureza, qualquer que ela fosse, e não houve morte separando seu eu anterior do novo. Isso é o que chamamos de continuidade da vida na experiência humana. Um espírito ou um fantasma que pertença a outro mundo certamente não se comporta como Jesus^{as} se comportou durante seus encontros secretos sob o manto da noite com seus amigos e seguidores.

A hipótese de Jesus^{as} ser um fantasma é enfaticamente descartada por ninguém menos que o próprio Jesus^{as}. Quando ele apareceu a alguns dos seus discípulos, eles não conseguiram esconder o seu medo dele, pois eles acharam que ele não era o próprio Jesus^{as}, mas um fantasma de Jesus^{as}. Jesus Cristo^{as}, compreendendo as suas dificuldades, dissipou seus temores negando ser um fantasma, afirmando-se ser o mesmo Jesus^{as} que foi crucificado. Ele até convidou-os a examinar as suas feridas, que ainda estavam frescas (João 20:19-27). Sua aparição aos seus discípulos de modo algum estabelece a sua revivência dentre os mortos. Tudo o que ela estabelece é, simplesmente, a sua sobrevivência da agonia da morte.

Como se para remover qualquer mal-entendido que pudesse estar, ainda, espreitando a mente deles, ele perguntou o que eles estavam comendo. Quando lhe foi dito que eles estavam comendo pão e peixe, ele pediu um pouco, porque ele estava com fome, e comeu (Lucas 24:41-43). Isso, sem sombra de dúvida, é uma prova contra a sua revivência da morte, isso é, uma revivência da natureza

de um ser humano, tendo morrido uma vez, ser trazido para a vida novamente. Os problemas decorrentes de tal entendimento da revivência de Jesus Cristo^{as} seriam dobrados.

Se Jesus^{as} ainda era da espécie homem-Deus, como é afirmado que ele era antes da crucificação, então, ele não poderia ter se livrado do homem dentro dele. Isso apresenta uma situação muito complicada e problemática. O que a morte causou a ele, ou a eles, ou seja, o homem em Jesus^{as} e o Deus nele? Será que a alma do homem e de Deus partem juntos e retornam ao mesmo corpo terreno novamente depois de terem visitado o mesmo inferno juntos, ou foi só a alma de Deus em Jesus^{as} que retornou ao corpo humano, sem a alma do homem? “Para onde foi que a outra alma desapareceu”, pode-se pensar. Foi a sua jornada ao inferno uma viagem sem volta, enquanto a alma Divina nele foi confinada ao inferno apenas por três dias e noites? Era Deus o pai do homem Jesus^{as} ou do “Filho” Jesus^{as}? Essa pergunta tem que ser resolvida de uma vez por todas para nos dar uma imagem clara. Era o corpo de Jesus^{as} parcialmente um corpo de Deus e parcialmente um corpo de homem?

O conceito de Deus que nos foi concedido pelo estudo tanto do Antigo Testamento, quanto do Novo Testamento, é o de um ser incorpóreo, infinito, com a matéria desempenhando nenhum papel na constituição da sua pessoa.

Tendo entendido isso bem, voltemos a olhar para Jesus^{as} quando ele estava passando por diferentes fases de desenvolvimento como um embrião no ventre de Maria^{as}. Toda a matéria que passou para a formação de Jesus^{as} tem de ter sido transferida pela mãe humana, sem sequer um pinga de contribuição fornecida por Deus, o Pai. É claro que Deus poderia ter criado ele milagrosamente. Mas, do

meu ponto de vista, a criação, seja ela milagrosa ou natural, continua a ser uma criação. Só podemos aceitar alguém ser o pai de um filho, se a substância do pai e a substância da mãe forem divididas igualmente, ou, ao menos, parcialmente, para que pelo menos parte do conteúdo do corpo da criança seja derivado da substância do pai.

A partir disso, deve ficar muito claro para o leitor que Deus não desempenhou qualquer função paterna em qualquer dos processos de nascimento do embrião humano e todo o corpo, com todos os seus sistemas cardíaco, respiratório, alimentar, circulatório, celular e nervoso central sendo o produto da mãe humana apenas, sem nenhuma contribuição externa. Onde está o elemento de filiação em Jesus^{as}, que era um mero receptáculo para a alma de Deus e nada mais? Essa nova compreensão da relação entre Deus e Jesus^{as} pode ser sensivelmente descrita como tudo, menos como uma relação de pai e filho.

Capítulo V

Renascimento ou Ressurreição

O cenário do renascimento de Jesus^{as} dentre os mortos apresenta muitos problemas. Alguns deles já foram discutidos no capítulo anterior. Agora, voltamo-nos para outros elementos e complexidades.

O que temos em vista é a natureza da “mente” de Jesus^{as} antes da crucificação e depois de seu renascimento dos mortos. Sua mente foi trazida à vida novamente depois de uma perda de função por três dias e noites. A pergunta é: o que realmente acontece ao cérebro no momento da morte? Em um ponto, pelo menos, há consenso entre ambos os médicos especialistas cristãos e não cristãos: se o cérebro ficar morto por mais de alguns minutos, ele estará morto para sempre. Tão logo cessa o fornecimento de sangue, ele começa a desintegrar-se.

Se Jesus^{as} morreu durante a crucificação, isso só pode significar que o coração dele parou de funcionar e interrompeu

o fornecimento de sangue para o seu cérebro, e que seu cérebro morreu logo em seguida. Então, todo o seu sistema de sustento à vida deve ter deixado de operar. Caso contrário, ele não poderia ter sido declarado morto. Assim sendo, estamos perante um problema muito intrigante em relação à compreensão da vida e da morte de Jesus Cristo^{as}.

A morte de Jesus Cristo^{as}, como foi demonstrado, significaria uma partida final de seu corpo astral – ou alma, como podemos chamar – da jaula física do corpo humano. Se assim for, o seu renascimento teria que significar o retorno do mesmo corpo astral para o mesmo corpo físico que havia sido deixado para trás três dias antes. Tal retorno da alma reiniciaria o relógio da vida física e fazê-lo-ia tiquetaquear novamente. Para que tal coisa aconteça, as células cerebrais desintegradas e mortas teriam de voltar à vida de repente e os processos químicos de decomposição rápida seriam revertidos integralmente. Trata-se de um problema enorme e ficará para sempre como um desafio para os bioquímicos cristãos resolverem. Descrever a reversão dos processos químicos de decomposição dentro de todo o sistema nervoso central está além do alcance dos limites mais distantes da imaginação de um cientista. Se isso alguma vez tivesse acontecido, seria um milagre de fato, desafiando a ciência e zombando das leis feitas pelo próprio Deus; mas um milagre que, ainda assim, falharia em resolver o problema em questão.

Essa revitalização significaria não apenas a revitalização das células do sistema nervoso central, mas, na verdade, a sua síntese. Ainda que as mesmas células fossem reconstruídas e trazidas para a vida exatamente como eram antes, elas seriam, de fato, um novo conjunto de células desprovidas de qualquer memória anterior.

Elas teriam de voltar remanufaturadas, completadas com todos os dados relevantes para a vida de Jesus^{as} que foram eliminados do seu cérebro após a morte de sua mente.

A vida, tal como a conhecemos, é composta de uma consciência que é preenchida com informações contidas em bilhões de neurônios dentro do cérebro. Essa informação é, então, subdividida em pedaços muito mais complicados e inter-relacionados de dados informatizados, recebidos de cada um dos cinco sentidos. Se esses dados forem eliminados, a própria vida é exterminada. Portanto, o renascimento do cérebro de Jesus^{as} significaria a construção e a fabricação de um novo cérebro computacional com um conjunto completamente novo de software. Essa complexidade também se relaciona com a química do resto do corpo de Jesus Cristo^{as}. Para revitalizar o corpo, um processo de reconstrução química colossal teria de ser posto em ação após recuperar todo o material perdido no processo de decadência. Com tal grandioso milagre tendo ocorrido, levanta-se a questão de saber quem é revivido e com que efeito? É o homem em Jesus^{as} ou é o Deus nele? É por isso que estamos enfatizando a importância de compreender a pessoa de Jesus^{as}.

Sempre que Jesus^{as} é visto falhando em mostrar seus superpoderes como o “Filho de Deus”, os cristãos se refugiam na desculpa de que ele falhou como um homem e não como um Deus. Portanto, temos todo o direito de questionar e definir claramente qual parte nele era homem e qual parte era Deus. A falha do homem em Jesus^{as} exige uma mente humana como uma entidade separada daquela do Deus nele. Quando o cérebro foi revivido o elemento humano em Jesus^{as} é que foi revivido, pois a entidade “Divina” de Jesus^{as} não necessita de um cérebro material para

sustentá-la. Para a entidade “Divina”, ele só funcionou como um receptáculo durante a sua estada anterior na Terra, como no caso de um médium espiritual. Daí o renascimento de Jesus^{as} só implicar no renascimento do homem nele, sem o qual o retorno de seu espírito ao mesmo corpo torna-se impossível.

Se esse cenário não é aceitável, então enfrentamos outro grave problema: atribuir a Jesus^{as}, durante sua vida terrena, duas mentes independentes – uma do homem e outra de Deus. As duas coabitando o mesmo espaço, mas de forma independente e sem qualquer relação de uma com a outra. Se assim for, a questão da revivência terá de ser reexaminada para que a sua verdadeira natureza possa ser claramente compreendida. Nesse cenário, não é preciso conceber a reconstrução fundamental do cérebro humano para dar lugar à mente humana, precisamos apenas imaginar Jesus^{as} revisitando um crânio cheio de restos de decomposição do cérebro de seu ex-hospedeiro humano.

Quanto mais fundo nós olhamos para esse problema, mais problemas surgem na cabeça a cada novo nível investigado. A mente humana exige um cérebro como uma ferramenta do seu processo de pensamento. No que diz respeito às funções do corpo físico, se acreditarmos que a mente é uma entidade separada que vive por si só, então, isso implicará que a mente e a alma são a mesma coisa. Por qualquer nome que nos refrimamos a ela, seja chamando-a de mente, seja de alma, ela pode ser considerada capaz de viver separadamente mesmo quando a sua relação com o cérebro humano é cortada. Mas, se é necessário que ela governe o corpo humano ou que seja influenciada pelo que acontece em seus domínios físicos, então tem que haver uma ligação profunda entre a mente e o cérebro – ou a alma e o cérebro; caso contrário, ela

simplesmente não poderia influenciar, motivar ou controlar processos físicos, mentais ou sentimentais do homem. Certamente, isso é indiscutível.

Desse, somos levados a outro grave problema: será que o assim chamado “Filho Divino” necessita controlar o corpo através de um cérebro? E será que ele depende de um cérebro físico para os seus processos de pensamento? Se ele transcende todas as limitações humanas e tem um sistema independente de processos de pensamento único para ele, sem paralelo em todo o universo de sua criação, então, o retorno da alma de Deus para o corpo humano, juntamente com a da mente do homem, reconstrói uma situação bizarra de uma dupla personalidade, com dois processos de pensamento conflitantes, pois é impossível a mente e a alma humanas estarem completamente em harmonia com a mente de Deus e o Seu ser. Haveria uma variação constante entre os dois processos de pensamento, com confrontos muito irritantes entre as ondas cerebrais. Esse caso teria de ser tratado por um psiquiatra sobre-humano. Um novo tipo de esquizofrenia espiritual, talvez.

Dito isso, vamos reconstruir todo o cenário sob um ângulo diferente. Depois de estudar o cristianismo com certa profundidade, eu cheguei à conclusão que há confusão prevalecendo na compreensão de alguns termos e suas aplicações – sem entender suas implicações – a situações em que eles, de fato, não se aplicam. A ideologia cristã está densamente obscurecida com tanta confusão e terminologia mal aplicada. ‘Revivência’ é um termo e “Ressurreição” é outro. E ambos têm significados diferentes. Até agora, usamos intencionalmente o termo ‘revivência’ quando discutimos a possibilidade da volta de Jesus^{as} à vida novamente. Como vemos claramente pela discussão anterior, ‘revivência’ significa o

retorno de todas as funções vitais do corpo humano após a morte. Mas ‘ressurreição’ é um fenômeno totalmente diferente.

Infelizmente, a igreja cristã, em todo o mundo, foi responsável por criar confusão nas mentes cristãs através da utilização indevida desses termos trocando um pelo outro ou, pelo menos, atribuindo o significado de um termo ao outro. A maioria dos cristãos entende a ressurreição de Jesus Cristo^{as} como a volta novamente à vida do seu corpo humano, que ele havia abandonado na hora da sua, assim dita, morte. É claro que estamos em desacordo com isso e mantemos o nosso direito de descrever isso como um estado de coma profundo e não como uma morte.

Se for corretamente entendida e aplicada, a ressurreição de Jesus^{as} não pode significar o retorno de sua alma ao mesmo corpo humano que havia sido abandonado no momento da morte. O termo ‘ressurreição’ significa apenas a criação de um novo corpo astral. Tal corpo é de natureza espiritual e funciona como um tipo de meio para avaliar o estado da alma dentro dele. Ele é criado para a eterna continuação da vida após a morte. Alguns chamam isso de um corpo sideral, ou corpo astral, e alguns chamam de Atma [Atman]. Não importa o nome que você dê a ele, o significado essencial permanece o mesmo. O termo ressurreição se aplica à criação de um novo corpo para a alma, que é de natureza etérea, e não, repetimos, não, o retorno da alma para o mesmo corpo humano desintegrado deixado para trás anteriormente.

São Paulo falou bastante exatamente nesses termos sobre a ressurreição de Jesus Cristo^{as}. Ele acreditava na ressurreição não só de Jesus^{as}, mas na ressurreição, em geral, de todos aqueles que morrem e são julgados aptos por Deus para receberem uma nova existência e uma nova forma de vida. A personalidade da alma permanece

a mesma, mas a sua morada é alterada. Segundo São Paulo, esse é um fenômeno geral que tem que ser aceito, caso contrário, não restaria sentido no cristianismo ou na religião.

As cartas de São Paulo aos Coríntios devem ser estudadas a fundo, pois elas são centrais nessa questão. Elas não deixam nenhuma sombra de dúvida, em minha mente pelo menos, que, sempre que ele falou sobre Jesus^{as} ter sido visto vivo depois da crucificação, ele falou claramente e sem ambiguidade da sua ressurreição, e da ressurreição apenas, e nunca lhe passou pela cabeça que a alma de Jesus^{as} retornou ao seu corpo mortal e que ele foi ressuscitado da morte em termos físicos usuais. Se o meu entendimento de São Paulo não for aceitável para alguns teólogos cristãos, eles terão que admitir que São Paulo claramente se contradisse, pois, pelo menos em alguns de seus relatos sobre a nova vida de Jesus^{as}, ele não deixa nenhuma sombra de dúvida que ele entendia a nova vida de Jesus^{as} como sendo a ressurreição e não o renascimento do corpo humano em que sua alma é dito ter sido presa.

A seguir estão algumas das passagens relevantes que falam por si mesmas:

“Ora, Deus, que também ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará pelo seu poder.”

(I Coríntios 6:14)

“Assim também a ressurreição dentre os mortos. Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção.

Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor.

Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual.”

(I Coríntios 15:42-44)

“Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade.

E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória.”

(I Coríntios 15:52-54)

“Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor.”

(2 Coríntios 5:8)

O problema que permanece para ser resolvido surge da referência

de São Paulo aos primeiros cristãos relatando como Jesus^{as} foi visto vivo em seu corpo logo após a crucificação. Se São Paulo entendeu que Jesus^{as} havia sido ressuscitado, ele poderia estar certo, é claro, e sua “visão” pessoal de Jesus^{as} ou da comunhão com ele, poderia ser explicada em termos da ressurreição como a visita da alma de uma pessoa morta do outro mundo, adquirindo uma aparição muito similar à sua forma e à sua configuração antes da morte. Mas parece haver confusão com a mistura de dois tipos de evidências. Em primeiro lugar, temos de considerar as evidências iniciais de seus discípulos e daqueles que amavam e reverenciavam Jesus^{as}, embora, por ventura, não tenham sido formalmente iniciados no cristianismo. Essa evidência deve ter sido mal interpretada por São Paulo, porque ele fala claramente de Jesus^{as} em sua forma humana com um corpo físico, o que não pode ser interpretado como ressurreição.

Para provar isso, basta referir-se ao episódio de Jesus^{as} surpreendendo alguns de seus discípulos:

“E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito.

E ele lhes disse: Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?

Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.

E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

E, não o crendo eles ainda por causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer?

Então eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado, e um favo de mel;

O que ele tomou, e comeu diante deles.”

(Lucas 24:37-43)

Esse episódio exclui categoricamente a idéia de ressurreição e fala de Jesus^{as} querendo demonstrar claramente que ele era a mesma pessoa no mesmo corpo humano e não um fantasma, nem alguém que já não depende de alimentos para a sobrevivência. Isso mostra, ainda, que os primeiros cristãos estavam falando de duas coisas diferentes. Sempre que eles falavam do renascimento de Jesus^{as} dentre os mortos e eram confrontados com o seu cepticismo quanto ao completo absurdo da idéia, eles se refugiavam na noção de ressurreição, que pode ser filosófica e logicamente explicada. I Coríntios, em particular, apresenta uma excelente oportunidade para estudar o dilema de colocar os pés em dois barcos diferentes.

Finalmente, voltando à evidência dos encontros dos primeiros cristãos com Jesus Cristo^{as}, ficamos sem opção, senão acreditar que o Jesus^{as} que apareceu logo após a crucificação para muitos dos seus discípulos e amigos, que falou com eles, que os acompanhou e se afastou gradualmente do cenário da crucificação, geralmente no manto da noite, certamente não era uma pessoa ressuscitada, mas alguém que só poderia ser entendido como uma pessoa que, ou

foi fisicamente revivida dentre os mortos, ou alguém que nunca morreu, mas foi milagrosamente recuperado de um estado próximo da morte. De fato, tão perto da morte, que o seu estado poderia ser comparado ao estado de Jonas no ventre da baleia. Não temos nenhuma dúvida em nossas mentes que essa última opção é a única aceitável.

Para tornar mais fácil para os cristãos compreenderem o nosso ponto de vista, eu vou apresentar um caso hipotético similar. A mesma história se repete na vida real hoje. É feita uma tentativa de matar alguém crucificando o mesmo e, como resultado, ele é suposto estar morto. Posteriormente, a mesma pessoa é vista andando com alguns dos seus companheiros mais próximos. Eles também observam que o seu corpo físico claramente carrega as marcas da crucificação. Ele é, então, recapturado pela lei e apresentado ao tribunal de justiça a pedido dos denunciante, que afirmam que, como ele escapou da morte de alguma forma na primeira tentativa, então, para consumir a sentença proferida contra ele, ele deve ser crucificado novamente. Esse homem, então, defende-se dizendo que ele, de fato, já morreu uma vez, e, portanto, a finalidade da lei foi alcançada, e agora que ele ressuscitou dos mortos por um decreto especial de Deus, o julgamento de condenação do passado não pode ser re-executado pela razão de que ele está gozando de uma vida totalmente nova em que não cometera nenhum crime contra a lei. Se o tribunal aceitar esse fundamento, obviamente ele não será punido novamente por um crime pelo qual já pagou.

Se tal incidente acontecesse em um tribunal de justiça em um país cristão com um juiz e um júri cristãos, que sentença o leitor sugeriria que eles iriam, ou deveriam, passar? Se o fundamento da

pessoa em julgamento é rejeitado e ele é condenado à crucificação novamente, com que base isso seria justificado?

Evidentemente, qualquer juiz sensato, cristão ou não cristão, e qualquer júri constituído por pessoas sãs, não aceitariam, sequer remotamente, o fundamento de que, tendo morrido uma vez, o acusado havia vindo à vida novamente. Tal sentença não tem discriminação paroquial, religiosa, racial ou étnica. É de natureza universal e ninguém no comando de sua sanidade mental pode pensar em outra sentença a não ser essa. Portanto, o consenso universal do intelecto humano rejeitaria o fundamento de ‘revivência’ da morte, e só passaria uma sentença de ‘sobrevivência’ da morte. Isso é exatamente o que aconteceu no caso de Jesus Cristo^{as}. Não foi nenhum caso de renascimento nem de ressurreição, mas, simplesmente, como o senso comum entenderia, um claro caso de sobrevivência.

A volta à vida do corpo morto de Jesus^{as} é tão essencial ao Cristianismo que se tem que investigar os reais motivos por trás disso. Aparentemente não há nenhuma lógica em todo o episódio. Por que um assim chamado “Filho de Deus”, tendo uma vez saído da sua jaula humana voltaria à ela novamente? E como poderia ser provado incontestavelmente que ele havia realmente morrido e, em seguida, vindo à vida novamente? Esse aspecto já foi discutido por um bom tempo e eu não estou tentando enfatizar o mesmo ponto, mas gostaria de chamar a atenção do leitor para outra relevante questão vital.

Por que uma idéia tão absurda enraizou-se na teologia cristã e, gradualmente, poucos séculos após Jesus^{as}, tornou-se um dos pilares da fé cristã, sem a qual todo o edifício da teologia cristã entraria em colapso? Vamos tentar projetar-nos na mente dos

primeiros cristãos, que enfrentaram um dilema quase insolúvel, e começar a reconstruir as circunstâncias em que ao Cristianismo foi dada uma forma diferente de sua realidade. Dessa forma, talvez, seja mais fácil para nós compreendermos, em profundidade, a construção e a desconstrução do Cristianismo. O fato concreto que deve ser trazido em foco é simplesmente este: se Jesus^{as}, a paz esteja com ele, realmente morreu na cruz, então, aos olhos do povo judeu, ele claramente pareceria ser um impostor.

Linguagem Vitriólica contra o Povo Sagrado

Conforme mencionado anteriormente, as escrituras haviam previsto que qualquer clamante falso que atribuísse qualquer coisa a Deus que Ele não houvesse dito, seria pendurado no madeiro. Portanto, a morte de Jesus^{as} na cruz seria equivalente à morte do cristianismo. É por isso que a literatura religiosa judaica autêntica está cheia de seus maldosos pensamentos de satisfação com relação à morte de Jesus^{as} na cruz. Ele foi considerado como tendo sido provado falso, sem sombra de dúvida, por seus contemporâneos adversários judeus com base naquela sentença Bíblica particular. Eles perderam qualquer imagem de respeito por ele e utilizaram uma linguagem tão suja e insultuosa contra ele que é uma leitura insuportável para quem ama Jesus^{as} como nós amamos, como um verdadeiro, amado e sagrado mensageiro de Deus. Pode-se imaginar o profundo sofrimento e agonia intensa dos primeiros cristãos que tinham conhecido Jesus^{as} como sendo um homem santo e um verdadeiro mensageiro de Deus, tendo sido atribuído com a posição especial de Messias. Como eles poderiam se defender contra

o ataque de linguagem obscena que, quando lida hoje, no contexto atual, traz à mente a imagem feia do famoso livro de Salman Rushdie “Os Versos Satânicos”?

Essa total falta de respeito e decência por parte de ambos parece ter surgido das profundezas da degradação humana. As citações a seguir darão ao leitor uma idéia do que acontece com todos os valores humanos decentes quando os antagonistas fanáticos do povo santo optam por torná-lo um alvo de seus impudentes, pervertidos e distorcidos delírios.

O Talmud, o livro doutrinário que inteiramente expõe todo o conhecimento e as crenças do povo judeu, ensina que Jesus^{as} não teve apenas um nascimento ilegítimo, mas foi duplamente impuro por de ter nascido de um vínculo conjugal diabólico de Maria^{as} durante o seu período de menstruação. É elaborado, adiante, que ele tinha a alma de Esaú; que ele era um tolo, um feiticeiro, um sedutor; que ele foi crucificado, sepultado no inferno e configurado como um ídolo até por seus seguidores. Os extratos que se seguem foram extraídos do livro “O Talmud Desmascarado”, por Rev. I.B. Pranaitis.

“O seguinte é narrado no Tratado Kallah, 1b (18b):

Uma vez, quando os anciãos estavam sentados na porta, dois rapazes passaram por lá, um dos quais tinha a cabeça coberta. O outro com a cabeça nua. Rabino Eliezer observou que aquele com a cabeça descoberta era ilegítimo, um mamzer. Rabi Jehoschua disse que ele foi concebido durante a menstruação, ben niddah. Rabino Akibah, no entanto, disse que ele era ambos. Logo, os outros perguntaram ao rabino

Akibah porque ele ousou contradizer seus colegas. Ele respondeu que poderia provar o que disse. Ele foi, então, até a mãe do menino, que ele viu sentada no mercado vendendo verduras e disse-lhe: 'Minha filha, se você responder com sinceridade o que eu vou lhe perguntar, eu prometo que você será salva na próxima vida.' Ela exigiu que ele jurasse que iria cumprir a sua promessa, e o rabino Akibah assim o fez, mas apenas com os lábios – em seu coração, ele invalidou o juramento. Então ele disse: 'Diga-me que tipo de filho é esse de vocês'? Ao que ela respondeu: 'O dia em que eu fui casada, eu estava menstruando e, por isso, meu marido me deixou, mas um espírito do mal veio e dormiu comigo e dessa relação nasceu o meu filho'. Assim, ficou provado que o jovem homem não era apenas ilegítimo, mas também concebido durante a menstruação da mãe e, quando seus interlocutores ouviram isso, eles declararam: 'Grande realmente era o Rabino Akibah quando ele corrigiu seus anciãos!'. E exclamaram: 'Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que revelou seu segredo ao Rabino Akibah, o filho de José!'

Que os judeus entendem essa história como referindo-se a Jesus e sua mãe, Maria, é claramente demonstrado em seu livro Toldath Jeschu – 'A Geração de Jesus' – em que o nascimento do nosso Salvador é narrado praticamente nas mesmas palavras".¹

Tudo o que é descente no homem se revolta contra a imundície

1 O Talmud Desmascarado, por Rev. I. B. Pranaitis, Cap. I, pág. 30

fedorenta que foi acumulada sobre o nome e a imagem santa de Jesus^{as} na literatura de seu antagonista hostil. É claro que Jesus^{as} foi concebido por uma mulher casta sagrada chamada Maria^{as}, e nada mais desempenhou algum papel nesse plano, senão os ilimitados poderes criativos do nosso Senhor Deus. A idéia de gravidez por relação com o diabo durante o estado de menstruação é muito mais apropriadamente aplicável à mente que concebeu esta enormidade. Infelizmente, nem os cônjuges santos do povo santo, ou mesmo suas mães, são poupados pelas línguas e canetas de pervertidos que cospem veneno e imundícies. Não faz nenhuma diferença se um tal maníaco viveu dois mil anos atrás ou nasceu no mundo contemporâneo. É surpreendente como mesmo as sociedades mais civilizadas de hoje podem fechar os olhos a essa bestialidade e preferem aprovar tais flagrantes delitos em nome da liberdade da língua e da caneta.

A linguagem usada por Salman Rushdie, por exemplo, contra as esposas sagradas do Santo Profeta do Islã^{sa} não é diferente da linguagem usada contra a santa mãe de Cristo^{as}:

“Também é narrado em Sanhedrin, 67a:

*‘Isso é o que fizeram com o filho de Stada em Lud, e eles enforcaram-no na véspera da Páscoa. Por isso, o filho de Stada era o filho de Pandira. Pelo o que o Rabino Chasda nos conta, Pandira era o marido de Stada, sua mãe, e ele viveu durante o tempo de Paphus, o filho de Jehuda’”*¹

1 O Talmud Desmascarado, por Rev. I. B. Pranaitis, Cap. I, pág. 30

O autor de “O Talmud Desmascarado”, Rev. I.B. Pranaitis, faz o seguinte comentário sobre os versos citados acima:

“O significado disso é que esta Maria foi chamada Stada, ou seja, uma prostituta, porque, de acordo com o que foi ensinado na Pumbadita, ela deixou o marido e cometeu adultério. Isso também é registrado no Talmud de Jerusalém e Maimônides. Se aqueles que acreditam em tais mentiras diabólicas merecem mais ódio ou mais piedade, eu não posso dizer”.

Esse sim é um grito de angústia do coração de uma vítima indefesa que está magoada com a zombaria fanática contra o seu amado mestre. Os primeiros cristãos devem ter sofrido uma agonia ainda maior e deve ter sido como uma experiência infernal o tamanho escárnio dos judeus daquela época. Eles tiveram de sofrer injúrias dirigidas não contra alguém cuja memória foi enterrada no passado, mas contra alguém cuja memória amada ainda estava fresca e viva, e que foi profundamente amado por aqueles que o tinham visto e haviam compartilhado vários momentos dos mais maravilhosos da sua vida com ele. Eles devem ter sido duplamente atormentados, porque não foi só a ironia atroz que os machucou, mas o insulto foi acrescentado à injúria, com o sofrimento de Jesus Cristo^{as} durante a sua condenação e sua tentativa de crucificação.

Eu só desejo que a consciência cristã do Ocidente livre pudesse, pelo menos, fazer algum esforço para compreender a agonia e a angústia de um bilhão de muçulmanos que são certamente não menos torturados quando uma linguagem desumana semelhante é usada contra seu amado Santo Mestre e seus companheiros.

Os primeiros cristãos tiveram que sofrer tudo isso apesar do seu conhecimento pessoal e irrevogável e de possuírem provas de que Jesus^{as} estava vivo e que ele não havia morrido na cruz como alardeado pelos judeus. Eles tinham tratado seus ferimentos. Eles tinham o visto recuperar-se milagrosamente de um profundo estado de coma em que seu corpo foi entregue a eles, e tinham o visto com seus próprios olhos, não sob a forma de uma aparição ou de um fantasma, mas no mesmo frágil corpo humano que sofrera tanto pelo amor à verdade e, ainda, sobrevivera milagrosamente à morte. Eles conversaram com ele, comeram com ele e viram ele movimentar-se passo a passo, noite após noite, em segredo absoluto para longe do cenário da crucificação.

Ascensão

O tema da ascensão de Jesus Cristo^{as} não é sequer tocado por São Mateus ou por São João em seus Evangelhos. A falta da menção de um evento tão importante deixa-nos curiosos para saber o porquê disso.

Os dois únicos evangelhos sinóticos que mencionam a ascensão são Marcos (16:19) e Lucas (24:51). No entanto, recentes investigações científicas e acadêmicas provaram que os relatos contidos em ambos os Evangelhos são interpolações feitas posteriormente. Esses versos não existiam nos textos originais.

Codex Sinaiticus data do século 4 e continua sendo o mais antigo texto quase completo dos Antigo e Novo Testamentos¹. Ele

1 Jesus the Evidence, por Ian Wilson (1984), pág. 18.

testemunha o fato de que os ditos versículos de Marcos e Lucas não estavam incluídos nas versões originais autênticas, mas sim, certamente, foram adicionados por algum escriba, por iniciativa própria, muito mais tarde. No Codex Sinaiticus, o Evangelho de Marcos termina no capítulo 16, versículo 8. Esse fato também é reconhecido hoje em algumas edições modernas da Bíblia¹. Além disso, o Evangelho de Lucas (24:15) no Codex Sinaiticus, não contém as palavras “ascendido ao céu”.

Segundo o crítico textual C.S.C. Williams, se essas omissões no Sinaiticus Codex são corretas, não há uma referência, sequer, sobre a ascensão no texto original dos Evangelhos².

Até as Testemunhas de Jeová, que são alguns dos defensores mais veementes da “filiação” de Jesus^{as} e de sua ascensão a “Deus Pai”, tiveram de, enfim, admitir que os versículos em Marcos e Lucas são adições sem fundamento nos textos originais³.

O que Aconteceu com o Corpo de Jesus^{as}?

Uma análise mais crítica sob o ponto de vista do senso comum e da lógica revela ainda mais absurdos inerentes aos episódios da crucificação e da ascensão conforme apresentados pelos cristãos de hoje. Quanto à questão do retorno de Jesus^{as} ao seu corpo humano,

1 The Holy Bible, New International Version (1984), pela International Bible Society, pág 1024.

2 The Secrets of Mount Sinai, the Story of Finding the World's Oldest Bible Codex Sinaiticus, por James Bently, pág. 131.

3 New World Translation

muito já foi dito. Nós só queremos adicionar à questão o seguinte ponto: o que aconteceu (ou aconteceria) com o corpo quando Jesus^{as}, finalmente, ascendeu ao céu, se é que ele alguma vez o fez.

Quando confrontados com a pergunta sobre o que aconteceu com o corpo de Jesus Cristo^{as}, alguns cristãos sugerem que, quando ele ascendeu ao seu Pai celestial, o seu corpo carnal se desintegrou e desapareceu num brilho. Isso levanta uma questão fundamental. Se a partida de Jesus^{as} do corpo humano resultaria num evento tão explosivo, por que isso não aconteceu no instante de sua dita primeira morte? A única referência que temos na Bíblia sobre a morte de Jesus^{as} é de quando ele ainda estava pendurado na cruz e, nas palavras de São Mateus, “ele entregou o espírito”. Aparentemente, não houve nada mais que uma suave partida da alma do corpo. Será que estamos para assumir que ele não morreu na cruz, porque se ele tivesse deixado o corpo, este deveria ter explodido de forma semelhante? Por que isso só acontece na segunda vez que Jesus^{as} deixa seu corpo? Sob essas circunstâncias, só restam dois caminhos possíveis:

1) Que a pessoa de Jesus^{as} não ficou eternamente confinada ao corpo humano depois que sua alma voltou para ele e que, durante sua ascensão, ele rejeitou o seu corpo humano e subiu apenas como um espírito de Deus.

Essa ideia não é apoiada por fatos e nem é aceitável, pois isso levaria a um beco sem saída de crer que Jesus^{as} morreu duas vezes: a primeira vez na cruz e a segunda vez na Ascensão.

2) Que ele ficou confinado no corpo humano eternamente.

Isso não pode ser aceite porque é absolutamente repugnante e incompatível com a dignidade e a majestade da imagem de Deus.

Por outro lado, temos um ponto de vista do senso comum.

Seria um erro entender a ascensão de Jesus^{as} como uma espécie de viagem ao espaço da antiguidade, e o céu como um lugar além do sol, da lua e das galáxias. A verdade não é nem essa, nem aquela¹. A criação de uma história tão bizarra, portanto, só poderia ter sido motivada por um dilema insolúvel que os cristãos enfrentaram durante o período nascente do cristianismo. Quando Jesus^{as} desapareceu das vistas, naturalmente, a questão sobre o que aconteceu com ele deve ter sido levantada.

Os primeiros cristãos não poderiam resolver o dilema dizendo abertamente que, como ele não morreu, não faz sentido questionar sobre um corpo deixado para trás e que seu corpo, de fato, estava naturalmente junto com ele durante sua migração. Dessa forma, o problema do desaparecimento do corpo poderia ter sido facilmente resolvido. Mas essa confissão era impossível de se fazer. Aqueles que ousassem admitir que Jesus^{as} foi visto vivo e se afastando gradualmente da Judéia enfrentariam o perigo de serem condenados pela lei romana como coadjuvantes no crime de fuga da justiça.

Buscar refúgio na criação de uma história como a ascensão de Jesus^{as} ao céu ofereceu uma opção mais segura, ainda que fosse uma idéia bizarra. No entanto, é claro, isso implicaria em indulgência em falsidade. Devemos prestar a nossa homenagem à integridade dos primeiros discípulos, que, apesar dessa situação, não se refugiaram em uma declaração falsa. Todos os escritores dos Evangelhos optaram por ficar em silêncio sobre essa questão, em vez de se refugiar atrás de uma cortina de fumaça de distorções. Sem dúvida,

1 The Lion Handbook of Christian Belief, Lion, London (1982), pág. 120.

eles devem ter sofrido as zombarias dos seus adversários, mas eles escolheram sofrer em silêncio.

O misterioso silêncio por parte daqueles que conheciam a história por dentro deve ter sido o maior responsável em semear dúvidas na mente dos cristãos das gerações posteriores. Eles devem ter se perguntado: por que, após a alma de Jesus Cristo^{as} ter partido, não houve menção de seu corpo sendo deixado para trás? Onde ele foi parar e o que aconteceu com ele? Por que a alma de Cristo^{as} retornou para o mesmo corpo, se é que o fez? Essas questões vitais, mas sem resposta, podem ter gerado ainda outras perguntas. Se reviver significa voltar ao mesmo corpo, o que deve ter acontecido com Jesus Cristo^{as} após a segunda fase de sua prisão na moldura carnal humana? Será que ele ficou eternamente trancado naquele corpo, sem nunca poder sair?

Por outro lado, se a alma de Jesus^{as} afastou-se do mesmo corpo, novamente, então, essa revivência foi temporária ou permanente? Se ele não ficou aprisionado nele, então o que aconteceu com o seu corpo após sua segunda morte? Onde ele foi enterrado? Existe alguma menção disso em qualquer arquivo histórico?

Parece que essas perguntas, mesmo que não levantadas logo cedo, devem ter sido levantada durante os séculos posteriores, quando estudos filosóficos intensos sobre o mistério de Cristo^{as} e tudo o mais sobre ele foram amplamente discutidos entre os teólogos cristãos. Parece que algum escriba sem consciência tentou escapar dessa questão interpolando os últimos doze versículos do Evangelho de São Marcos e falsamente atribuiu a ele a afirmação de que Jesus^{as} foi visto subindo ao céu no mesmo corpo.

As mãos da invenção também não pouparam o Evangelho de Lucas, onde a esperta inserção das palavras “e ele foi levado para

o céu”, em 24:51, serviu o propósito do interpolador. Dessa forma, ele pôs fim às interrogações de uma vez por todas. Pelo menos, um mistério do dogma cristão, dessa forma, ficou resolvido. Mas, infelizmente, a que custo? Ao custo dos nobres fatos relativos à verdadeira e sagrada imagem de Jesus Cristo^{as}. O fato ocorrido com Cristo^{as} foi, assim, sacrificado no altar da ficção. A partir de então, o cristianismo continuou prosseguindo ininterruptamente e sem controle na jornada de sua transformação dos fatos à ficção.

Sabemos, com certeza, que os judeus estavam desventurados e perturbados por não encontrar o corpo de Jesus Cristo^{as} (Mateus 28:11-15). Eles queriam ter a certeza da morte de Jesus^{as} e, por isso, precisavam da prova universalmente aceitável de morte, isso é, a presença de um corpo morto. Sua queixa, dirigida a Pilatos, evidentemente, mostra sua inquietação sobre o potencial desaparecimento dele.

A resposta verdadeira e simples, no entanto, reside no fato de que Cristo^{as} não morreu da maneira que se acreditava. Portanto, a questão de um corpo ausente era totalmente irrelevante. E, de acordo com a sua promessa, ele deixou a Judéia em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel. Sendo assim, obviamente, ele não poderia ser visto novamente.

O Ponto de Vista Ahmadi Muçulmano

O ponto de vista ahmadi muçulmano sobre o paradeiro do corpo de Jesus^{as} é muito claro, lógico e factual. Ele apresenta Jesus^{as} e o que aconteceu com ele na luz da verdade, aureolada por sua glória. A realidade de Jesus Cristo^{as} é tão bonita que não há necessidade

de construir um mistério ornamental em torno dele. Sua realidade engloba seu sofrimento em amor da humanidade pecadora ao longo de sua vida, que culminou com a agonia da crucificação; sua libertação da cruz, como prometido pelo Misericordioso e Beneficente Deus Todo-Poderoso e a sua subsequente migração em busca das dez tribos perdidas de Israel.

Por isso, ele entregou a mensagem de Deus não só para as duas tribos a quem ele se dirigiu antes da crucificação, mas, também, estendeu essa mensagem a todas as outras tribos de Israel, cumprindo o propósito de sua missão. Foi só então que ele levou todo o propósito de seu ministério ao desfecho final. Essas são as realidades nobres e ilustres da vida de Jesus^{as}.

O fundador da Comunidade Ahmadia, Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, de Qadian, declarou, cerca de cem anos atrás, que Jesus^{as}, um verdadeiro profeta de Deus, foi entregue da cruz da forma que estava implícita em seus discursos anteriores. Pela primeira vez na história do Islā, Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, divinamente guiado como era, levantou o místico véu das realidades brilhantes da vida de Jesus^{as}. Foi ele quem declarou, na face do amargo ressentimento da maioria dos muçulmanos ortodoxos, que Jesus^{as} não morreu na cruz, nem ascendeu corporalmente ao céu, mas sim, foi milagrosamente entregue da cruz vivo, de acordo com a promessa de Deus e, posteriormente, migrou em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel, como ele mesmo havia anteriormente prometido.

Seguindo a rota mais provável da migração das tribos de Israel pode, seguramente, assumir-se que ele deve ter viajado através do Afeganistão em seu caminho para a Caxemira e para outras partes da Índia em que a presença de tribos israelitas foi relatada.

Há fortes evidências históricas de que os povos do Afeganistão

e da Caxemira originaram-se de tribos judaicas imigrantes. Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, em última análise, revelou que Jesus Cristo^{as} faleceu e foi sepultado em Srinagar, na Caxemira.

Quando os ahmadis apresentam essa explicação como uma plausível e realista solução para o desaparecimento do corpo de Jesus^{as} do país de seu nascimento, muitas vezes eles são confrontados com a indagação que, mesmo tendo em conta que ele foi libertado da cruz vivo, é extremamente inverossímil que ele tenha feito a longa e perigosa viagem da Judéia até a Caxemira. Ouvindo isso os ahmadis ficam se perguntando qual distância é a maior e mais improvável de ser percorrida: a da Palestina à Caxemira ou a da Terra aos confins do céu. Novamente os ahmadis se perguntam sobre o que aconteceu com a promessa de Jesus Cristo^{as} de que ele iria em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel. Se ele partiu direto da Palestina para se sentar à direita de seu “Pai”, esqueceu ele seu compromisso, ou para ele era impossível manter sua promessa? Ou é isso, ou, como sugerido anteriormente, deve-se esperar que as ovelhas perdidas da casa de Israel já haviam, anteriormente, subido ao céu, para onde Jesus^{as} partiu em sua busca.

Casos de Sobrevivência

Para aqueles que ainda acham difícil acreditar que o cenário de Jesus^{as} ter sido entregue vivo da cruz é impossível e inaceitável, chamemos a sua atenção para o fato de que, à luz da história conhecida e preservada da sobrevivência do homem em situações extremas e perigosas, o caso de Jesus^{as}, conforme já apresentamos, não é nem estranho nem impossível de se aceitar. Muitos relatos

médicos verificados sobre casos de quase morte apresentam uma série de evidências em favor da sobrevivência das pessoas em situações quase impossíveis.

Um caso bem documentado de um marajá de um pequeno estado da Índia da pré-partição é digno de ser mencionado. Ele foi submetido a uma situação quase impossível similar, em que tinha poucas chances de sobrevivência. O marajá em questão foi envenenado por sua esposa e, enquanto seu corpo estava sendo cremado junto com o fogo bem iluminado, uma violenta tempestade apareceu de repente. No final das contas, ele não apenas escapou da morte, mas depois de uma longa batalha judicial foi reintegrado ao seu trono. A história desenrola-se da seguinte forma:

“Ramendra Narayan Roy, o Kumar do Estado Bhowal, com sede do Tribunal de Wards na Joydevpur, foi alegado ter sido envenenado e, depois, declarado morto e colocado para cremação no queimante ‘ghat’ em maio de 1909. As circunstâncias sugerem que sua esposa teve o papel principal na tentativa do homicídio. Uma rajada de trovão pesada antes da conclusão da cremação fez o responsável pela queima do corpo morto voltar às pressas, deixando o corpo morto. A chuva fez o fogo extinguir-se. Um grupo de sadhus (eremitas hindus) que estava passando notou que o homem estava vivo. Ele foi, assim, resgatado. No dia seguinte, quando foi descoberto pelos conspiradores que o corpo havia desaparecido, eles cremaram outro corpo para fazer a morte de Kumar parecer fato.

Os sadhus, que o salvaram, em seguida, levaram-no de lugar para lugar. A experiência de quase morte fez Kumar

perder sua memória, mas ele a recuperou gradualmente e visitou Joydevpur doze anos depois. O ambiente familiar da sua cidade natal, levou-o a recuperar a memória completamente. Quando Kumar entrou com uma ação civil para recuperar o espólio do Tribunal de Wards como o verdadeiro herdeiro e proprietário do Estado Bhowal, sua esposa e alguns outros contestaram. Um processo judicial foi então disputado entre as duas partes. Mais de mil pessoas deram provas em favor de Kumar e quatrocentos em apoio de sua esposa. A questão principal que estava sendo contestada era a respeito da identidade de Kumar, já que, de acordo com o conhecimento comum, ele havia morrido doze anos atrás.

O caso foi ganho por Kumar depois de ele identificar algumas marcas no corpo de sua esposa que só um marido poderia conhecer. Sua propriedade foi então restaurada a ele.”¹

Centenas de milhares de casos semelhantes devem ter acontecido sem serem registrados. Graças às modernas instalações médicas e da cobertura da mídia, centenas de casos semelhantes estão sendo notificados e registrados. Se tudo isso é plausível nos casos de pessoas comuns de todas as classes da sociedade e de todos os tipos de formações religiosas e morais, porque não poderia ser possível no caso de Jesus Cristo^{as}.

Se qualquer um tem chance de sobreviver em situações

1 The Bhowal Case, compilado por J. M. Mitra e R. C. Chakravarty, publicado por Peer & Son, Calcutá.

difíceis e quase impossíveis, Jesus^{as}, de fato, tem uma chance maior ainda por causa das circunstâncias especiais em torno dele. Estranhamente, no entanto, os céticos descartam a idéia de que Jesus^{as} sobreviveu à tentativa de assassinato pela crucificação. No entanto, eles acreditam facilmente num conto muito mais irrealista, bizarro e artificial de sua revitalização da morte absoluta. Uma morte que, de acordo com eles, durou três dias e noites inteiros.

O campo da pesquisa médica também teve interesse no fenômeno da quase morte. Um estudo foi realizado em que setenta e oito relatos de experiências de quase-morte foram examinadas. Em oitenta por cento dos casos o pessoal médico esteve presente durante ou imediatamente após essas experiências. Curiosamente, quarenta e um por cento dos entrevistados disseram que eles haviam sido considerados mortos durante a experiência de quase morte.¹

Se os médicos especialistas, com todos os tipos de engenhocas à sua disposição, podem declarar como morta uma pessoa viva, que confiança teria o testemunho de um aflito observador que viu Jesus^{as} perder a consciência e, disso, deduziu que ele morreu? Contudo, depois de vê-lo novamente, tirar a conclusão de que ele reviveu da morte é totalmente injustificável.

1 The Phenomenology of Near Death Experiences, por Bruce Greyson, M. D. e Ian Stevenson, M. D, AM. *Psychiatry* 137:10, Outubro de 1980

Capítulo VI

Trindade

Até agora, apenas examinamos as compulsões subjacentes que levaram à criação dos mitos de deificação de Jesus^{as} e de seu dito papel na Trindade como o Filho de Deus. No entanto, a terceira pessoa do dogma cristão da Trindade, que é o Espírito Santo, paira, ainda, como um mistério. Por que não “Dois em Um” foi o suficiente e por que houve a necessidade de introduzir uma terceira entidade a essa doutrina fundamental? Logicamente, a terceira entidade não tem justificativa para ocupar um lugar no conceito cristão de divindade. Harnack, um comentarista sobre essa questão, entende que, inicialmente, o cristianismo foi representado por uma tríade em Deus e Jesus^{as}. Mais tarde, ela abrangia a igreja se referindo a ele como “O Espírito” para adicionar um elemento de divindade ao que, do contrário, seria um oco e implausível terceiro parceiro. Isso também serviu como uma excelente ferramenta

anti-judaica¹. O Reverendo K. E. Kirk em sua dissertação sobre “A Evolução da Doutrina da Trindade” tem a dizer o seguinte sobre o mesmo assunto:

“Nós, naturalmente, voltamo-nos para os escritores daquela época para descobrir que base eles têm para a sua crença. Para a nossa surpresa, somos forçados a admitir que eles não têm base nenhuma. A questão, como ela se apresentou a eles, não foi 'por que três pessoas?', e sim, 'por que não?'”.

Ele continua e aponta a completa falha da teologia cristã em produzir qualquer justificação lógica para a doutrina trinitária, podendo a tríade cristã ser explicada como sendo, essencialmente, um conceito binário ao qual uma terceira entidade díspar foi atada para formar um quadro mais completo².

Nós acreditamos que essa entidade evoluiu gradualmente sob a influência de filosofias pagãs anteriores e mitos que haviam em abundância no império romano. A troca de ideias deve ter levado os teólogos cristãos a determinarem a posição do Espírito Santo. Como há fortes indícios da existência de tais religiões, ou cultos, que visualizavam Deus como sendo composto por três entidades em uma só, não é difícil rastrear a origem final da doutrina cristã da Trindade. Afinal, se dois poderiam ser um e um poderia ser dois, por que não poderiam, também, três ser um. Fica para os estudiosos e pesquisadores determinar exatamente quando e como

1 Harnack, *Constitution and Law of the Church*, E. T., pág. 264

2 *Essays on the Trinity and the Incarnation*, pág. 93, editado por A. E. J. Rawlinson, Longman, Londres, 1929.

a terceira entidade da divindade cristã firmou suas raízes na mitologia cristã, mas, no momento, isso está fora do domínio dessa discussão. Aqui, nós apenas desejamos examinar o absurdo de tais alegações, que são rejeitadas de imediato pela compreensão humana. A natureza humana rejeita ideias autocontraditórias e paradoxais.

Inter-Relação dentro da Trindade

Quando se tenta visualizar a inter-relação dos três componentes da divindade cristã, os únicos possíveis cenários que surgem são os seguintes:

1. Eles possuiriam diferentes fases ou aspectos de uma única pessoa.
2. Eles seriam três pessoas diferentes, partilhando entre si a eternidade igualmente.
3. Eles seriam três pessoas com algumas de suas características individuais e distintas, não totalmente partilhadas com as outras.
4. Eles seriam três pessoas em uma com características completamente similares e poderes igualmente similares, mescladas umas com as outras e sem funções separadas das outras.

Vamos considerar cada uma dessas possibilidades uma a uma.

Fases ou Aspectos Diferentes de uma Única Pessoa

Não há necessidade de discutir essa possibilidade prolongadamente, porque não há praticamente nenhum cristão hoje quem acredite que Jesus^{as} é um aspecto ou uma fase de Deus e não uma pessoa distinta. Os crentes na Trindade insistem na existência de três pessoas diferentes mescladas em uma.

No momento em que se aceita o cenário de uma pessoa que tenha aspectos diferentes exibidos simultaneamente, o conceito de Trindade, ou seja, de três deuses em um, se dissolve no ar e não sobra Trindade alguma. Então seria o próprio Deus Pai, que, motivado por sua misericórdia, iria morrer pelos pecados dos homens. Nesse caso, será apenas uma fase transitória da mesma pessoa. Aspectos não são pessoas e, da mesma forma, as fases não criam entidades separadas. Qualquer ser humano pode passar por uma infinidade de estados ou aspectos sem a divisão em duas ou três ou muitas pessoas. Sendo assim, se Deus decidisse morrer por amor à humanidade pecadora, teria que ser o próprio Deus, e não poderia ser um aspecto Dele que o faria.

Assim, no caso em questão, o aspecto de Deus que desempenhou um papel vital no divino sacrifício em prol da humanidade pecadora só pode ser entendido como uma simples exposição de um dos seus atributos. Dessa forma, se a misericórdia de Deus, por si mesma, é para ser tratada como uma “pessoa” e se a essa “pessoa” é dado o nome de Jesus Cristo^{as}, então, essa alguma coisa que morreu foi a “misericórdia” de Deus. Que estranha contradição que a misericórdia de Deus, tendo piedade da humanidade

pecadora, comete suicídio. Isso implicaria que, durante três dias e noites, não houve misericórdia em Deus.

Lembrando que nesse cenário Jesus^{as} não está sendo tratado como uma pessoa separada e independente, mas apenas como uma característica ou um aspecto de Deus, no qual ele se torna uma espécie de misericórdia personificada. Essa pessoa, no entanto, continua sendo uma única entidade indivisível de Deus. Então, se alguma coisa morreu durante esse processo, teria que ser a pessoa de Deus ou o atributo da Sua misericórdia, que desempenhou o papel mais importante nesse episódio. Assim, não há opção a não ser acreditar em uma morte da Misericórdia de Deus, ou na morte do próprio Misericordioso Deus.

Muitas complicações surgiriam com a alegação de que aspectos de uma única pessoa podem ser separados ou apagados, seja temporariamente ou permanentemente. Esse cenário só pode ser entendido quando aplicado à experiência humana. Um homem pode perder a visão ou a audição temporária ou permanentemente, mas ele ainda seria o mesmo homem vivo. A morte de uma faculdade é, de fato, uma morte parcial da mesma pessoa. Em última análise, o perdedor ou sofredor continua sendo a mesma entidade individual.

Diferentes Pessoas Partilhando a Eternidade

Se os elementos da divindade cristã fossem três pessoas diferentes compartilhando a eternidade simultaneamente, surgiria a questão quanto à sua relação interna. Se fossem eternamente três pessoas formando um Deus, elas teriam que ter seus próprios egos

independentes, de modo que o sofrimento de uma – desde que ela pudesse sofrer – seria sua própria experiência pessoal. Os outros poderiam simpatizar com ela, mas não poderiam realmente participar e compartilhar do sofrimento dela. Claro que é quase impossível imaginar o mecanismo de pensamento e da tomada de decisão de Deus, mas a afirmação de que Ele é, na verdade, três pessoas moldadas em uma só justifica um esforço para se inter-relacionar os três processos de pensamento independentes.

Um possível cenário que surge é o de uma criança humana nascida com três cabeças. Essa entidade pode ser vista como uma única pessoa em virtude de haver apenas um tronco e quatro membros, mas as três cabeças representam um problema na descrição da sua verdadeira natureza. Se tais aberrações da natureza vivessem tempo o suficiente para serem capazes de falar e se expressar, só então poderíamos indagar sobre o que está acontecendo dentro de cada uma das três cabeças diferentes. Na ausência desse conhecimento, contudo, não é possível declará-los como sendo uma pessoa compartilhando três mentes ou como três pessoas compartilhando um corpo.

É estranho o fato de que nada sobre esse aspecto tão importante da doutrina cristã é explicado nas escrituras. Em relação a Jesus Cristo^{as} e ao Espírito Santo, não faltam evidências de que eles são apresentados como duas pessoas diferentes que não compartilham do mesmo processo de pensamento e nem dos mesmos sentimentos. Caso contrário, seria impossível conceber as visões do Espírito Santo como distinto de Cristo^{as}, especialmente durante o período em que Cristo^{as} ficou confinado no corpo humano.

As perguntas que certamente surgem sobre o que realmente aconteceu com a pessoa de Cristo^{as} durante essa experiência em

relação aos outros dois componentes da divindade cristã são as seguintes:

1. Será que os outros dois componentes, ou seja, Deus Pai e o Espírito Santo, juntamente compartilham, sob qualquer forma, o corpo de Jesus Cristo^{as} ou as suas experiências em relação ao seu corpo?
2. Era Jesus^{as} o único ocupante daquele corpo e, como tal, não compartilhou as suas experiências em relação a esse corpo com qualquer um dos outros dois componentes da Trindade?

Os desenrolares da primeira questão já foram discutidos. No caso da última questão, uma complicação adicional surge sobre a relação de Jesus^{as}, naquela época, com os outros dois componentes da Trindade. Será que Jesus^{as} se tornou uma entidade completamente separada por si mesmo durante esse período ou ele continuou fazendo parte integrante dos outros dois componentes, apenas ocupando, adicionalmente, uma moradia na forma de um corpo humano? Agora temos uma questão adicional a ser respondida:

3. A sua entidade Divina estava totalmente contida no seu corpo humano, ou a sua entidade Divina foi apenas projetada a partir da forma comumente partilhada de Deus Pai e do Espírito Santo, como um dedinho sobressaindo do corpo de uma ameba?

Esse cenário também vai fazer com que tenhamos que crer que, durante essa fase, Jesus^{as} era maior que ambos os outros, já que ele compartilhou igualmente da forma de existência do Pai e do

Espírito Santo, enquanto eles não compartilharam de sua existência humana.

Para tornar as coisas mais facilmente compreensíveis, é feita uma tentativa de ilustrar os paradoxos e absurdos inerentes pela visualização de diferentes situações hipotéticas. É claro que as ilustrações não devem ser tomadas ao pé da letra pelos leitores.

A questão diante de nós é se há uma única pessoa exibindo diferentes atributos ou passando por diferentes fases. Isso nos leva à questão de considerar a proposição de “Três seres em Um” e “Um ser em Três”, particularmente do ponto de vista de fases diferentes, distintas umas das outras, exibindo diferentes características e jeitos por meio de uma mesma pessoa.

Essa opção já foi considerada o suficiente no capítulo anterior. Aqui, só é necessário enfatizar, novamente, o seguinte ponto: se uma pessoa ou entidade tem diferentes fases, ela não pode exibir essas fases simultaneamente sem se dividir em diferentes partes. Tomemos, por exemplo, água, numa certa medida e quantidade. Ela pode ser totalmente transformada em vapor ou gelo sem comprometer a unicidade da sua entidade. Mas, para ser simultaneamente observada nas suas diferentes fases, ela teria de se dividir, de forma que um terço do todo seria gelo, um terço vapor e um terço líquido. Cada uma dessas formas seria diferente da outra, não compartilhando as outras duas fases simultaneamente. Essa quantidade de água seria dividida em três estados, mas o tamanho de cada um seria, certamente, menor do que a totalidade da matéria, e ninguém poderia declará-la como sendo “Um em três” e “Três em Um”. Da mesma forma, a encarnação de Cristo^{as} na forma humana de Jesus^{as}, mantendo ao mesmo tempo os laços entre Jesus^{as}, o homem, e Deus, o Pai, intactos, é inconcebível.

Todos os seres humanos são feitos dos mesmos elementos, mas a conformidade e as semelhanças entre eles não os transforma em uma única pessoa. As suas características, as suas individualidades e a separação de um com o outro as divide em uma multiplicidade de entidades que, embora sejam intrinsicamente feitas da mesma substância. Não se pode, no entanto, chamá-lhes de “um em cinco bilhões” e “cinco bilhões em um”, apesar de todos eles partilharem do fator humanidade.

Vamos, agora, examinar a mesma questão sob outro ângulo. Se, por um período específico de tempo, Jesus^{as} ficou separado e distinguível de Deus Pai, por um lado, e do Espírito Santo, por outro, em que áreas é que a existência distinta e separada de Cristo^{as} se aplica? Lembrando que é preciso conceber Cristo^{as} como sendo tão completamente distinto e separado do Pai e do Espírito Santo, que o seu sacrifício para seus companheiros irmãos humanos, ou digamos, parcialmente irmãos humanos, seja considerado como uma experiência inteiramente sua, própria e pessoal, diferente da do Pai ou do Espírito Santo. Isso, evidentemente, resulta em considerar Cristo^{as} somente transferindo a sua mente ou seus processos de pensamento para o corpo físico de Jesus^{as}. Também, então, ele poderia ser entendido como tendo sofrido uma experiência que não foi compartilhada pelos outros dois componentes da Trindade cristã. Incompreensível, não?

Pessoas Diferentes com Características Distintamente Diferentes

Se Deus, o “Pai”, Jesus^{as} e o Espírito Santo forem três pessoas com características individuais, não inteiramente compartilhadas entre si, então eles não podem ser considerados como “Três em Um” e “Um em Três”. A fusão completa da Trindade em Unidade só pode ser concebida se as características, atributos, funções e todas as faculdades possuídas pelas três pessoas tornam-se idênticas entre si, sem qualquer traço distintivo que separe uma de outra.

Isso apresenta um cenário que poderia ser, até certo ponto, comparado ao de trigêmeos idênticos que, em relação a sua mente, seu coração, seus sentimentos e as funções dos seus órgãos, estão em perfeita harmonia de tal forma que a experiência individual de cada um deles é compartilhada pelos outros completamente. Se isso ocorrer, então um pouco da Trindade de Deus, do Filho e do Espírito Santo pode tornar-se mais compreensível. Mas o problema ainda continua no que diz respeito a três corpos que possuem três pessoas idênticas. Isso, obviamente, não é aplicável à ideia cristã da Trindade. Numa segunda hipótese, se é obrigado a imaginar um único corpo que possui três identidades. Novamente, tal identidade dos assim chamados trigêmeos só pode ser visualizada se um corpo puder conter três pessoas, que já em si traz muitos problemas. No entanto, pode-se observar que Deus não tem corpo e, como tal, a semelhança de um corpo humano, como sugerido, não é aplicável. É claro que estamos totalmente conscientes de que Deus não tem corpo, em termos humanos, mas o problema continuaria em relação a três seres espirituais como trigêmeos idênticos, individuais como pessoas, mas sendo um só em todos os outros aspectos.

Outro problema que teria de ser enfrentado com a existência hipotética desses “trigêmeos” seria sua relação no que diz

respeito ao culto. Será que as “Três em Uma” pessoas espirituais da Divindade cultuariam umas às outras? Será que todos receberiam a adoração de sua criação, sem haver exercício de culto de um em relação ao outro?

Embora repetidas menções sejam feitas no Novo Testamento sobre Jesus Cristo^{as} adorando a “Deus Pai” e admoestando outros a fazer o mesmo, nenhuma menção desse tipo é feita em relação ao Espírito Santo adorando a Deus, o “Pai”. Da mesma forma, nunca houve qualquer tentativa de Jesus^{as}, conforme registrado no Novo Testamento, para exortar os outros a adorá-lo ou ao culto do Espírito Santo. Fica-se intrigado com essa total ausência de referência à adoração exceto em relação a “Deus Pai”.

Embora seja uma prática comum entre os cristãos atuais adorar Jesus^{as} como o Filho de Deus, juntamente com o “Pai”, não há casos registrados de qualquer um dos discípulos de Jesus Cristo^{as} ter adorado a ele ou de Jesus^{as} ter incitado alguém a fazer tal adoração durante sua estada na Terra. Mesmo se ele tivesse feito isso, ele levantaria muitas questões irrespondíveis. Novamente, o mesmo se aplica ao Espírito Santo e levanta a questão de por que o Espírito Santo nunca exigiu que alguém o adorasse.

O caso em que eles seriam “Três em Um” no sentido de que o seu ego final ou a consciência da existência seriam únicos, apesar de serem divididos em três aspectos ou fases, já foi examinado por algum tempo. Um ser de tal descrição não pode ser logicamente referido como “três pessoas em uma só”. Além disso, aspectos ou fases não são adorados e nem adoram o seu próprio ego central. Para conceber essas pessoas como entidades separadas elas têm que ter sua própria identidade independente na forma de um ego final, que oferece um ponto de referência para a sua consciência

como pessoas. Caso contrário, a questão de se referir a si mesmo e aos outros como ‘Eu’, ‘Você’ e ‘Ele’, simplesmente não faz sentido.

Trindade, em aplicação a um ser, só pode ser concebida como em termos de atributos e nada mais. E, quanto aos atributos, eles certamente não estão limitados a três. Quer os conheçamos ou não, Deus poderia possuir uma infinidade de atributos.

Para trazer essa discussão a uma conclusão, enfatizamos, novamente, que a questão da adoração de um em relação ao outro só pode surgir quando se trata de pessoas diferentes, que não gozam do mesmo status e nem de características iguais.

Nesse caso, apenas um seria digno de adoração e dos outros dois, pela lógica de serem inferiores, seria esperado que adorassem a Ele. A resposta, novamente, é aceitável, exceto pelo fato de a “Unidade na Trindade” desaparecer. Não há nenhuma maneira que se pode ter “Três em Um” e “Um em Três” simultaneamente.

Isso me lembra de uma piada que eu gostaria de compartilhar. É relatado que Joá, um famoso bobo da corte, entreteu tanto Tamerlane durante sua invasão de Bagdá, que ele decidiu levá-lo com ele, como saque, e apontou-o como o bobo chefe da corte. É dito que uma vez Joá sentiu vontade de comer carne sozinho, tanto que ele não pôde resistir. Então, ele comprou dois quilos da melhor carne disponível no açougue. Ao entregá-la à sua esposa, ele instruiu-a para preparar um delicioso assado da carne comprada e, também, que ninguém, exceto ele, tocasse no assado, incluindo a esposa. Infelizmente para ele, assim que sua esposa acabou de cozinhar, alguns dos irmãos dela deram-lhe uma visita surpresa. Uma surpresa agradável para ela, mas que, na verdade, estava destinada a ser uma surpresa muito desagradável para Joá. O aroma tentador da carne recém-assada era simplesmente demais

para eles resistirem e o que se sucedeu é uma conclusão lógica. Tendo terminado até o último pedaço, eles, felizes, despediram-se de sua preocupada irmã. Contudo, ela aprontou-se no tempo em que Joá voltou para casa e estava pronta com uma desculpa infalível. Quando Joá, também sentindo os resquícios do aroma da comida, pediu ansiosamente por seus dois quilos de carne, a mulher respondeu, apontando para o gato que era o animal de estimação favorito de Joá, e disse: “Ali está a sua carne! Tire-a desse gato, se você puder. Enquanto eu estava ocupada trabalhando, ele acabou com o assado inteiro”. Então, imediatamente, Joá pegou o gato e pesou-o na balança. Acontece que o gato acabou pesando exatamente dois quilos. Logo, ele virou-se delicadamente para a sua esposa e perguntou: “Por favor, minha querida, eu acredito em você, é claro, mas se essa é a minha carne, então onde está o meu gato e se esse é o meu gato, onde está a minha carne!”.

Brincadeiras à parte, mas deixe-me afirmar que eu não desejo sustentar essa questão com base nos ensinamentos reais e verdadeiros de Jesus^{as}. Esse tratado é puramente um exercício para visualização das atuais doutrinas cristãs, que acreditamos terem desviado-se bastante dos ensinamentos originais de Jesus^{as}. Tendo negado que há qualquer referência na Bíblia sobre Jesus^{as} sendo adorado, fica para nós a tarefa de explicar a única referência relativa a isso que se encontra em Lucas 24:52¹. Muitos afirmam que esses versos dão prova do próprio Jesus^{as} exortando seus seguidores a adorá-lo. Estudiosos cristãos contemporâneos estão bem conscientes de que foi provado que esses versículos são falsos e não tem

1 The Bible, traduzida por James Moffatt, publicada por Harper & Brithers.

o direito de serem tratados como parte genuína do Evangelho de São Lucas.

Passemos, agora, à questão da prática comum, sendo tal idéia apoiada por evidência dos Evangelhos ou não. De acordo com a prática comum, em muitas seitas do cristianismo de hoje, Jesus^{as} está realmente sendo adorado como o “Filho de Deus”. No entanto, todos concordam que o mesmo Jesus^{as} a quem eles adoram, adorava “Deus Pai” e a Ele apenas.

Em vão, muitas vezes perguntei a famosos estudiosos cristãos sobre a razão de Jesus^{as} ter adorado Deus, o “Pai”, se ele mesmo era uma parte inseparável de Deus e estava tão completamente mesclado com Ele de modo a criar um senso de unidade, apesar de haver três pessoas? Alguma vez ele adorou o terceiro ente da Trindade, que é o Espírito Santo? Alguma vez ele adorou a si próprio? Será que o Espírito Santo alguma vez adorou Jesus^{as}? Será que o Pai alguma vez adorou qualquer um dos dois restantes? Se não, por quê? Talvez a resposta para essas perguntas obrigue os cristãos a confessarem que há estabelecida certa superioridade distinta de “Deus Pai” sobre os outros dois componentes da Santíssima Trindade. Daí emerge que os três componentes da Trindade não são idênticos em seu status. Daí, eles são “Três em três”, contando que eles são três, mas eles não são, de forma alguma, “Três em Um”.

Às vezes, quando estudiosos cristãos são confrontados com a questão de Jesus^{as}, quem eles acreditam ser o Filho de Deus, tendo adorado Deus, o “Pai”, eles afirmam que foi o homem que adorou Deus, o “Pai”, e não Jesus^{as}, o “Filho”. Isso nos leva de volta à discussão que nós já abordamos anteriormente. Havia dois seres conscientes possuindo o mesmo corpo de Jesus^{as}: um possuindo uma consciência humana e o outro de “Filho de Deus”?

Mais uma vez, por que o homem desviou e ignorou completamente o “Deus Filho” nele e nunca adorou Cristo^{as} como tal. O mesmo homem Jesus^{as}, o coparceiro de Cristo^{as}, também deveria ter adorado o terceiro componente da Trindade, o Espírito Santo, o que ele nunca fez.

A adoração é um ato da mente e da alma que, às vezes, se expressa em símbolos pelo corpo, mas continua sendo um ato enraizado na entidade mental e emocional da pessoa. Por isso, tem de ser determinado quem adorava quando Jesus Cristo^{as} adorava Deus. Já lidamos com a situação, com todas as suas complexidades, em que é Cristo^{as}, o “Filho de Deus”, quem adorava. Por outro lado, se era o homem, quem adorava “Deus Pai” e se ele nunca adorou Cristo, por que raios os cristãos desprezam esse santo exemplo do próprio Jesus^{as}. Por que eles deveriam começar a adorar Cristo^{as}, junto com a adoração de Deus, quando Jesus^{as}, o homem, nunca adorou o seu coparceiro Cristo^{as}, apesar de estar tão perto dele.

Pessoas Diferentes com Características Iguais e Idênticas

Examinemos, mais uma vez, sob um ângulo diferente dessa vez, a fórmula de “Três em Um” na Trindade como três pessoas distintas, que são absoluta e completamente idênticas umas às outras. Nesse cenário, não estamos falando de uma única pessoa com diferentes características combinadas em uma, mas de três formas distintas, caso um pouco parecido ao dos trigêmeos. Referimo-nos ao tipo de trigêmeos que são tão completamente idênticos, que as semelhanças não se restringem à forma, mas também se estendem a todo o processo de pensamento e de sentimento. Eles compartilham os

pensamentos, sentimentos e experiências de forma idêntica. Nesse caso, é preciso admitir que dois dos três componentes da Trindade são supérfluos. Se ambos forem retirados de cena, isso não terá qualquer efeito, por menor que seja, no terceiro componente da Trindade, que continuará existindo de forma completa.

O Sagrado Alcorão também levanta essa mesma questão quando observa que, se Deus decidisse destruir e acabar com a existência tanto de Jesus Cristo^{as}, quanto a do Espírito Santo, que diferença isso iria fazer à Sua Majestade, Eternidade e Perfeição e quem poderia impedi-lo de assim fazer (O Sagrado Corão 5:18). Isso implica que todos os atributos divinos continuarão funcionando eternamente e, sendo assim, o conceito da Trindade, como retratado nesse cenário, soa absurdo e desnecessário.

Se, contudo, supuser-se que as três pessoas distintas na Trindade desempenham funções diferentes, então, obviamente, todos os três componentes se tornarão essenciais para a formação da Divindade. No entanto, nesse caso, haverá três Deuses distintos cooperando uns com os outros e convivendo em perfeita harmonia e, dessa forma, só podem ser tratados como “Três Deuses em Três” e não como “Três Deuses em um”.

Novamente, se for proposto que a Trindade é semelhante ao caso de uma única pessoa, com diferentes funções orgânicas, todas combinadas em uma, assim, obviamente, a unidade pode ser mantida, mas a Trindade não. No nosso caso, não estamos discutindo uma pessoa com diferentes funções orgânicas, mas três pessoas totalmente idênticas, cada qual exercendo funções similares, mas mantendo a sua individualidade. A proposta feita apresenta o caso de uma única pessoa com diferentes órgãos. Até agora não há nada de ilógico nisso. Mas, quando os órgãos são tratados como pessoas

de pleno direito e, ao mesmo tempo, acredita-se que constituem uma personalidade que em sua totalidade é uma só, os limites da lógica são violados e toda a discussão torna-se inaceitável. De fato, os órgãos têm a sua individualidade, mas a sua individualidade é apenas um componente de uma personalidade maior, que não só compreende esse órgão, mas também os outros órgãos. Todos os órgãos em conjunto dentro de um homem é que são chamados de “homem” em sua totalidade. É claro que alguns órgãos desempenham funções relativamente pequenas e o homem pode continuar sendo um homem sem eles, mas apenas com imperfeição. Um homem perfeito deve possuir todos os órgãos que normalmente são possuídos por um ser humano. Somente a soma de todos os órgãos é que pode resultar em um homem perfeito.

Se tomarmos o exemplo de um homem chamado Paulo, não se pode dizer que, como o fígado, o coração, os pulmões e os rins de Paulo têm individualidade e desempenham funções específicas, são pessoas completamente distintas e identificáveis como Paulo. A identificação completa só será possível se, por exemplo, os rins funcionarem exatamente como Paulo em sua totalidade e o mesmo puder ser dito sobre todos os seus outros órgãos. Essa proposição exige que a ausência de cada órgão não altere, de forma alguma, a pessoa de Paulo ou, em outras palavras, Paulo continuaria completamente o mesmo Paulo mesmo sem os seus pulmões, seu coração, seus rins, seu cérebro, enfim, com todos os seus órgãos removidos. Isso porque, em última análise, todos eles são exatamente iguais entre si e a pessoa de Paulo permanece absolutamente intacta, independentemente da ausência desses órgãos.

Se esse é o cenário de “Três em Um”, então é claro que é errado fazer qualquer tentativa de criticar as crenças cristãs, com

referência à lógica. Sendo assim, a lógica aplicável ao dogma cristão da atualidade seria apenas a lógica das bruxas de Macbeth quando elas dizem: “Justiça é trapaça e trapaça é justa”.

Capítulo VII

A Evolução do Cristianismo

A doutrina da Trindade, que é um dos componentes fundamentais do dogma cristão, estava ausente no Cristianismo durante a vida de Jesus Cristo^{as}. O máximo que se pode aceitar é que essa doutrina começou a se formar depois da crucificação. Levou muitos séculos para que alcançasse a sua forma final bem definida, mas inexplicável. Ela passou por um longo processo de debates extremamente amargos e controversos entre teólogos cristãos e filósofos representantes de diferentes origens religiosas, culturais e tradicionais.

Ela foi fortemente influenciada por mitos e tradições de várias terras que sediaram o Cristianismo em sua fase inicial. Contudo, o tronco principal do Cristianismo que cuidou do desenvolvimento da fé e da filosofia cristã em sua fase inicial de formação era de origem judaica. A influência judaica permaneceu predominante em toda a parte inicial da história cristã. Os discípulos de Jesus^{as} que aprenderam e compreenderam o Cristianismo diretamente

de Jesus^{as} e testemunharam o mesmo na sua vida, pertenciam a esse tronco. Eles foram os primeiros guardiões do Cristianismo e fincaram raízes no solo sagrado das instruções de Jesus^{as} e de seu modo de vida de forma profunda. Foram eles que testemunharam a crucificação e viram Jesus^{as} sobreviver de sua tentativa de assassinato.

Os Primeiros Seguidores de Jesus^{as}

Os primeiros cristãos parecem ter ficado fundamentalmente divididos ambos sobre a natureza de Jesus^{as} e sobre se aderirem ou não à Lei Mosaica. Na segunda fase de desenvolvimento cristão, São Paulo teve o papel principal em dar uma nova filosofia e ideologia ao Cristianismo. Havia diferenças fundamentais de opinião entre Paulo e Tiago, o Justo. Enquanto Tiago cuidava da Igreja de Jerusalém, Paulo estava pregando no Ocidente, especialmente para os gentios. A Igreja ocidental evoluiu sob as linhas doutrinárias de Paulo, enquanto a Igreja em Jerusalém desenvolveu-se sob ensinamentos monoteístas.

Um ramo do ministério de Tiago era o dos Ebionitas, uma seita cujo nome deriva do hebraico ebionim, que significa “os mansos” ou “pobres”. Eles eram os judeus cristãos, para quem Jesus^{as} apareceu sob o manto de Messias e não o do “Filho de Deus”. Eles seguiram a lei mosaica com grande zelo e tiveram seu próprio Evangelho, conhecido em vários contextos, como o “Evangelho dos Hebreus”, “Evangelho dos Ebionitas” ou “Evangelho dos Nazarenos”. Segue-se uma descrição dos ebionitas obtida a partir de diversas fontes.

Em seu livro “A História da Igreja”, escrito no século 4 D.C., em Caesarea, Eusébio menciona os Ebionitas no Livro 3, “Vespasiano a Trajano”¹. Ele zomba de seus pontos de vista, dizendo que seu nome vem de suas idéias pobres e humildes sobre Jesus^{as}. Os Ebionitas consideravam Jesus^{as} como mortal e o avaliavam como justo pelo progresso de seu personagem. Como os judeus, eles observavam o sabath, todos os detalhes da Lei, e não aceitavam a idéia paulina da salvação através da fé somente. Ele também fala sobre outro grupo de Ebionitas que aceitavam o nascimento virgem e o Espírito Santo, mas se recusavam a aceitar a pré-existência de Jesus^{as} como “Deus da Palavra e Sabedoria”. Eles seguiam um “Evangelho dos Hebreus”, que pode ter sido o evangelho de São Mateus. Eles observavam o sabath e o sistema judaico, mas comemoravam a ressurreição².

Em seu livro “Pergaminhos do Mar Morto Revelados” (1992) descrevendo a formação dos ebionitas, R. Eisenman e M. Wise escrevem que Tiago (o “Zaddik” ou “Zadoque”, o que significa ‘o Justo’) foi o líder da Igreja de Jerusalém em meados do primeiro século (40 - 60 D.C., aproximadamente). O ramo foi, posteriormente, chamado de “cristianismo judaico” na Palestina. Os Ebionitas formaram-se a partir desse ramo³.

Os membros da comunidade que seguiu Tiago eram conhecidos como “os pobres” (Gálatas 2:10, Tiago 2:3-5),

1 “Vespasian to Trajan” in “The History of the Church”, por Eusebius.

2 The Dead Sea Scrolls Uncovered, R. Eisenman e M. Wise, pág. 186 (Element Books, 1992).

3 The Dead Sea Scrolls Uncovered, R. Eisenman e M. Wise, pág. 233-234 (Element Books, 1992).

denominação mencionada tanto no Sermão da Montanha, como nos Pergaminhos do Mar Morto. Eisenman considera que, sob diversas formas, os ebionitas eram similares aos autores dos Manuscritos do Mar Morto. Eles honraram Tiago, o Justo, e acreditaram que Jesus^{as} era um Messias mortal, enquanto Paulo tinha se tornado um apóstata da lei. Eles seguiram a Lei e observaram o sábado com grande zelo. Eles mantiveram Tiago no maior respeito, enquanto Paulo era considerado “o inimigo”¹.

De acordo com Baigent, Leigh e Lincoln em “O Legado Messiânico”, a fonte dos ensinamentos originais dos ebionitas, gnósticos, maniqueus, sabeus, mandeanos, nestorianos e elcesaites foi descrita como a filosofia do Nazareno.

Eles se referem ao Nazareno pensado como:

“Uma orientação em direção a Jesus e seus ensinamentos que deriva, em última análise, da posição original do Nazareno, tal como foi articulada pelo próprio Jesus, então propagada por James, Jude ou Judas, Tomé e sua comitiva direta”.

Suas crenças foram:

1. Estrita observância da Lei Mosaica;
2. Reconhecimento de Jesus como Messias;
3. Crença no nascimento humano normal de Jesus;
4. Hostilidade para com as visões de Paulo.

Há uma coleção de manuscritos árabes mantidos em uma

1 The Messianic Legacy, M. Baigent, R. Leigh, H. Lincoln, pág. 135-138 (Corgi Books)

biblioteca de Istambul, que contém citações de um texto do século quinto ou sexto, atribuída a 'al-nasara', escritos em siríó e encontrados em um mosteiro no Khuzistão, no sudoeste do Irã, perto da fronteira com o Iraque. Eles refletem a opinião da hierarquia nazarena que escapou de Jerusalém após a destruição em 66 dC. Eles se referem a Jesus como um ser humano e salientam a Lei Mosaica. Os seguidores de Paulo abandonaram a religião de Cristo e voltaram-se para as doutrinas religiosas dos romanos.”¹

De todas as várias doutrinas que evoluíram durante as fases de formação do Cristianismo, apenas aquelas que acreditaram na filosofia do Nazareno podem, justificadamente, ter preferência. Esses primeiros cristãos aprenderam o significado do Cristianismo do próprio Jesus^{as}.

O Papel de São Paulo

Evidentemente, São Paulo e sua escola não pertencem a esse grupo. De fato, do tempo de São Paulo para frente, conforme o Cristianismo se espalhou para terras estranhas e para crenças pagãs no seio do Império Romano, passou a ser fortemente influenciado e distorcido pelas culturas e mitologias prevaletentes nessas terras, distanciando-se da pureza da sua gênese. São Paulo fez a sua parte para influenciar a deterioração do pensamento cristão, introduzindo sua própria marca de misticismo. Ele nem era do ramo judaico e nem teve qualquer contato direto com Jesus^{as},

1 The Hiram Key, Christopher Knight e Robert Lomas, pág. 246 (Century 1996)

exceto pela visão que afirma ter tido. Ao que parece, ele já estava sob forte influência das culturas alienígenas.

Aparentemente, havia duas opções disponíveis para São Paulo: travar árduas batalhas contra um mundo de superstições, mitos e lendas prevalecentes nas terras do Império Romano desde tempos imemoriais, ou entregar-se a elas e deixar o Cristianismo mudar para atender às suas necessidades e ambições. Isso deu-lhes a mensagem que o Cristianismo não era essencialmente diferente das suas lendas e mitos. Ele encontrou a adoção da segunda opção muito mais lucrativa e conveniente e deixou o Cristianismo se alterar para adequar-se às ambições e filosofias populares do mundo gentio.

Essa estratégia funcionou bem. Ele ganhou um grande número de conversos à nova fé que, de outra forma, não teria sido possível tão facilmente. Mas a que custo?! Infelizmente, tudo acabou apenas numa profana competição entre nobres valores cristãos e mitos pagãos. O que São Paulo fez foi apenas mudar os nomes dos deuses pagãos e substituí-los com Jesus^{as}, Deus Pai e o Espírito Santo. Na verdade, não foi ele quem inventou o mito da Trindade e o apresentou ao mundo pagão em nome do Cristianismo, mas, pelo contrário, ele tomou emprestado o mito da Trindade da mitologia pagã e o depositou no Cristianismo. Desde então, passou a ser o mesmo velho paganismo, mas com novos nomes e rostos.

O Cristianismo de Paulo, portanto, não teve êxito em mudar as doutrinas, os mitos e as superstições do mundo pagão, mas acabou mudando o Cristianismo de acordo com elas. Se a montanha não respondeu ao seu chamado, ele decidiu ir para a montanha.

A Realidade de Jesus^{as}

É claro que é prerrogativa de qualquer um escolher entre o Cristianismo de Paulo e o de Tiago, o Justo, e dos outros líderes do Cristianismo que foram discípulos do próprio Jesus Cristo^{as}. Aqui, porém, queremos estabelecer o ponto que o tronco principal do Cristianismo continuou desenvolvendo-se ao longo das linhas unitárias e manteve-se distante das inovações posteriores que geraram as estórias e complexidades dos dogmas cristãos, como a divindade de Jesus^{as} como o Filho, a Trindade, o pecado herdado, a redenção, o renascimento físico de Jesus^{as}, etc. As opiniões dos primeiros líderes da Igreja, entre os quais Tiago, o justo, é proeminente, eram simples e honestas e não tinham contradições internas ou paradoxos se escondendo atrás de cortinas de fumaça de mistério. Um estudo da história do unitarismo no Cristianismo estabelece, sem sombra de dúvida, que a Unidade de Deus, sem as complicações do slogan da Trindade, manteve-se a doutrina oficial da Igreja verdadeira de Cristo^{as} na sua pureza original

Lembre-se, por favor, que este pequeno tratado não é uma tentativa de converter cristãos para qualquer fé senão a de Cristo^{as}. É, simplesmente, um esforço genuíno para convidar os cristãos de volta para a fé pura, não adulterada, e para a prática do próprio Jesus^{as}. É uma tentativa sincera de reverter a ficção de volta aos fatos do Cristianismo. Fatos que são, sem dúvida, tão bonito quanto realistas e satisfazem tanto a cabeça quanto o coração.

Não são as lendas tecidas em torno da realidade de Jesus Cristo^{as} que mantiveram o Cristianismo unido e o ajudaram a sobreviver aos desafios da razão e da iluminação crescente vinda do

progresso científico por quase dois mil anos. Nem é a sua sobrevivência devido à crença mística da Trindade. O que manteve a verdade e a essência do Cristianismo juntos foi a beleza da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo^{as}. É o comportamento divino, e não a pessoa divina atribuída a Jesus^{as}, que tem sido tão belo para se aderir. Foi o sofrimento, a paciência e a perseverança de Jesus^{as} em prol de ideais nobres e sua rejeição clara e direta de todas as tentativas despóticas de fazê-lo mudar seus princípios que constituem a verdadeira coluna vertebral do Cristianismo. Tais fatos são, ainda hoje, tão bonitos e tão amáveis como antes o eram. Eles influenciaram tão poderosamente as mentes e os corações cristãos que eles permaneceram ligados a Jesus^{as} e prefeririam muito mais fechar os olhos às discrepâncias lógicas do que romper sua relação com ele.

Sua verdadeira grandeza está no fato de que ele transcendeu e conquistou as forças das trevas que haviam conspirado para vencê-lo apesar de ser um frágil ser humano e não mais do que isso. Essa vitória de Jesus^{as} é algo a ser compartilhado com orgulho pelos filhos de Adão^{as}. A nosso ver – do ponto de vista muçulmano – ele é um dos mais nobres descendentes de Adão^{as}, que ensinou a humanidade pelo seu exemplo de perseverança em situação de extrema dor e sofrimento. Não se render e permanecer firme mesmo nos momentos de extrema provação foi a conquista mais nobre de Jesus^{as}. Foi a sua vida de sofrimento e dor que redimiu a humanidade e fê-lo vencer a morte. Se ele tivesse aceitado a morte voluntariamente, teria sido equivalente a uma tentativa de escapar de seu estado de sofrimento. Como se pode conceber que isso seja um ato de bravura? Até mesmo o ato daqueles que cometem suicídio sob extrema pressão é visto como um mero ato de covardia.

Compartilhar o sofrimento na vida é muito melhor do que escapar do sofrimento através da morte. Sendo assim, o conceito do sacrifício supremo de Jesus^{as} por aceitar a morte para o bem da humanidade é sentimentalmente oco e sem sentido.

A grandeza de Jesus^{as}, voltamos a insistir, está em seu supremo sacrifício durante a sua vida. Em toda a sua vida, ele desafiou a tentação de desistir e trocar uma vida de sofrimento com a de facilidades e conforto. Dia sim, dia não, ele enfrentou a morte, mas se recusou a ceder e viveu em consideração aos pecadores para trazê-los para a vida. Ele conquistou a morte não por entregar-se à morte, mas recusando-se a curvar-se para ela. Ele a derrotou completamente e emergiu dentre as suas garras, na situação em que um homem comum teria perecido. Assim, ele provou a sua verdade e a verdade da sua palavra, sem deixar sombra de dúvida. É assim que nós vemos Jesus^{as} e é por isso que o amamos tanto. Sua voz era a voz de Deus e não a voz de suas próprias ambições. Ele disse que ele foi enviado para dizer nem mais nem menos do que aquilo que Deus lhe havia dito para dizer. Ele adorou a Deus em toda a sua vida e adorou apenas a Deus e nunca exigiu que qualquer mortal se curvasse diante dele ou diante de sua mãe ou do Espírito Santo. Essa é a realidade de Jesus^{as} para a qual convidamos os cristãos de todas as denominações e credos a retornar.

A Continuidade da Religião

Acreditamos na continuidade e universalidade das religiões. É por isso que o Islã dá tanta ênfase no sistema dos profetas como sendo um fenômeno universal. O que significa que os profetas têm de

ser aceites na sua totalidade. Rejeição de um deles, equivaleria a rejeição de todos pois, na verdade, uma pessoa aceita os profetas pois todos eles vêm da mesma fonte. Nesse contexto, a ‘continuidade’ deve ser entendida como algo que é semelhante, mas não exatamente igual, à evolução da vida. Acreditamos na progressividade da mensagem: a mensagem avançando em sintonia com o progresso humano em geral em todas as esferas da atividade humana. Parece que as primeiras formas de religiões reveladas, embora possuindo os mesmos ensinamentos fundamentais, cobriam áreas relativamente menores de instruções detalhadas. Ou seja, um menor número de mandamentos sobre “fazer tal coisa” e “não fazer tal coisa”. Elas, então, cresceram e incorporaram um grande número de imperativos e proibições que abrangem um campo mais amplo da atividade humana. Além disso, parece que as religiões pertencentes a civilizações mais antigas se dirigiram a públicos comparativamente menores, pertencentes a tribos, clãs ou regiões particulares. Suas mensagens eram limitadas às necessidades da época. Elas poderiam ser mais apropriadamente descritas como religiões tribais, regionais ou nacionais. O caso dos filhos de Israel e os ensinamentos judaicos é uma ilustração apropriada para provar esse fato.

A tendência histórica do desenvolvimento (das religiões), portanto, pode ser resumida em duas categorias: (1) uma elaboração progressiva e perfeição comparativa dos ensinamentos; (2) uma mudança progressiva de uma escala de denominações, da menor para a maior.

Continuidade não significa que a mesma religião que foi revelada a Adão^{as} continuou regando a humanidade e passou por uma mudança gradual e progressiva, alargando o seu campo de

instrução e direcionamento. O que se entende é que em diferentes partes do mundo, onde diferentes civilizações enraizaram-se e floresceram, as revelações divinas deram à luz essas religiões com a correspondente evolução social do homem naquelas partes do mundo. Todas essas religiões, contudo, estavam desenvolvendo-se na mesma direção geral.

O Ápice do Desenvolvimento Religioso

De todas as denominações religiosas, acreditamos que a do Oriente Médio foi sendo criada e cultivada para dar à luz as grandes religiões que serviriam como o tronco principal da evolução religiosa no mundo. Isso é bastante evidente a partir de um estudo da história religiosa. A sequência do Judaísmo seguido pelo Cristianismo, seguido pelo Islã, mostra claramente o sentido da evolução dos ensinamentos religiosos. Entre essas religiões, a progressão dos ensinamentos pode ser facilmente remontada para trás e para frente e é notável a profunda interligação entre elas. É muito importante, portanto, compreender esse grande esquema das coisas, que estava para resultar, e que resultou, na consumação desses ensinamentos na forma de uma religião universal, que é o Islã.

Nesse contexto, é interessante para os judeus tentar, sincera e imparcialmente, compreender a importância de Jesus Cristo^{as}. Tendo falhado em reconhecê-lo, o caso dos judeus é semelhante ao daquelas espécies animais enterradas na história da evolução, que já não desempenham um papel vital na árvore evolutiva da vida chegando ao seu ápice. Dessa forma, permanecem apenas como um

resquício da história, mas que continuam sobrevivendo em seu próprio âmbito estreito de existência.

Novamente, o caso dos cristãos é semelhante ao dos judeus, só que esses estão um passo à frente destes, mais perto do Islã na ordem cronológica. Contudo, os desvios do caminho de Jesus Cristo^{as} para um curso decadente, que foi originalmente estabelecido para eles por São Paulo, levou-os para ainda mais longe do Islã do que os judeus. Os judeus, mesmo após mais de quatro mil anos de sua existência, pelo menos não desaprenderam a lição da Unicidade (de Deus), que é vital para a vida espiritual de qualquer religião. No entanto, apesar dessa proximidade com o Islã nas doutrinas básicas, existem outros fatores que fazem os judeus ficarem ainda mais fortes na recusa de aceitar o Islã em grandes números.

Esse estudo me leva a acreditar que, a menos que os judeus desenvolvam aquele estado de espírito e atitude que é requisito indispensável para a compreensão de Cristo^{as}, mesmo com suas semelhanças doutrinárias, permanecerão mais afastados do Islã do que os cristãos. Eles perderam uma ligação essencial e vital, que é Jesus Cristo^{as}, entre eles e o advento do Profeta Muhammad^{sa}, a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele. Essa negação da verdade endureceu-os a tal ponto que eles não estão psicologicamente preparados para aceitar qualquer mensagem nova. Eles continuam esperando por Cristo^{as}, enquanto Cristo^{as} já veio e já se foi. Tendo falhado em reconhecê-lo uma vez, eles ficaram muito menos propensos a reconhecê-lo novamente, na sua segunda vinda. Eles parecem estar destinados a esperar pelo Cristo^{as} dos seus sonhos para sempre.

Era Cristo^{as} que iria preparar o caminho para a seguinte religião de ordem superior, que é o Islã. Essa afirmação não deve ser tomada ao pé da letra. Não estamos sugerindo que os judeus devem primeiro aceitar o Cristianismo e, depois, dar o próximo passo para o Islã. Isso seria ingênuo demais à vista das manifestações religiosas da forma que elas acontecem. O que estamos tentando ressaltar é que um povo que rejeitou um profeta ou um mensageiro, que não era apenas um profeta normal, mas que iria desempenhar um papel muito importante na tarefa de treinamento mental e espiritual daquele povo, somente pode tê-lo feito estando espiritualmente e psicologicamente doente. A menos que esta doença seja curada e a atitude distorcida em relação à verdade seja retificada, eles ficam menos propensos a seguir um profeta que tem lugar depois da ligação que eles já perderam.

Enquanto à atitude cristã, eles só podem ser levados à verdade do Profeta Muhammad^{sa}, se voltarem para a verdade e a realidade de Jesus Cristo^{as}. Jesus^{as} não era apenas o caminho para Deus, mas, também, como todos os outros profetas, era o caminho para o profeta seguinte.

Jesus^{as} era apenas a ligação do meio na parábola da vinha. A última representação consumada de Deus ainda estava por vir. Portanto, a menos que os cristãos retornem da falsa, imaginária e mística imagem de Jesus Cristo^{as} para a realidade muito mais nobre e sublime de seu mestre sagrado, eles não podem ser direcionados para o caminho que o liga ao Profeta Muhammad^{sa}, a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele.

O Profeta Muhammad^{sa} foi uma realidade e não uma ficção, e somente realidades é que levam a outras realidades. Portanto, seria o fato de Cristo^{as}, e não a ficção em que ele foi transformado, que

iria abençoar os cristãos, fazendo com que eles reconhecessem a verdade do Profeta Muhammad^{sa}.

Capítulo VIII

O Cristianismo Hoje

O maior problema que o mundo do Cristianismo enfrenta hoje não é tanto o da falta de compreensão, quanto o da falta de desejo e vontade de aceitar a verdade. O Cristianismo, seja o mítico ou o factual, tornou-se uma parte inseparável da civilização ocidental e tem desempenhado um papel importante na sua colonização e nas suas conquistas imperiais. Ele suporta os seus sistemas políticos e econômicos e proporciona-lhes uma força unificadora e coerente que os mantém como uma entidade poderosa e unificada. Ele desempenhou um papel vital na construção e na consolidação do complexo sistema sócio-político e econômico do Ocidente. O que entendemos por civilização ocidental, ou imperialismo ocidental, e suas dominações econômicas têm sido preenchidos com alguns elementos cristãos. Em seu estado atual, o Cristianismo parece tender mais a servir as causas materiais do Ocidente do que sua

causa espiritual, enquanto, no passado, o papel do Cristianismo foi mais voltado a apoiar as crenças cristãs e na construção de valores morais.

O papel mais histórico desempenhado pelo Cristianismo, porém, está em construir e reforçar o imperialismo ocidental. O oriente foi conquistado com fervor cristão e, em especial, as batalhas travadas com o império muçulmano foram fortemente motivadas pelo ódio cristão ao Islã.

Cristianismo e Colonialismo

Quando os governos coloniais dominaram quase todo o continente da América e amarraram os africanos da cabeça aos pés com as correntes da escravidão política, eles não precisaram esperar muito tempo para que eles ficassem ligados, de pés e mãos, também nas cadeias da escravidão econômica. Conquistas imperiais não têm sentido sem uma subjugação econômica do povo. Não muito atrás dos senhores políticos e econômicos vieram os sacerdotes cristãos, revestidos de humildade e abnegação. Seu propósito de visitar a África parece ser diametralmente oposto ao da sua vanguarda política e econômica. Eles não vieram para escravizar – foi o que eles disseram –, mas para libertar as almas da África. É surpreendente que os africanos não questionaram essa intenção supostamente nobre. Por que eles não perguntaram, respeitosamente, aos afáveis líderes filantrópicos da Igreja por que eles deveriam ter pena apenas das almas deles? Eles não conseguiam ver como os seus corpos haviam sido escravizados impiedosamente? Quanto brutalmente eles foram privados de sua liberdade política? Como

eles foram aprisionados nas cadeias da escravidão econômica? Por que eles não tiveram pena do seu cativo estado físico e por que eles estavam apenas interessados em libertar as almas de um povo escravizado?

A contradição é óbvia, mas, infelizmente, não era tão óbvia assim para aqueles que viraram vítimas dos projetos cristãos. A África é ingênua, de fato, e tão ingênua hoje quanto o era há duzentos anos. Os africanos ainda não vêm a prática da escravidão política e econômica através do invisível sistema do neocolonialismo controlado remotamente. Eles ainda não perceberam que, para eles, o Cristianismo é apenas um meio de subjugação. É como um ópio que os embalou num sono profundo de esquecimento. Isso lhes dá uma falsa sensação de pertencer a seus governantes, em compartilhar, ao menos alguma coisa, de maneira igual com eles.

É o mesmo sentimento de pertencimento que os levou a imitar o estilo de vida tão caro do ocidente. As árvores ficam plantadas em solos estrangeiros, mas apenas os frutos são transportados para o outro lado, para um povo que, de alguma forma, viciou-se com o seu gosto. Essa é uma pequena ilustração de como o Cristianismo sempre foi indispensável para a dominação imperial e econômica do Ocidente sobre o Terceiro Mundo.

No Ocidente, em si, independentemente de um homem comum entender ou não as complexidades do dogma cristão, ele vê o Cristianismo como uma parte integrante de sua cultura e sua civilização. Deve ser lembrado que a real força dos valores cristãos, onde quer que eles sobrevivam, não se encontra em seu conjunto de crenças míticas, mas sim, está em sua ênfase em bondade, simpatia e serviço à causa do sofrimento e outros tais valores, que quase se tornaram sinônimos do Cristianismo. Embora esses

valores sejam comuns a todas as religiões do mundo – e parecem ser a meta divinamente programada para ser alcançada por toda a humanidade –, de alguma forma, a poderosa propaganda cristã enfatiza continuamente essas funções como sendo relacionadas ao Cristianismo apenas e, como tal, tem conseguido convencer as pessoas em geral. Essa mensagem de simpatia, bondade, piedade e comportamento gentil, fazem magia nos ouvidos com sua suave música. É esse mundo de romance que geralmente atrai as pessoas para a fé cristã. No entanto, lado a lado, mas separado dele, operam as duras realidades políticas e econômicas da vida ocidental e a subjugação do resto do mundo por elas.

Parece que os paradoxos dogmáticos com que os cristãos têm de conviver, de alguma forma, foram transferidos para o seu comportamento mundano também. Bondade, humildade, tolerância, sacrifício e muitas outras palavras nobres andam de mãos dadas com crueldade, opressão, injustiça e subjugação dos povos indefesos do mundo em grande escala. Leis de direito, justiça e equidade parecem ser moedas válidas apenas internamente nas culturas ocidentais. Nas áreas de relações internacionais, contudo, essas virtudes são tratadas como estúpidas e como termos obsoletos, que devem ser levados a sério apenas pelos ingênuos.

Política internacional, diplomacia e relações econômicas não conhecem a justiça, senão aquela que serve o interesse nacional. Valores cristãos, por melhores que sejam, não são autorizados a passar para o domínio da política e da economia ocidentais. Essa é a contradição mais trágica dos tempos modernos.

Quando se trata da imagem que se projeta, o Cristianismo só é apresentado sob a forma de uma cultura e uma civilização ocidentais atraentes chamando o mundo do Oriente para uma

vida confortável e despreocupada de permissividade em comparação com os códigos geralmente rígidos de suas decadentes sociedades religiosas. Essa mensagem de emancipação é muito mal compreendida pelas massas semialfabetizadas do Terceiro Mundo como algo muito atraente. Soma-se a isso a adicional vantagem psicológica de conseguir uma sensação de pertencer ao mundo desenvolvido através da comunidade da religião e, assim, começa-se a reconhecer o verdadeiro papel do Cristianismo em atrair, em grande número, os injustiçados e, em muitos casos, pessoas marginalizadas e oprimidas que estão nos degraus mais baixos dentro de suas próprias sociedades baseadas em classes. Está fora do alcance deles compreender o dogma cristão. Esse só serve para levantar o seu status humano, ainda que apenas falsamente.

Pelo exposto acima, deve ficar evidente que o Cristianismo do qual estamos falando está bem distante do Cristianismo de Jesus Cristo^{as}. Conceber a cultura ocidental como o Cristianismo é um erro manifesto. Atribuir as formas atuais do Cristianismo, em suas diversas esferas, a Cristo^{as} é realmente um insulto para ele. Há exceções, é claro, em toda regra. Nenhuma afirmação é aplicável em sua absoluta totalidade a qualquer grupo de grandes números. Sem dúvida, existe um pequeno número de ilhas individuais de esperança e de vida no mundo cristão, onde sinceridade, amor e sacrifício cristãos são verdadeiramente praticados. Essas são as ilhas de esperança em torno das quais há furiosos oceanos de imoralidade que estão corroendo lenta e gradualmente e, finalmente, reivindicando mais bordas dessas ilhas. Se o mundo cristão não fosse adornado com esses brilhantes exemplos do Cristianismo praticado no espírito de Jesus Cristo^{as} – por mais raros que sejam – uma escuridão total enveloparia o horizonte ocidental. Sem o

Cristianismo não há luz na civilização ocidental, mas, infelizmente, essa luz também está apagando-se rapidamente.

É essencial para o mundo cristão voltar à realidade de Cristo^{as} e se curar de sua identidade dividida e da hipocrisia inerente. Continuar vivendo em um mundo de mitos e lendas é repleto de graves perigos. O principal objetivo desse “exercício” é despertar o mundo cristão a respeito dos potenciais perigos que estão na crescente paralaxe entre sua crença e sua prática. Mitos funcionam quando servem ao propósito de subjugar os degraus mais baixos da sociedade com a hierarquia de um sistema que controla e explora sua ignorância, mantendo-os dopados. Porém, quando se trata de as crenças desempenharem um papel vital em trazer um povo morto para a vida e reconstruir sua rápida degeneração dos valores morais, tais mitos são inúteis. Eles são meras fantasias, e fantasias nunca podem desempenhar um papel significativo nos assuntos humanos.

O Readvento de Jesus Cristo^{as}

A aplicação das observações feitas até o momento pode ser, agora, demonstrada. A questão vital da sobrevivência da humanidade de hoje, gira em torno da imagem central de Jesus Cristo^{as}. É extremamente essencial, portanto, compreender a sua realidade. O que ele era e que papel ele desempenhou, em primeira instância, como Cristo^{as} na sociedade decadente do Judaísmo? O quanto podemos levar a sério a promessa de sua segunda vinda nos últimos dias? Essas são as questões vitais às quais devemos nos dirigir.

Se a imagem de Jesus Cristo^{as} não é real, sendo apenas um

produto da imaginação humana, é impossível visualizar seu redimento. No entanto, Jesus^{as} não era um produto da fantasia. Ele era um homem real e, somente assim, poderia renascer como uma criança humana, e não descer como um fantasma revisitando os mortais. Tais fantasias nunca visitam as realidades da vida humana. Sobretudo, um povo que vive de mitos e lendas continua a fazê-lo sem, ao menos, haver a chance de que ele reconheça o seu Redentor, se, e quando, ele vier.

Se Jesus^{as} era realmente o Filho de Deus, como os cristãos querem nos fazer crer, então, é claro que ele retornaria em glória, com suas mãos apoiadas sobre os ombros de anjos reais. Mas, se isso é apenas uma fantasia romântica de esperanças e aspirações cristãs, então, como tal, esse incidente nunca irá acontecer. O mundo nunca verá esse evento bizarro de um Deus descendo do céu em forma humana junto com uma tropa de anjos o apoiando e cantando seus hinos.

A ideia é repulsiva à lógica e à consciência humanas. É o conto de fadas mais esquisito que já foi inventado para ninar as faculdades de um povo. Por outro lado, se o entendimento da Ahmadia sobre Jesus Cristo^{as} for aceito, ele substituirá esse fantástico cenário por um cenário que, não apenas é aceitável pela compreensão humana, mas, também, é fortemente apoiado por toda a história religiosa da humanidade. Nesse caso, estaríamos esperando um salvador que não é diferente do Cristo^{as} do primeiro advento. Estaríamos esperando um homem humilde, nascido em origens humildes, como o Jesus Cristo^{as} da primeira vinda, começar seu ministério no mesmo estilo que ele fez antes. Ele pertenceria a um povo religioso que lembrasse os judeus da Judéia, tanto em suas características, quanto em suas circunstâncias. Eles não somente

iriam negá-lo e rejeitá-lo em sua declaração de ser o Reformador Prometido que eles estavam esperando como redentor de Deus, mas também fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para aniquilá-lo. Ele iria reviver a vida de Cristo^{as} mais uma vez e seria tratado com o mesmo ódio, desprezo e arrogância de antes. Ele sofreria mais uma vez, não nas mãos de seu próprio povo, mas nas mãos de forças hostis, semelhantes às que se opunham a ele antes. Ele também sofreria nas mãos do supremo poder imperial externo sob cujo dossel ele nasceria entre um povo escravizado.

P.D. Ouspensky, um proeminente jornalista russo do início do século XX, escrevendo sobre o tema do readvento de Jesus Cristo^{as}, partilhou quase da mesma opinião:

*"De nenhuma forma é uma idéia nova que Cristo, se nascesse na Terra de novo, não só poderia não ser o chefe da Igreja Cristã, mas, provavelmente, nem, sequer, pertenceria a ela, e nos períodos mais brilhantes de força e poder da Igreja, seria, certamente, declarado como herege e queimado na fogueira. Mesmo nesses nossos tempos mais esclarecidos quando as Igrejas cristãs, se não perderam suas características anti-cristãs, tem, pelo menos em certo nível, começado a ocultá-las, Cristo poderia viver sem sofrer a perseguição dos "escritas e fariseus" talvez somente em algum eremitério russo."*¹

Esse é o único processo real por qual todos os mensageiros e

1 P. D. Ouspensky, 'A New Model of the Universe', pág. 149-150, Kegan Paul, Trench, Trubener & Co., Ltd 1938

reformadores Divinos são tratados. Qualquer outro conceito diferente disso é oco, falso e sem sentido.

Sempre acontece que, quando chega a hora do cumprimento de profecias sobre o advento de reformadores Divinos, o povo para cuja redenção eles são enviados falha em reconhecê-lo. Em tal período da história, eles já têm convertido a imagem de seu reformador da realidade para a fantasia. Eles passam a esperar uma fantasia aparecer e se materializar, enquanto o que acontece é apenas uma repromulgação da história religiosa, como sempre ocorreu, invariavelmente, desde o momento do primeiro reformador divino. Eles sempre aparecem como humildes seres humanos nascidos de mães humanas e, durante a sua vida, são sempre tratados como seres humanos. É muito depois de seu falecimento que seu processo de deificação se inicia. Dessa forma, a sua aceitação fácil durante a sua revisita torna-se impossível.

Quando tais pessoas religiosas são confrontadas com as realidades dos reformadores divinos, que sempre aparecem como simples e humildes seres humanos, eles os rejeitam de imediato. Como você pode aceitar um simples ser humano quando você está esperando uma fada aparecer ou um fantasma se materializar? Essa é a razão pela qual o mundo não vê e não reconhece a segunda vinda de Jesus Cristo^{as}, que já aconteceu.

Uma declaração grande, talvez, que é provável que seja simplesmente rejeitada pela maioria dos leitores. Como Jesus^{as} poderia ter vindo e ido sem o mundo ter tomado nota disso? Como ele poderia ter passado despercebido pelo mundo inteiro do Cristianismo e do Islã? Os tempos modernos têm visto muitos declamantes tais, que até criaram momentâneas agitações e tempestades em muita gente, mas onde estão eles hoje?

É uma época em que, em muitos países, cultos irrompem como cogumelos e bizarras afirmações sobre Jesus^{as} ter voltado e ter enviado o seu sucessor são feitas esporadicamente. Nossa afirmação pudesse, talvez, ser apenas mais uma daquelas. Por que qualquer pessoa séria perderia seu tempo para, sequer, cogitar sobre isso? Certamente, sérias dúvidas surgiriam e um grave dilema teria que ser, de fato, enfrentado. Buscamos chamar a atenção do leitor, convidando-o a visualizar um cenário em que Cristo^{as} tivesse realmente chegado. É a sua revisita apenas uma fantasia ou ele pode, realmente, visitar o mundo em pessoa ou por meio de procuração? Essa é uma pergunta que tem que ser resolvida antes que possamos tentar responder às várias dúvidas supracitadas.

Está o mundo, seja o cristão ou o muçulmano, realmente em um estado psicológico da mente capaz de aceitar a segunda vinda de Jesus^{as}? Em caso afirmativo, sob que forma e em que sentido? Se olharmos do ponto de vista seja dos muçulmanos ou dos cristãos, Jesus^{as}, se ele fosse voltar algum dia, viria com tanta glória e sinais claros, descendo do céu em plena luz do dia com anjos o apoiando, que seria impossível recusar-se a aceitá-lo, até mesmo para os mais céticos.

Infelizmente, apenas um Jesus^{as} de fantasia é aceitável para o mundo de hoje. Um Jesus^{as} como o qual nunca veio antes em toda a história humana. Se a história religiosa for ser levada a sério, encontra-se um grande número de relatos sobre fundadores de religiões ou outros teólogos terem ascendido ao céu corporalmente. Essas afirmações são tão numerosas e tão diversas que parece ser uma tendência universal do homem inventar histórias a fim de elevar e “superhumanisar” seus líderes religiosos. A questão é sobre como podemos negar todos esses relatos que são aceites

e acreditados por, talvez, bilhões de pessoas no mundo de hoje? Só os cristãos e os muçulmanos que acreditam nesse e em outros eventos bizarros similares somam mais de dois bilhões. Assim, o leitor pode perguntar-se sobre que direito nós temos – ou qualquer outra pessoa no mundo tem – de rejeitar todas essas crenças como irreais e imaginárias. Concordamos que, examinando por esse ângulo, será necessário um grande esforço para refutar essas alegações como sendo não suportadas pelas escrituras das religiões que as entretêm. Uma vez que a pessoa é levada para esse labirinto de interpretações possíveis e alternativas, acaba apenas em uma questão de preferências e escolhas. Então, passa a ser decisão de cada um interpretar as escrituras ou relatos históricos religiosos como literais ou metafóricos. Entrar nesse pântano de explicações conflitantes não teria nenhuma utilidade. No entanto, há uma saída desse exercício oneroso que podemos mostrar aos leitores e convidá-los a seguirem ou rejeitarem, como bem o desejarem.

Por questão de argumentação, aceitemos todos esses relatos de líderes religiosos tendo subido ao céu ao pé da letra. Se o caso da relatada ascensão de Jesus Cristo^{as} for para ser tratado num sentido superficial e sua segunda vinda for para ser interpretada como real e literal, então, não há motivo para que se recuse a aceitar outros casos semelhantes no mundo. Por que fazer exceção de Elias^{as}, do rei de Salém, ou do Imam duodécimo da facção xiita no Islã ou da ascensão de deuses hindus ou de outros homens santos ou das tais chamadas personificações de Deus? É mais seguro, portanto, evitar entrar em tais debates improdutivos e inúteis com aqueles que entretêm crenças semelhantes. Pode-se indagar, de todos esses crédulos que creem em fantasia, se algum deles pode apontar um único caso de revisita, em pessoa, daqueles que são tidos como

desaparecidos pela ascensão aos remotos recantos celestes. Pode toda a história humana apresentar um único exemplo de retorno corporal de qualquer pessoa deste mundo sobre a qual seja relatada uma ascensão corporal? Mostrem-nos se houver algum.

Olhando para a total ausência de cumprimento literal de tais alegações, ficamos com duas opções: rejeitar tais alegações como fraudulentas, ou aceitá-las apenas metaforicamente, como Jesus^{as} o fez no caso da segunda vinda Elias^{as}. Torna-se evidente, com isso, que aqueles que esperam a descida literal de Jesus^{as} do céu, criaram uma barreira entre si e a realidade de Jesus^{as}. Se Jesus^{as} voltar, ele virá apenas como um ser humano, como todos os reformadores divinos esperados antes dele. Se ele aparecer hoje como uma pessoa simples e humilde, tendo nascido em uma terra semelhante à terra da Judéia, na Palestina, e comissionado a desempenhar o mesmo papel que ele desempenhou durante a sua primeira vinda, irá o povo daquela terra tratá-lo de uma forma diferente da que ele foi tratado antes?

O Messias Prometido

Tal é o caso do segundo advento do Messias em quem nós acreditamos. Aconteceu há pouco mais de um século, que um homem humilde de Deus, com o nome de Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, de Qadian, foi informado por Deus, que Jesus^{as} de Nazaré, Filho de Maria^{as}, cuja segunda vinda literal está sendo aguardada tanto pelos cristãos como pelos muçulmanos, era um profeta especial de Deus que faleceu como todos os outros profetas de Deus. Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as} declarou que Jesus^{as} não estava

vivo corporalmente e nunca foi elevado corporalmente a qualquer espaço celeste para aguardar sua nova visita a esta terra. Ele havia falecido como todos os outros profetas de Deus e não era mais que um profeta. Ele foi informado que a segunda vinda de Jesus Cristo^{as}, uma crença comum aos cristãos e aos muçulmanos, foi realizada espiritualmente e não literalmente. Como tal, ele foi informado que Deus o havia erguido para o cumprimento dessa profecia.

Mirza Ghulam Aḥmad^{as} pertencia a uma família nobre de Punjab. Sua família era mais preocupada com a construção da fortuna e da honra da família, mas ele distanciou-se dos interesses mundanos e passou a maior parte do seu tempo na adoração de Deus e em estudos religiosos. Ele era um homem quase desconhecido para o mundo, pouco conhecido até mesmo na pequena cidade de seu nascimento. Então, lentamente, começou a emergir no horizonte religioso da Índia como um grande fiel e um defensor da causa do Islã. Ele ficou conhecido como um homem santo de tal fama que impunha respeito não só entre os muçulmanos, mas também entre os seguidores de outras religiões. As pessoas começaram a testemunhar nele um homem em comunhão com Deus, cujas preces eram atendidas, cuja profunda e sincera preocupação com a humanidade e o sofrimento das pessoas era além do imaginado.

O Islã, durante esse período na Índia, estava, infelizmente, em um estado muito deplorável. Ele foi alvejado pelos missionários cristãos, que, em conformidade com as políticas do império britânico, lançaram uma campanha virulenta não só contra os ensinamentos islâmicos, como também contra o Santo Fundador do Islã^{sa}. Além disso, no hinduísmo, a principal religião da Índia,

movimentos extremamente ambiciosos estavam tomando forma com um plano em duas vertentes: reviver a cultura e a prática hindu e eliminar o Islã e os muçulmanos da Índia, retratando-os como estrangeiros que não tem direito de enraizar-se em seu solo. O mais agressivo dentre eles era o Movimento Arya Samaj, que foi fundado por Pandit Swami Dyanand Sarsooti (1824-1883) em 1875. Isso, talvez, tenha motivado mais Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as} a começar uma extensa pesquisa comparada das religiões em defesa do Islã.

Seus estudos reforçaram ainda mais a sua crença na superioridade dos ensinamentos do Islã. Ele ficou impressionado com a abordagem diferenciada do Alcorão em relação aos assuntos humanos. Ele descobriu que, depois de apresentar um curso de conduta humana, o Alcorão não parou arbitrariamente apenas nas instruções, mas, pelo contrário, continuou construindo fortes argumentos lógicos, suportados por evidências, de que o curso prescrito era a opção mais apropriada no contexto dado.

Seus estudos permitiram-lhe, enfim, defender a causa do Islã, que, naquela época, estava praticamente indefeso. Assim, ele realizou o requisito mais importante para a defesa do Islã na Índia naquele período. Ele começou a sua vida pública mantendo diálogos e debates em escala pequena, que, gradualmente, expandiram-se para círculos muito mais amplos. Sua fama como o defensor mais competente e formidável para a causa do Islã começou a se espalhar por toda parte.

Foi nesse período de tempo que ele começou a autoria de uma das maiores obras literárias religiosas que realizou. Este livro, *Brahin-e-Ahmadiyya*, foi planejado para ser publicado em cinquenta volumes, mas ele só pôde publicar os cinco primeiros, pois

acontecimentos tumultuosos ocorreram e, desde então, já não era possível para ele levar essa tarefa acadêmica à conclusão. No entanto, posteriormente, ele foi autor de muitos outros livros em resposta aos ditames do tempo. Seus livros abrangeram quase todos os assuntos que ele originalmente pretendia cobrir e muito mais. Na verdade, ele fez mais do que cumprir sua promessa, ainda que não ao pé da letra. É incrível como ele pôde produzir tão vasta literatura praticamente sozinho, sem considerável ajuda clerical. Os livros, cartas e tratados de sua autoria somam, em número, cerca de cento e dez.¹

Não foi apenas a sua obra literária que lhe valeu grande reconhecimento em todo o subcontinente, como também as suas qualidades espirituais desempenharam um papel vital na consagração de sua fama e seu respeito em larga escala.

Nesse crepúsculo de sua crescente reputação, ele foi comissionado por Deus para suportar a grande responsabilidade de ser o reformador dos últimos dias que era esperado e aguardado por quase todas as religiões do mundo. Do ponto de vista dos muçulmanos, ele era “Al-Mahdi”, o reformador divinamente guiado. Do ponto de vista de ambos os cristãos e os muçulmanos, ele foi elevado ao status de Messias Prometido, cumprindo as profecias da segunda vinda de Jesus Cristo^{as}. No entanto, esse compromisso custou-lhe toda a fama e popularidade que ele havia ganhado anteriormente. Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, o divinamente escolhido reformador espiritual da época, foi abandonado e imediatamente rejeitado não só pelos seguidores das outras religiões, mas de modo

1 Essa conta não inclui o número de cartas que ele escreveu para seus seguidores e outros, que somam milhares.

mais forte ainda pelos próprios muçulmanos da Índia, as pessoas cuja causa ele havia servido tão competente e veementemente.

Foi praticamente um novo nascimento espiritual para ele. Como ele veio sozinho ao mundo, ele teve de iniciar uma nova vida, como um homem único no mundo da religião, praticamente abandonado por todos à sua volta. Mas Deus não o abandonou. Ele foi repetidamente assegurado pelo socorro de Deus e pelo Seu constante apoio através de diferentes revelações que ele recebeu durante um período de intensa hostilidade.

“Um avisador veio ao mundo, mas o mundo não o aceitou, porém Deus irá aceitá-lo e irá estabelecer a sua verdade com sinais poderosos”.

“Vou espalhar a tua mensagem até os confins da terra”.

Essas são algumas das primeiras revelações que o sustentaram durante o estado de desolação e de rejeição que sofreu nas mãos de seus adversários. Mais de cem anos se passaram desde então e a imagem que lenta, mas firmemente, surgiu apoiada plenamente seus clamores, suas profecias e a verdade de suas revelações.

A Comunidade que começou com um homem, cresceu para dez milhões de pessoas em todo o mundo em cento e trinta e quatro países espalhados pelos cinco continentes¹. Sua mensagem atingiu os cantos da Terra, desde o extremo oeste até o remoto leste. Ele

1 Dados referentes à data da primeira publicação do livro. Hoje a Comunidade Ahmadiya do Islã já conta com dezenas de milhões de fiéis em cerca de 215 países do globo. [Editores]

é aceito como o líder guiado prometido e o Messias Prometido do segundo advento nas Américas, na Europa, na África, na Ásia e até nas ilhas mais distantes do sudeste do Pacífico, como Fiji, Tuvalu, Ilhas Salomão, etc. Apesar disso, seus seguidores podem ser melhor descritos como uma pequena piscina, insignificante em termos de volume, em comparação com o grande mar do mundo cristão.

As conquistas do Movimento de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as} exigiram um espaço muito extenso comparado ao pequeno espaço disponível aqui, mas é essencial observar que nenhum outro movimento religioso nos tempos modernos tem progredido e se espalhado tão rapidamente e com um passo tão firme. Não é um culto, nem é uma mania popular. É uma mensagem séria, uma árdua tarefa que exige grande esforço e disciplina por parte daqueles que se aventuram em segui-la. Aqueles que a seguem, assim o fazem aceitando as grandes responsabilidades que irão carregar por toda a vida. É quase tão austera como a antiga sociedade essênica. Aceitar a alegação de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as} como o Messias Prometido não é participar de uma descontração romântica, mas sim um compromisso de vida. Aqueles que se iniciam na sua comunidade têm de recusar a maior parte dos vãos prazeres da vida, mas não no estilo dos ascetas e eremitas, mas com profunda convicção, compromisso, satisfação e contentamento dos corações, o que lhes permite sacrifício e perseverança em sua causa em um alto grau de excelência. Ele criou uma comunidade mundial que não tem igual em termos de sacrifícios financeiros. Todos os membros da Comunidade que ganham comprometem-se a pagar pelo menos um décimo sexto de sua renda para a nobre causa. O espírito de sacrifício voluntário e a quantidade

de trabalho voluntário que é realizada em todo o mundo são incompreensíveis. E tudo isso é feito sem o mínimo de coerção de qualquer tipo. Aqueles que são capazes de fazer a sua contribuição no trabalho ou em termos financeiros consideram-se felizes por serem capazes de fazê-la.

Essa é uma comunidade que é completamente independente nos seus assuntos financeiros. Esse sistema universal de contribuição voluntária é exercido desde os últimos cem anos com notável pureza e integridade moral. É aí que reside o segredo de seu sucesso em manter a sua independência de influências externas por mais de um século. Isso, no entanto, é apenas um ângulo de observação. Analisando a qualidade dos seus seguidores sob outros ângulos, observa-se um cenário não menos fascinante. É uma comunidade que se destaca na sua moral de coexistência pacífica, no amor mútuo e no profundo respeito pelos valores humanos. É uma comunidade religiosa que é extremamente admirada no mundo inteiro pelo seu respeito às Leis e seu apreço pelas decentes relações humanas, sem distinção de religião, cor ou credo.

Para algum leitor, pode parecer que mudamos para um assunto que não tem nenhuma relação com o tema da nossa discussão. Deixe-nos salientar, muito respeitosamente, que esse observador acabou perdendo a linha de raciocínio. A relevância dessa discussão pode ser melhor entendida à luz de uma observação profunda de Jesus Cristo^{as}: “uma árvore é reconhecida pelos seus frutos” (Mateus 12:33).

Se alguém, hoje, estiver seriamente interessado em determinar a veracidade da declaração de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, esse é o melhor e o mais confiável critério. Por esse critério, pode ser avaliado se ele é de fato o Prometido Messias cujo advento havia

sido profetizado não só pelo próprio Jesus Cristo^{as}, mas também pelo Santo Fundador do Islã^{sa}. Descobrir que tipo de seguidores ele foi capaz de produzir e como a passagem de um século os influenciou seria um exercício muito gratificante. Também surgiria a questão indagando se eles foram tratados pela época de uma maneira semelhante aos seguidores de Jesus Cristo^{as} no primeiro século do Cristianismo? Também deve surgir o quesito averiguando qual foi a atitude de Deus para com ele nos momentos das muitas tentativas que foram feitas para aniquilar e exterminar ele e sua comunidade? Foi a atitude de Deus a favor, ou foi ela contra, essa comunidade tão caçada? Se, como os primeiros cristãos, os seguidores de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as} também experimentaram o mesmo apoio urgente de Deus contra todas as tentativas; se sempre que foram moídos pelo moinho da perseguição, em vez de serem pulverizados, eles emergiram ainda mais fortes do que antes e mais poderosos e mais respeitados, então, obviamente, a alegação de tal declamante não pode ser trivialmente dispensada. Nesse caso, deixa de ser apenas uma grande declaração de um homem louco, ou uma teia de aranha fantasiosa da imaginação de um sonhador. A Ahmadia tornou-se uma realidade a ser levada a sério em um horizonte muito mais amplo do que o Cristianismo o poderia ser no final de seu primeiro século.

Esse é o caso de um Messias que foi um fato histórico e não um produto da ficção, e esse, novamente, é o caso de um Messias cujo readvento foi tão realista como o foi a sua primeira aparição como líder divino comissionado. Cabe inteiramente ao povo dessa época escolher entre viver permanentemente em um mundo de lendas e fantasias e manter-se eternamente à espera dos prometidos reformadores de suas religiões e credos, ou aceitar as duras

realidades da vida. Em uma coisa temos de concordar: muitos líderes religiosos foram elevados da posição de homens comuns aos postos de divindades e, muitas vezes, foi imaginada a ascensão de líderes religiosos ao céu para aguardar – em algum lugar nos recesos vazios do espaço – a sua segunda visita ao planeta Terra. Não há nenhuma razão pela qual se deva aceitar uma de tais alegações e rejeitar as outras, porque elas são apenas alegações, sem qualquer prova científica positiva para apoiar a sua validade. Assim, não há opção senão aceitar todas elas ou rejeitá-las em sua totalidade. Esse seria o único ato honesto e justo. Uma coisa, porém, é certa: uma vez que se afastaram da sua existência terrena, independentemente da forma em que seus seguidores creem que eles partiram, nunca, em toda a história da humanidade, qualquer um deles revisitou a Terra. Novamente, uma coisa é totalmente certa: todos os teólogos e líderes espirituais que foram elevados ao status de divindades ou parceiros de Deus, iniciaram a sua vida como simples e humildes seres humanos e viveram, até a sua morte, a vida de um ser humano. Foram apenas seus seguidores que os transformaram em deuses. Lembre-se, porém, que nenhum deles demonstrou seu papel no funcionamento da natureza. Sempre houve apenas uma só mão que parece governar as leis da natureza. O espelho dos céus e as leis da natureza, em todos os níveis, refletem o rosto de um Deus e de um só Deus. O Sagrado Alcorão diz:

وَقَالُوا اتَّخَذَ الرَّحْمَنُ وَلَدًا ۚ لَقَدْ جِئْتُمْ شَيْئًا إِدًّا

تَكَادُ السَّمُوتُ يَنْفَطَرْنَ مِنْهُ ۖ وَتَشَقُّ الْأَرْضُ وَتَخِرُّ الْجِبَالُ هَدًّا

أَنْ دَعَا لِلرَّحْمَنِ وَلَدًا ۚ وَمَا يُبْغَى لِلرَّحْمَنِ أَنْ يَتَّخِذَ وَلَدًا

“E eles dizem: O Clemente há tomado para Si Próprio um filho. Seguramente, vós haveis feito uma coisa muito monstruosa! Podia bem ser que os céus, com isso, explodissem e a Terra se quebrasse em pedaços e as montanhas caíssem estilhaçadas, porque eles hão atribuído um filho ao Clemente, enquanto é contra a honra do Clemente Deus tomar para Si Próprio um filho.”

(Sagrado Alcorão 19:89-93)

Deus planejou e projetou o fenômeno da sobrevivência das espécies de maneira tão bela que, em níveis de produção de

Capítulo IX

Conclusão

Em se tratando do inquérito apresentado, esperamos ter feito justiça suficiente para com ele. Mas, antes de encerrarmos o caso, desejamos fazer um apelo caloroso ao mundo cristão para descer de sua torre de marfim de crenças autocriadas e voltar para as duras realidades da vida.

Jesus Cristo^{as} foi um homem perfeito no contexto da sua época, mas não mais do que um homem. Ele chegou à posição que estava destinado a chegar como um mensageiro especial de Deus, intitulado de Messias. Isso fez dele único entre todos os profetas desde os tempos de Moisés^{as} até a época de seu advento.

A cada profeta é atribuída uma tarefa realmente difícil. Eles têm que trazer a reforma às pessoas que se tornaram totalmente más. No caso de Jesus^{as}, essa tarefa se tornou ainda mais difícil, pois ele não tinha apenas que lutar contra os males comuns da

sociedade, mas ele também tinha que provocar uma mudança radical e revolucionária na atitude do povo judeu.

Como acontece no caso dos seguidores de cada religião, com o passar do tempo, eles passam, gradualmente, a desviar-se para fora da verdade e começam a vagar pelo deserto do pecado. Assim aconteceu, também, no caso do povo judeu. Na época do advento de Jesus^{as}, eles haviam, praticamente, morrido espiritualmente. A água da vida divina havia vazado para fora deles, deixando para trás mortos corações de pedra. A tarefa atribuída a Jesus^{as} foi a de transformá-los, novamente, em corações humanos vivos e pulsantes e de trazer desses corações molas da bondade humana. Esse foi o milagre que Jesus^{as} fez e é aí que reside a sua grandeza.

Agora que o mundo do Islã e do Cristianismo estão juntos aguardando a segunda vinda de Jesus Cristo^{as}, eles não devem se esquecer que o Jesus^{as} que estava destinado a vir tem de ser essencialmente o mesmo Jesus^{as}, no caráter e no estilo da missão. No entanto, de acordo com as profecias do fundador do Islã, Ḥaḍrat Muhammad^{sa}, este Jesus^{as} era para aparecer em seu segundo advento não no mundo do Cristianismo, mas no mundo do Islã. Contudo, o grande milagre que ele traria seria o mesmo. Porém, dessa vez, seria o coração dos muçulmanos dos últimos dias que ele teria que transformar. Essa compreensão do seu segundo advento é totalmente suportada por várias outras profecias do Profeta^{sa}. Ele previu que o estado do povo do Islã dos últimos dias seria muito semelhante ao do povo judeu durante o seu período decadente, assim como, num par de sapatos, um sapato é semelhante ao outro.

Assim, se a doença seria a mesma, o remédio também deveria ser o mesmo. O Messias tinha de voltar ao mundo no mesmo humilde estilo, não pessoalmente, mas em espírito e em caráter,

e é exatamente isso o que tomou lugar e aconteceu. Tais pessoas divinas e revolucionárias sempre nascem como humildes e insignificantes seres humanos e vivem uma vida de humildade. Eles revisitam a Terra, espiritualmente, exatamente no mesmo estilo e são tratados, novamente, com a mesma crueldade, preconceito e fanática hostilidade. Eles nunca são facilmente reconhecidos como verdadeiros representantes daqueles que haviam prometido a sua visita.

O que aconteceu com Cristo^{as} na sua primeira aparição nas mãos dos judeus estava para acontecer com ele novamente, mas, dessa vez, nas mãos dos muçulmanos e dos cristãos que estavam esperando o seu retorno. As mesmas expectativas distorcidas e irreais sobre a forma como ele revisitaria a Terra, os mesmos objetivos imaginários que se esperava que ele atingisse, as mesmas visões irreais sobre o seu papel e suas realizações na Terra que foram apresentadas pelos judeus do tempo de Jesus Cristo^{as}, seriam repetidas pelos muçulmanos durante o seu segundo advento. E, dessa forma, a história iria reencenar-se.

Olhando para trás, agora, estamos numa melhor posição para compreender o fracasso dos judeus em reconhecer o seu Messias. Podemos, facilmente, compreender as suas dificuldades e tirar lições da sua tragédia. Sua compreensão literal das escrituras desguiou-os. Tudo isso já foi discutido. Mas, para enfatizar essa importante questão, uma vez mais nos referimos a isso. Sempre acontece na história dos esperados reformadores religiosos que as pessoas que os aguardam, mais do que todos, falham em reconhecê-los, porque os sinais de seu reconhecimento são mal interpretados e mal entendidos. As realidades são mitificadas e as metáforas são tomadas literalmente.

Praticamente, a mesma história se repetiu no tempo do segundo advento do Messias, Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, de Qadian. Como no caso da prometida descida de Elias^{as} do céu, conforme esperado pelos judeus da época de Cristo^{as}, esperava-se que alguém descesse do céu corporalmente, dessa vez o próprio Messias.

No caso dos judeus, eles estavam esperando a vinda do Messias num estado de glória para conduzi-los a uma nova era de dominação e ascendência sobre seus mestres romanos. Todas essas expectativas foram quebradas por Jesus^{as} de Nazaré. Quando ele finalmente apareceu, ele pareceu estar diferente e distante demais da imagem esperada do advento do Messias com que os judeus estavam se entretenendo por séculos.

Surpreendentemente, eventos semelhantes ocorreram em relação ao advento de Cristo^{as} na pessoa de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as}, de Qadian. O papel desempenhado por seus adversários é o mesmo, apenas os nomes são diferentes. A corrente principal dos muçulmanos e dos cristãos adquiriu o papel da linha dos judeus da época de Jesus^{as}. As acusações são as mesmas. A lógica de rejeição é a mesma. No entanto, Deus tratou esse homem humilde com sinais ainda maiores de Seu apoio do que ao Jesus^{as} dos anos anteriores e ajudou a espalhar a sua mensagem muito mais rapidamente, em número muito maior de países e em todos os continentes do mundo. Esses são os fatos que falam por si mesmos, mas apenas para aqueles que escutam. Esses são os fatos que estão se tornando cada vez mais aparentes com o passar do tempo, mas somente para aqueles que se preocupam em observar. Novamente, o espírito da mensagem messiânica no contexto das atitudes

contemporâneas dos muçulmanos e dos cristãos não é diferente, mas só irão entender aqueles que não fecharem os seus olhos.

Deixe-nos, por fim, lembrar aos cristãos e aos muçulmanos que estão esperando o reaparecimento de Cristo^{as} por tantos séculos, nas palavras proféticas de Ḥaḍrat Mirza Ghulam Aḥmad^{as} de Qadian – o Messias enviado por Deus para os últimos dias – que:

*"Lembre-se muito bem que ninguém jamais descerá do céu. Todos os nossos adversários que estão vivos hoje morrerão e nenhum deles jamais verá Jesus^{as}, filho de Maria^{as}, descendo do céu; então os seus filhos que ficarão depois deles irão também morrer e nenhum dentre eles jamais verá Jesus^{as}, filho de Maria^{as}, descer do céu; e, então, sua terceira geração também irá morrer e eles também não verão o filho de Maria^{as} descendo. Então, Deus irá causar grande consternação em suas mentes e eles, então, dirão que até a época da dominação da cruz já passou e o modo de vida já mudou completamente, mas o filho de Maria^{as} não chegou. Então, desesperadamente, os sábios dentre eles abandonarão essa crença e três séculos não terão passado desde hoje quando aqueles que esperam a vinda de Jesus^{as}, filho de Maria^{as}, sejam eles muçulmanos ou cristãos, abandonarão por completo essa crença."*¹

Então, você pode esperar até que uma nova geração nasça, e ela também irá esperar até que tenha passado o seu curso e uma nova geração tenha se firmado. Esse estado de espera pode continuar

1 Tadhkiratul-Shahadatein, Ruhani Khazain, Vol. 20, pág. 67.

até o fim dos tempos, mas nenhum Jesus^{as} descerá do céu corporalmente. Os sonhos de sua vinda pessoal nunca se tornarão realidade, por mais que aqueles que esperam desejem ardentemente por seu retorno literal. Eles podem até mesmo construir um muro de lamentações para si próprios, como os judeus fizeram há mais de três mil anos. E eles podem continuar golpeando suas cabeças contra isso. No entanto, como aconteceu no caso dos judeus, irá acontecer o mesmo novamente. Eles não verão nenhum Messias descer, apesar de seu choro e tormento geração após geração após geração. Suas expectativas futuras de Cristo^{as} não produzirão nada, senão um vazio, e um vazio que nunca vai acabar. Uma perspectiva absolutamente desoladora, de fato.

Quanto aos cristãos que realmente assumem Cristo^{as} como um filho literal de Deus, terminemos essa discussão com as palavras de advertência do Sagrado Alcorão, o livro divinamente revelado para o Santo Profeta do Islã^{sa}. Ele diz, sobre o propósito do seu advento:

وَيُنذِرَ الَّذِينَ قَالُوا اتَّخَذَ اللَّهُ وَلَدًا ۚ مَالَهُمْ بِهِ مِنْ عِلْمٍ ۚ وَلَا يَابَتْ لَهُمْ
كِبْرُتُ كَلِمَةٍ تَخْرُجُ مِنْ أَفْوَاهِهِمْ ۚ إِنَّ يَفْقَهُونَ إِلَّا كَذِبًا ۚ

“Ele (o Santo Profeta de Allah) veio para avisar àqueles que atribuíram um filho a Deus que eles não têm nenhum conhecimento (sobre isso) e nem seus antepassados tinham. Isso é uma enormidade proferida por suas bocas. Eles não dizem nada mais que uma falsidade.”

(Sagrado Alcorão 18:5-6)

Apêndice I

Uma lista de livros selecionados que contêm menção a “Marham-e-Issa” e uma afirmação de que a pomada foi preparada para Jesus^{as}, i. é., para as feridas de seu corpo. Note-se, por favor, que o número total de livros que registram esse fato somam mais de mil títulos.

Qānūn, por Shaikh-ul-Ra’is Abu ‘Ali Sina, Vol.III, página 133;

Sharah Qānūn, por ‘Allama Qutb-ud-Din Shirazi, Vol. III;

Kāmil-us-Sanā’ah, por ‘Ali Bin-Al-‘Abbas Al-Majusi, Vol. III, página 602;

Kitāb Majmū’i Baqā’i, Mahmud Muhammad Isma‘il Mukhatib, az Khaqan Bakhatab pidar Muhammad Baqa Khan, Vol. II, página 497;

Kitāb Tadhkara'ulul Albāb, por Shaikh Da'ud-ul-Darir-Al-Antaki, página 303;

Qarābādīni Rūmī, compilado em torno da época de Jesus^{as} e traduzido na região de Mamun al-Rashid para o árabe, veja Doenças de Pele;

Kitāb 'Umdat-ul-Muhtāj, por Ahmad Bin Hasan al-Rashidi al-Hakim. Nesse livro, Marham-e-Issa, e outras receitas foram anotadas de cem – ou, talvez, mais de cem – livros, sendo todos esses livros em francês;

Kitāb Qarābādīn, em Persa, por Hakim Muhammad Akbar Arzani — Doenças de Pele;

Shifā'ul Asqām, Vol. II, página 230;

Mir'atush Shifā, por Hakim Nathu Shah — (manuscrito) Doenças de Pele;

Dhakhīrā'i Khawārizm Shāhi, Doenças de Pele;

Sharah Qānūn Gilānī, Vol. III;

Sharah Qānūn Qarshī, Vol. III;

Qarābādīn, por 'Ulwi Khan, Doenças de Pele;

Kitāb ‘Ilāj-ul-Amrād, por Hakim Muhammad Sharif Khan Sahib, página 893;

Qarābādīn Yūnānī, Doenças de Pele;

Tuḥfat-ul-Mu‘minīn, na margem de Makhzan-ul-Adwiya, página 713;

Kitāb Muḥīt Fiṭ Ṭib, página 367;

‘Aksiri A‘zam, Vol. IV, por Hakim Muhammad A‘zam Khan Sahib, Al-Mukhatab ba Nazimi Jahan, página 331;

Kitāb Qarābādīn, por Ma‘sumi-ul-Ma‘sum bin Karim-ud-Din Al-Shustri Shirazi;

Kitāb ‘Ijālai Nafi‘ah, Muhammad Sharif Dehlavi, página 410;

Kitābi Shibrī, ou conhecido como *Lawāmi‘ Shibriyya*, Sayyid Hussain Shibr Kazimi, página 471.

Kitab Makhzani Sulaimani, tradução de Aksiri ‘Arabi, página 599, por Muhammad Shams-ud-Din Sahib de Bahawalpur;

Shifā-‘ul-Amrad, traduzido por Maulana Al-Hakim Muhammad Nur Karim, 282;

Kitab-ul-Tibb, Dara Shakuhi, por Nur-ud-Din Muhammad ‘Abdul Hakim, ‘Ain-ul-Mulk Al-Shirazi, página 360;

Minhaj-ud-Dukkan ba Dastur-ul-A'yan fi A'mal wa Tarkib al Nafi'ah lil Abdan, por Aflatuni Zamana wa Ra'isi Awana 'Abul Minalbni Abi Nasr-ul 'Attar Al-Isra'ili Al-Haruni (i.e., Judeu), página 86;

Kitab Zubdatut Tibb, por Sayyid-ul-Imam Abu Ibrahim Isma'il bin Hasan-ul-Husaini Al-Tarjani, página 182;

Kitab Tibbi Akbar, por Muhammad Akbar Arzani, página 242;

Kitab Mizanut Tibb, por Muhammad Akbar Arzani, página 152;

Sadidi, por Ra'isul Mutakallimin Imamul Muhaqq-i-qin Al-Sadidul-Kadhruni, Vol. II, página 283;

Kitab Hadi Kabir, por Ibni Dhakariyya, Doenças de Pele;

Qarabadin, por Ibni Talmidh, Doenças de Pele¹.

1 Lista tirada de “Jesus^{as} na Índia”, por Hadrat Mirza Ghulam Ahmad^{as}, de Qadian, o Messias Prometido, páginas 57 e 58.

Apêndice II

Partenogênese – reprodução assexuada, que é o desenvolvimento do óvulo num indivíduo sem a fertilização por um espermatozóide.

É muito comum no mundo dos insetos e dos peixes e é rotina em animais como os pulgões. Entre os répteis, há fortes evidências de que a partenogênese pode ser uma estratégia bem sucedida de lagartos num ambiente com baixo e imprevisível índice pluviométrico¹. No *Lancet*², em 1955, foi relatado que uma mulher teve uma filha sob condições em que a partenogênese não pode ser refutada.

A partenogênese foi produzida em mamíferos experimentalmente. Não há, contudo, qualquer registro certo do nascimento de um animal por partenogênese. O máximo que foi conseguido foi que embriões de ratos e coelhos partenogenéticos

1 Genetics: 1991 Sept; 129(1):211-9

2 The Lancet”, renomado jornal (periódico) médico do Reino Unido.

desenvolveram-se normalmente até cerca de metade da gravidez, mas, em seguida, morreram e foram abortados.

Em seres humanos, uma pesquisa recente foi realizada com o tema “O desenvolvimento e o estudo sistemático da ativação partenogénica e o desenvolvimento precoce do ovócito humano”¹. Nesse estudo, ovócitos humanos, tanto recém-obtidos, quanto os restantes não fertilizados após uma primeira exposição aos espermatozoides, foram expostos ao álcool ou ionóforo de cálcio e examinados para constatação de evidência de ativação. O resultado desse estudo foi que ovócitos humanos podem ser ativados por partenogênese usando ionóforo de cálcio, mas a taxas inferiores às observadas para ovócitos de ratos. “Partenotas” humanas podem completar a divisão até o estágio de 8 células. Essas informações levantam a possibilidade de que algumas perdas de gravidez humana em estágios iniciais podem envolver ovócitos que foram ativados por partenogênese espontaneamente.

Um incidente de partenogênese parcial num humano foi relatado na revista “New Scientist” de 7 de Outubro de 1995 sob o título: “O menino cujo sangue não tem pai”². No caso dos homens, todas as células devem possuir um cromossomo Y, mas, nesse caso particular estudado de um menino de três anos de idade, as células dos glóbulos brancos do menino apenas possuíam cromossomos XX. O relator também menciona que, ocasionalmente, cromossomos

1 Fertility – Sterility : 1991 Nov; 56(5):904-12.

2 Esse relatório foi de interesse da pesquisa de David Bonthron et al. e refere-se à edição de outubro/1995 da Nature Genetics, onde o relatório pode ser encontrado.

femininos carregam um cromossomo X que inclui o gene masculino e que os cientistas assumiram, inicialmente, que esse caso era um exemplo dessa síndrome. Mas, quando eles usaram tecnologia de DNA extremamente sensível, eles não foram capazes de encontrar nenhum material de cromossomo Y nas células dos glóbulos brancos do menino. Contudo, a pele do menino foi descoberta ser geneticamente diferente do seu sangue, tendo ambos os cromossomos X e Y.

Uma análise mais detalhada do cromossomo X da pele e do sangue do menino revelou que todos os cromossomos X dele eram idênticos e derivaram inteiramente de sua mãe. Similarmente, ambos os membros de cada um dos 22 outros pares de cromossomos em seu sangue também eram idênticos, vindos inteiramente de sua mãe. A explicação dada pelos pesquisadores para esse fenômeno foi que o óvulo infertilizado se auto ativou e começou a dividir-se em células idênticas; uma dessas células foi, então, fertilizada por um espermatozóide do pai e a mistura resultante dessas células passou a desenvolver-se como um embrião normal.

Isso ilustra que células criadas partenogeneticamente em mamíferos nem sempre são defeituosas ou incapacitadas. No caso desse menino, elas foram capazes de criar um sistema sanguíneo normal.

Hermafroditismo – uma anomalia sexual em que as gônadas de ambos os sexos estão presentes; a genitália externa mostra traços de ambos os sexos e os cromossomos mostram mosaiquíssimo masculino e feminino (XX / XY).

Num estudo na Holanda, em 1990, chamado de “Hermafroditismo

Combinado e Auto-Fecundação em um Coelho Doméstico”, um coelho realmente hermafrodita serviu várias fêmeas e gerou mais de 250 jovens de ambos os sexos. Na época de reprodução seguinte, o coelho, que foi alojado em isolamento, engravidou e deu à luz sete jovens saudáveis de ambos os sexos. Ele foi mantido em isolamento e, quando autopsiado, estava grávido novamente e demonstrou dois ovários funcionais e dois testículos inférteis. A preparação cromossômica revelou um número diplóide de autosomos e dois cromossomos sexuais de configuração incerta.

Um estudo foi realizado em um hermafrodita humano no Departamento de Obstetrícia e Ginecologia, Chicago, Hospital Lying-in, Illinois¹. O objetivo dessa pesquisa foi determinar os eventos concepcionais resultantes em um verdadeiro hermafrodita do tipo 46XX/46XY e relatar a primeira gravidez em um hermafrodita do tipo 46XX/46XY verdadeiro com um ovotestis.

O desenho desse estudo envolveu estudos de cromossomos realizados em linfócitos e fibroblastos de pacientes; antígenos de glóbulos vermelhos, antígenos de leucócitos humanos e a presença de ácido desoxirribonucleico de cromossomo Y foram, também, analisados. Os resultados foram comparados com os dados dos grupos sanguíneos dos pais e dos irmãos.

O resultado desses estudos demonstrou que nosso paciente é uma quimera, um organismo em que existem pelo menos dois tipos de tecidos diferentes em sua constituição genética, portanto, com duplas contribuições materna e paterna. Além disso, apesar da presença de um ovotestis, ela concebeu e deu à luz uma criança.

1 Journal of Fertility and Sterility – JC: evf 57(2): 346-9 1992 Feb.

ÍNDICE

A

A Religião do Islã	155
Aborígenes	31
Adão	xiii
Adão e Eva 4, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 45, 50, 51, 57, 68	
<i>Análise da história do pecado</i> <i>de</i>	27
<i>Passagem Bíblica sobre o pecado</i> <i>de</i>	30
África	31, 160, 161, 175
Ahmad, Hazrat Mirza Ghulam	
<i>Declaração sobre Jesus Cristo</i>	122
<i>Messias Prometido e Fundador</i> <i>da Comunidade Muçulmana</i>	
<i>Ahmadia</i>	122, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 184, 185
Ahmadi Muçulmanos .xiv, 88, 89	
<i>Crença que Deus aceitou a ora-</i> <i>ção de Jesus Cristo</i>	88
<i>Entendimento da Crucificação</i> <i>de Jesus Cristo</i>	80
Al-Mahdi	
<i>Hazrat Mirza Ghulam Ahmad</i> ^{as}	
	173

Antigo Testamento 3, 33, 34, 58, 73, 96, 116	
Ascensão	116, 117, 118, 119, 169, 170, 178
<i>Falta da menção nos Evangelhos</i> <i>Originais</i>	116
Ásia	31, 175
Ateísmo	
<i>Disseminação do</i>	4
Austrália	31

B

Bagdá	138
Bíblia... 3, 40, 65, 67, 82, 90, 117, 118, 139	

C

Casa de Israel	
<i>Promessa de Jesus para a</i>	84
Caxemira	122, 123
Crime e Punição	
<i>Falhas na Filosofia Cristã sobre</i> .	45, 46
<i>Filosofia Cristã sobre</i>	34, 35
<i>Relação entre</i>	41
Cristianismo	
<i>Evolução do</i>	145

Cristo

- Cenário respeitoso e realístico sobre o nascimento de*..... 11, 12
Como ele Nasceu 13
Contentamento Espiritual e Sacrifício de 63
Crescimento dos entendimentos conflitantes sobre..... 1
Filiação de..... 9
Grandeza e Realidade Humanas de..... 50
Importância no mundo contemporâneo..... 1
Nascimento de 11, 12, 13
Primeiros seguidores de..... 146
Rivalidade entre as religiões causada pelos diferentes entendimentos sobre..... 1
Significado da morte em relação a..... 64
Crucificação 1, 79

D**Designio de Deus**

- Para a reprodução e a sobrevivência das espécies* 10

Deus

- Aparente Contradição entre a palavra e o ato de* 4
Jovens Contemporâneos perdendo a fé em 3
Criador do universo..... 4

Dez Mandamentos..... 6**Divindade**

- Três partes da*..... 71

Dogmas Cristãos

- Contradições dos* 78

E**Ebionitas**..... 146, 147, 148

- Consideraram Jesus como mortal*..... 146

Elias..... 169, 170, 184**Espírito Santo**..... 71, 72,

73, 74, 75, 76, 78, 127, 128, 132,

133, 134, 135, 136, 137, 140,

141, 142, 147, 150, 153

De acordo com o Dogma

Cristão 71

Papel do..... 72

Estados Unidos da América

Ilustração do estado da criminalidade nos..... 42

Etiópia 31**Europa** 31, 175**Eva^{as}** 4**Evangelho dos Ebionitas**

Evangelhos do Nazareno 146

Expição

Conceito das outras religiões sobre o dogma Cristão de 47

Qual foi o impacto da..... 68

Expição da Humanidade

Características do plano para a 26

F

Filho de Deus

Complexidades na crença em
Jesus como..... 18, 19
Problemas no entendimento
Cristão de Jesus como 18, 19

Filhos de Israel..... 93, 154

Filiação de Deus

Possibilidade do cumprimento
literal da 12

Filosofias

Impacto da mistura de 5

G

Galileu

Reversão do julgamento
contra 4
Rixa com a Igreja..... 4

H

Hebreu..... 146

Hermafroditismo

Explicação Científica do .14,193

Hinduísmo 48,171

Hindus

Ensinaamentos sobre os
Intocáveis 7

Humanidade

História da..... 31
Manu Samarti 7

I

Igreja de Jerusalém

Conduzida pelos Ensinamen-
tos monoteístas pregados por

Tiago..... 146

Igreja Ocidental

Seguiu a Doutrina da Trindade
de Paulo 146

Ilhas do Pacífico 32

Império Britânico..... 171

Império Romano 94,128,149,150

Índia..... 122,124,171,172,174

Instituição do Sistema de Profetas
 153

Irã..... 149

Iraque..... 149

J

Jerusalém 35,146,147,149

Jonas..... 82,83,87,88,109

José de Arimatéia..... 89, 91

Judaísmo..... 1,83,155,164

Judéia 51,80,83,84,85,89,94,119,
 121,123,165,170

Justiça e Perdão

Atributos combinados de

Deus..... 45, 47

Coexistência 46

Relação entre a Expição e 45

L

Livros Divinos

Crença Muçulmana sobre..... 33

M

Macbeth..... 144

Maria

Santa mãe de Jesus 11, 13, 16, 19,
20, 26, 96, 112, 114, 170, 185

Messias Prometido

O fato histórico..... 177

Milagres

*Entram em ação conforme o
comando de Deus*..... 16
Visão Islâmica sobre..... 16
O que são..... 16

Mistério

*Das três vertentes da
Divindade*..... 78

Moisés

Santo Profeta 46
Profeta para o povo judeu..... 181

Movimento Pelagiano..... 35

Muçulmanos

Artigo de fé fundamental dos... 2

N

Nascimento Virgem

Possibilidade Científica do.... 14,
15
Pesquisa científica sobre 13

Natureza e Universo

*Entendimento Judaico-Cristão
não realista do*..... 3

Neandertal..... 31

Nova Iorque..... 42

Novo Testamento.... 3, 33, 46, 62,
82, 86, 87, 91, 92, 96, 116, 137

O

Os Versos Satânicos

*Notório livro de Salman
Rushdie*..... 112

P

Palestina..... 123, 147, 170

Papa João Paulo II..... 4

Partenogênese

Explicação científica da... 14, 191

Paternidade

Base científica da..... 10

Pecado e Castigo

*Proclamação do Sagrado Corão
sobre*..... 29

Pecado e Expição

Doutrina Cristã de 28
Falhas na Filosofia Cristã de. 28,
29, 30, 31

Importante artigo da fé cristã. 25

Pecado Herdado..... 34, 51, 60, 151

Pergaminhos do Mar Morto.....
147, 148

Pilatos 86, 87, 89, 90, 121

Pomada..... 59, 60, 92, 93, 187

Povo Judeu..... 111, 112, 182

Punjab, Índia 171

Q

Qadian, Índia ... 122, 170, 184, 185

R

Rabino Akibah..... 112, 113

Reencarnação

*Visão do Hinduísmo e das outras
religiões sobre 48*

Renascimento

Período inicial do..... 3,5

Ressurreição

*Cenário da revivência de Jesus
da morte..... 96*

S

Sacrifício

*Relato Bíblico da Crucificação
retrata-o como relutante... 51, 52*

Sadhu

Hermita hindu 124

Sagrado Alcorão. 31, 39, 69, 109,
133, 137

Sagrado Fundador do Islã.....171,
177, 182

São João 73, 92, 116

São Lucas.....140

São Mateus 116, 118, 147

São Paulo 104, 105, 107, 146,
149, 150, 156

Sinal de Jonas..... 82

Sofrimento Humano

Relato Bíblico sobre..... 31

T

Talmud

*Ensino em relação aos
Gentios do 7*
